THE LIBRARY OF CONGRESS
1800

UMA EPOCA — XI

JOAQUIM LEITÃO

AS ALLIANÇAS DAS CASAS DE BRAGANÇA E HOHENZOLLERN

Edição do Auctor. — Porto, MCMXIII
Typ. de A. J. Silva Teixeira, Suc. — Porto

Monograph

U.S. LIBRARY OF CONGRESS
1800

AS ALLIANÇAS DAS CASAS DE BRAGANÇA E HOHENZOLLERN

Do mesmo auctor:

Collecção de volumes abrangendo o movimentado periodo da vida politica portugueza tragicamente iniciado em 1908, subordinada ao titulo generico

UMA EPOCA

I — **D. Carlos, o Desventuroso** (1908). 1 vol. broch. 2.ª edição 600

II — **Diario dos Vencidos** (1911). 1 vol. illustrado com o retrato de Frederico Pinheiro Chagas, broch. 800

III — **A Comedia Politica** (1911). Entrevista com os homens dos ultimos dias da Monarchia e com os dos primeiros dias da Republica. 1 vol. 700

IV — **Os Cem Dias Funestos.** Processo e condemnação do ultimo Presidente do Conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza, e do seu livro *Para a Historia da Revolução* (1912). 1 vol. broch. . . . . 1$000

Incursões Monarchicas

(Historia completa das duas incursões monarchicas desde a formação do grupo de emigrados da Galliza até aos internamentos em Cuenca, narração dos combates de Vinhaes, Cazares, Valença, Chaves e Soutelinho, e a emocionante narrativa das guerrilhas de Cabeceiras de Bastos. 6 volumes amplamente illustrados com photographias dos locaes, plantas das marchas e dos combates, e retratos das principaes figuras).

Primeira incursão

V — **Os Emigrados da Galliza** (Como se formou a Galliza).

VI — **A Columna de Couceiro** (A 1.ª Incursão).

Segunda incursão

VII — **Couceiro, o Capitão Phantasma.**

VIII — **Em Marcha para a 2.ª Incursão.**

IX — **O ataque a Chaves.**

X — **As Guerrilhas do Padre Domingos.**

XI — **As Allianças das Casas de Bragança e Hohenzollern** (Casamento d'El-Rei D. Manoel II).

XII — **Os que desappareceram** (Mouzinho d'Albuquerque, El-Rei D. Carlos, D. Luiz Fillippe, Rainha D. Maria Pia, Frederico Pinheiro Chagas e Fialho d'Almeida).

Em preparação:

O Cego das Romarias. Romance. (Estudo do Messianismo Nacional).

UMA EPOCA — XI

Joaquim Leitão

AS ALLIANÇAS DAS CASAS DE BRAGANÇA E HOHENZOLLERN

O Casamento d'El-Rei D. Manoel II

Edição do Auctor. — Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor — Officinas movidas a electricidade — Rua da Cancella Velha, 70-1.º — Porto, MCMXIII

II P673
.L4

7293A1
My20 42

J'8E22 F43

PREFACIO

O casamento do Senhor D. Manuel II, tenha a Causa Monarchica o futuro que tiver, é um facto politico mediatamente ligado ao periodo historico que vimos registando nas paginas d'esta serie.

Coleras, lutos, commoções, esperanças, revoluções, contra-revoluções, noivados, — é tudo isso que exprime **Uma Época.**

Em 1908 podia escrever-se a historia portugueza de 1910; 1913 é filho de 1910, a continuação da mesma obra dictada pelo mesmo auctor — O Destino —, escripta pelos mesmos mediuns, *a Politica e a Historia.*

O casamento d'El-Rei pertence á Historia de Portugal, contém-se nos grandes acontecimentos

*d'**Uma Época**, em que Portugal, ainda sem se explicar os recentes dias que o commoveram, anceia por descortinar as jornadas por vir.*

Do ajuste do casamento á celebração da cerimonia, tudo revela a Época a que se refere o fasto.

N'outras circumstancias historicas, o casamento seguiria as bastas do protocollo: uma alta personagem, representando o Rei de Portugal, receberia a mão da Princeza na capella de Sigmaringen ou em qualquer templo catholico de Berlim; um navio de guerra portuguez, acaudatado por naus estranhas, deporia no Tejo por um dia de sol, a nova Rainha, e a nave de S. Domingos ouviria por palavras de presente confirmar os esponsaes.

A Época em que o grande facto veio a passar-se modificou o cerimonial.

Tanto que se ámanhã, d'aqui a seculos, alguem désse com este livro truncado e apenas lèsse a narrativa d'esse cerimonial, deduziria desde logo o lapso historico em que acontecêra.

Que o casamento d'El-Rei contribua ou não para modificar a Época, elle ficará sempre tendo uma significação, e dará, qualquer que ella seja, uma resposta á Historia e uma lição á Politica.

Por isso este livro, que, litterariamente, não é para nós mais do que um accidente de estrada, um momento de gala nas intranquilidades do exilio, historicamente é um dos élos d'esta cadeia

de acontecimentos que, cada dia, mais provam não ser productos do capricho humano, mas consequencias fataes e docilissimas da correlação historica.

Este volume não é, pois, a oração paranymphal aos Regios Noivos, nem o cartucho d'arroz com que a tradição germanica cobre de bons augurios os nubentes reaes, amoravel fio das idades que áta a mancheia de confeitos jogados nas bôdas da nossa provincia ao vir do altar.

*É um tomo rigorosamente classificado n'esta estante onde se vão arrumando os tombos d'***Uma Época** *da vida nacional portuguêsa e que, succêda o que succeder, nem nos ha-de sumir nem empequenecer.*

Tudo quanto succede é preciso, e tudo acontecerá menos desapparecer Portugal.

Já os cachões desesperados do diluvio universal haverão encoberto os capacêtes dos gigantes, e ainda a agua não dará pelos calcanhares a Portugal.

Ao cabo desta Época é certo o renascimento da raça e o resurgimento do caracter incomparavel dos Portuguêses.

E um dia verão que por baixo desta rubrica — ***Uma Época*** *— se poderá escrever: «Por bem!»*

Não lhes direi que não chorêmos ainda muita lagrima.

Mas a vida é o contraste, a terra tem noite e

tem dia, chora-se para bem se merecer a alegria, o soffrimento é o prologo da felicidade, o sacrificio a moeda da ventura, tudo é preciso, até o mal, tudo é «Por bem», tudo é «Por bem!»

Paris, 20 de agosto de 1913.

J. L.

S. M. a Rainha Augusta Victoria

I

As tres allianças

I

As tres allianças

A bandeira azul e branca no castello de Sigmaringen — A Familia Hohenzollern. — Arvore genealogica em que entroncam algumas casas reinantes da Europa. — O Rei Carol da Roumania e o Rei Alberto da Belgica. — A Condessa de Flandres. — O ramo Bragança e o ramo Hohenzollern. — D. Manuel bis-neto da Rainha D. Maria II despósa uma princeza Hohenzollern, tambem bis-neta de D. Maria II.

O enlace d'El-Rei teve na Allemanha esta alta significação: quando o Senhor D. Manuel foi a Sigmaringen, ajustar o seu casamento, o velho castello arvorou a bandeira azul e branca.

Em Portugal, — que nunca procurou enlaces ambiciosos para os seus soberanos, e em todos os actos da sua vida intima e collectiva olhou sem-

pre ao coração — foi grande a satisfação ao saber-se que El-Rei D. Manuel escolhêra, para desposar, a uma Princeza da Casa Hohenzollern.

A Familia Hohenzollern é uma arvore secular de genealogias reaes, e para nós uma evocação de dôces figuras que a lenda perfumou da sua poesia, como se a Historia fosse pesada demais, para baldaquinar tão elevadas almas. A sua nobreza tem quasi a idade de Portugal: differença de um seculo que na vida das arvores genealogicas e na idade dos povos, é o mesmo que um anno de differença entre dois noivos.

«Quando nos fins do seculo XII ficou definitivamente esmagada a grande revolta de Henrique o Leão, os seus immensos estados, dividindo-se na Saxonia e na Baviera, trouxeram á luz uma nova classe de nobreza dependendo do Imperador pelo laço feudal.

Assim entram na historia, quasi ao mesmo tempo, por uma singular coincidencia, o Senhor de um pequeno condado no norte da Suissa que se chamava Rodolpho de Hapsburgo, e um burgrave de Nuremberg, Frederico de Hohenzollern, cujo tronco parece ter sido um dos Condes de Carlos Magno, e seu cunhado, Tassilo de Zollern, na Baviera.

Tal é a remota origem da illustre familia cuja existencia se confunde na historia com a da Germania, sobretudo desde que no primeiro quartel do seculo XV, o Markgraviad do Brandeburgo lhe ia dar, com o seu territorio, o ponto d'apoio necessario á sua prodigiosa carreira. O grande Eleitor, Frederico o Grande, Guilherme I, marcam as tres grandes étapes: a fundação do Reino da Prussia, a sua entrada no numero das Grandes Monarchias da Europa, a restauração, sob o seu sceptro, do Imperio Allemão, arrancado á casa de Hapsburgo pela espada potente de Napoleão I.

Singular é a differença, radical até na sua essencia, entre o Imperio actual e o seu antecessor. Os Hapsburgos foram sempre *uma familia reinante,* mantendo o seu imperio por uma politica artificial, subordinada ao seu interesse proprio: os Hohenzollern foram de principio uma *Casa territorial,* aspera, rude, vigorosa, indo buscar, como dizia Talleyrand, ao seu territorio inhospito sem defeza natural, a necessidade da ambição. Onde ella os levou, desde o Grande Eleitor para cá, di-lo bem alto a historia; porque maneira elle se affirma e domina hoje a politica de todo o mundo, Guilherme II no-lo está diariamente demonstrando. Porque é outro dos caracteres dominantes d'estes

Hohenzollern, o considerarem-se os primeiros Servidores do Estado a cuja frente Deus os collocou, pondo, portanto, toda a sua ambição em levantar ao mais alto o povo que governam, em desenvolver ao maximo a herança recebida.

Ninguem mais que o Kaiser actual encarnou este ideal historico dos Hohenzollern, nenhum entre os chefes d'estado contemporaneos se lhe avantaja na larga e elevada comprehensão do seu dever. Tão moderno, tão actual, tão realista na sua politica, um dos mais capazes, o mais energico, com certeza o mais curioso e interessante entre os Soberanos, o Kaiser na sua complexa individualidade concilia ainda o que ha de mais tradicional, de mais respeitador do passado no seu grande officio de reinar. D'ahi a consideração especial, a estima constantemente affirmada e conhecida por todos, que elle manifesta pelo ramo mais velho da sua casa, por aquelle, que nas grandes luctas religiosas que dividiram a Allemanha da Reforma, soube sempre guardar a fé catholica dos seus maiores» [1].

---

[1] Ayres d'Ornellas — «A Familia Hohenzollern», artigo publicado no n.º 22 do Semanario monarchico português «O Correio», de 3 de Maio de 1913.

Esse ramo catholico da Familia Hohenzollern tem dado á Europa Reis prestigiosos e veneradas figuras de Rainhas.

Ahi foi a Roumania independente buscar o Rei Carol, cujas recentes glorias, na desgraçada guerra da Bulgaria com os Alliados, affirmam que o seu sangue não esqueceu a epopeia imperial. O Rei Carol, — que a historia da Roumania cognominará o «Grande», e o seu parlamento quer coroar de loiros, — como os Senadores da velha Roma fizeram a Cezar, — é filho do Principe Carlos Antonio de Hohenzollern, casado com a Princeza Josephina de Bade, filha mais velha da Grã-Duqueza Estephania de Beauharnais, que Napoleão I adoptou e creou Alteza Imperial. A avó materna, que o Principe-reinante de Hohenzollern, Carlos, desposou em 1808 era a princeza Antonieta-Murat, sobrinha do Rei de Napoles.

E o Rei Alberto da Belgica é nem mais nem menos que um sobrinho do Rei Carol, filho d'uma irmã d'este — Maria Luiza Alexandrina Carolina de Hohenzollern, que nascendo nas imponentes margens, do Danubio, no «Prinzenbau» de Sigmaringen, sahiu um dia da capital do pequeno principado, cedido á Prussia em 1849, Princeza de

Hohenzollern, e entrou na Belgica Condessa de Flandres, pelo casamento com Philippe de Saxe-Coburgo-Gotta, neto do Rei Luiz Philippe e irmão do Rei Leopoldo II.

A Princeza Maria Luiza de Hohenzollern e o Conde de Flandres receberam-se na igreja de Santa Edwiges, em 1867; ao trocar do annel nupcial, o official de serviço tirou o capacete e o canhão salvou.

A Leopoldo II e ao seu povo não desagradaram estes grandiosos cerimoniaes que sagravam a independencia do joven reino belga.

Mas a côrte das Tulherias não viu com os mesmos olhos o enlace do Conde de Flandres com uma princeza allemã.

O Conde veio logo a Paris apresentar a sua mulher a Napoleão III e á Imperatriz Eugenia.

A Condessa de Flandres era linda e distincta o bastante para não dissipar todas as prevenções, e não receber nas Tulherias o mais inesquecivel acolhimento.

O fim tragico do Imperador Maximiliano do Mexico, que, por telegramma do Rei Leopoldo, os Condes de Flandres souberam em Paris antes do embaixador da Austria, não os deixou visitar a

secção belga da exposição universal que n'esse momento endoudecia Paris, e a noiva do Conde de Flandres entrou na Belgica já vestida de luto; mas levando mais uma amiga — a Imperatriz Eugenia.

A vida do palacio da Rua da Regencia, perfumada de predilecções artisticas, passou-se em volta de quatro bêrços: o do Principe Baudouin, (nascido em 1869); o da princeza Henriquêta, (nascida em plena guerra franco-prussiana); o da Princeza Josephina (1872); e o de Principe Alberto (1875).

A morte do Duque de Brabant, filho do Leopoldo II e herdeiro do throno, tornou principe de sangue o Conde de Flandres. A corôa da Belgica devia vir um dia a ser cingida pelo filho mais velho dos Condes de Flandres — o Principe Baudouin.

Já popular em todo o reino, já amado como futuro soberano, o Principe Baudouin morreu com vinte e dois annos, d'uma pneumonia infecciosa, em 1891.

Assim herdou a corôa de seu tio, o actual Rei Alberto que é mais um representante coroado da nobre Casa de Hohenzollern, educado pela Condessa de Flandres sob esta alta divisa de uma

mãe de rei: «Para realisar grandes coisas, os que dirigem povos devem ser escrupulosos nas mais pequenas coisas».

Um sobrinho da Condessa de Flandres e do Rei Carol, o Principe Fernando — filho da nossa querida Infanta D. Antonia de Bragança, — é o herdeiro do throno da Roumania.

Mas se a Familia Hohenzollern tem altos logares nas genealogias reaes, tem tambem, e de ha muito, um logar no coração de Portugal.

N'essa Familia, onde os principes são bons soldados, e as princezas figuras de legenda e mães de altar, casou D. Pedro V, casou a nossa linda Infanta D. Antonia, a alegria da casa de D. Maria II e dos dias scismadores do «Muito Amado», e ahi casou agora o Senhor D. Manuel.

Deu-nos a Rainha Estephania; dá-nos a Rainha Augusta Victoria, que já tem sangue português e as virtudes da nossa raça, a sommar ás da casa Hohenzollern, pois que é uma neta da Infanta D. Antonia de Portugal, uma bis-neta da Rainha D. Maria II.

As linhas genealogicas das duas casas o dizem.

- Casa de Bragança
  - **Rainha D. Maria II e D. Fernando II**
    - Principe Real D. Pedro v . .
    - Infante D. Luiz.
    - Infanta D. Maria.
    - Infante D. João.
    - Infanta D. Marianna.
    - Infanta D. Antonia . . . . .
    - Infante D. Fernando.
    - Infante D. Augusto.
    - Infante D. Leopoldo.
    - Infanta D. Maria.
    - Infante D. Eugenio.
- Casa de Hohenzollern, Sigmaringen
  - **S. A. R. Carlos Antonio e Josephina de Bade**
    - S. A. R. o Principe Leopoldo.
    - Antonio, ferido em 1866, na batalha de Koeniggraetz, morrendo tres semanas depois.
    - Carlos, Rei da Roumania.
    - Frederico Eugenio.
    - A Princeza Estephania. . . .
    - D. Maria Luiza, Condessa de Flandres, mãe do Rei dos Belgas, fallecida em 26 de novembro de 1912.
- Sem sucessão
  - S. A. S. Guilherme . . . . .
    - Fernando, principe herdeiro da Roumania.
    - Carlos Antonio, major general.
    - Maria Thereza de Bourbon, Secilia
      - S. M. A Rainha Augusta Victoria esposa de El-Rei D. Manuel.
      - Frederico Victor.
      - Francisco José.

Este consorcio de S. A. R. a Princeza Augusta Victoria (filha de S. A. S. o Principe Guilherme, neta da Infanta Senhora D. Antonia de Bragança, e bis-neta da Rainha D. Maria II) com S. M. o Senhor D. Manuel II (filho de D. Carlos, o «Desventuroso», neto de D. Luiz I, bis-neto de D. Maria II) une, portanto, dois bis-netos da Grande Rainha Constitucional.

É a terceira alliança entre as duas casas.

Tão gratas foram aos Portuguêses as duas primeiras, que não sabemos fallar n'esta nova alliança, sem evocar as outras.

Assim o coração se comprouve em repassar a historia das Allianças das Casas de Bragança e Hohenzollern.

S. M. a Rainha Augusta Victoria

II

Uma Portuguêsa da Côrte da Rainha Estephania

II

Uma Portuguêsa da Côrte da Rainha Estephania

O bom «jeune-homme». — O sr. Hyde de Neuville nas Tulherias, no «Temple», e nas conspirações. — O Dr. Roland e Fouché. — Madame Hyde de Neuville, para levantar a accusação de que seu marido houvesse tomado parte no attentado do «3 nivose», vae ter com Napoleão a Austerlitz. — A Restauração nomeia Hyde de Neuville embaixador em Lisboa e a «abrilada» nomeia-o Barão da Bemposta. — O sobrinho do Sr. Hyde de Neuville, Conde de S. Leger, bate-se nas linhas do Porto, ao lado de D. Pedro IV. — S. Leger desposa a filha do Conde de Subserra. — A menina Subserra (Larue, Neuville, e S. Leger) na côrte da Rainha Estephania. — A memoria da Marqueza de Rio Maior. — O archivo da Casa Rio Maior e os manuscriptos da Condessa de Flandres.

Em 1790, plena revolução francesa, ao apresentar-se na aula de rhetorica do collegio *Cardi-*

nal-Lemoine, em Paris, o substituto do padre *Levasseur*, que se recusára a fazer o juramento obrigatorio da constituição civil do clero, — um estudante levantou-se para declarar que não recebia as lições de um sacerdote que desobedecêra á Igreja.

Dito isto, saiu da aula.

Paris vivia os dias vermelhos de 90 a 93. O barrete phrygio, enterrando-se cada vez mais na cabeça da Revolução, vendava de sangue os olhos da França.

Com a mesma cavalheiresca intransigencia que recusára as lições do padre *assermenté*, o estudante, para não prestar juramento á Revolução, recusou o posto d'ajudante de campo de Casabianca. Essa creança seguiu os reis, oppondo o seu magoado respeito ás malquerenças e insultos que acompanharam a familia real durante o seu disfarçado encarceramento nas *Tulherias*, — antecamara do *Temple.*

N'aquella tumultuosa noite em que á chegada da Rainha á *Opera,* alguns manifestantes só se descobriram depois dos protestos unanimes dos realistas, foi ainda esse estudante que arrancou o chapéo a Ducos, depois membro da Convenção, que affirmava não haver quem podesse obrigal-o a

descobrir-se, perante a mulher do primeiro funccionario publico.

A mocidade é exaltadamente partidaria. A pureza do coração contribue para a exaltação da cabeça. Esse rapaz não podia deixar de tornar-se um *realista fogôso* que se filiasse em todas as associações politicas onde diariamente se sonhassem contra-revoluções. O marquez de Champcenetz, governador das *Tulherias,* dá-lhe um cartão de livre entrada no palacio, e o desinteressado rapaz torna-se a boa sombra da familia real; a Rainha inspira-lhe uma dedicação quasi romanesca.

No dia em que Luiz XVI quiz partir para S. Cloud, 18 d'abril de 1791, encontrava-se o fogôso realista no claustro do palacio das Tulherias. A multidão cortava o caminho á carruagem real. Os realistas eram numerosos e queriam luctar. O proprio La Fayette mostrava-se decidido a secundar a partida da familia real. Mas o Rei oppôs-se, horrorisado á ideia de fazer derramar sangue francês. A resistencia popular crescia. A multidão cercava as grades do palacio, rodeava a carruagem, ululava ameaças á familia real.

Durante cerca de duas horas, o principe foi crivado d'ultrages. A Rainha, cuja serena coragem se não desmentia um só instante, pediu um

da França, da Europa e mesmo da America; mas sabia bem o quanto a sua dedicação queria tentar fazer para salvar a vida do seu Rei.

A opinião publica era favoravel á familia real, havendo mesmo manifestações de sympathia. A Convenção hesitava em lavrar a sentença que os *sans culottes* lhe dictavam; as sessões prolongavam-se; alguns deputados estavam indecisos; *o bon jeune homme* encarregou-se de lhes fallar.

Havia uns luares de esperança que a manhã de 19 de janeiro varreu de todo.

Dois dias depois, o *Terror* estava iniciado em França, e só restavam uma mulher e uma creança aos homens de coração e de lealdade para se dedicarem.

A execução de Luiz XVI fôra o termo da Realeza, mas não o da Revolução. Essa continuava a reclamar victimas, martyres, sangue, como um bebado póde reclamar mais vinho quanto mais se lhe seccam as guélas. Não faltavam desgraçados a arrancar á guilhotina. O *bon jeune homme* arrancou, das garras de Fouché, Pierre Mangue, accusado de se referir irrespeitosamente a Robespierre e a Montagne, e, depois d'essa defeza audaciosa e brilhante que obrigou o tribunal a reconsiderar, ainda liberta quatro padres, presos nas cadeias de Nevers.

Notado, as perseguições, que evitára aos outros, cahem sobre elle. E, preso em Cosne, perto do seu *château* de *Lestang,* quando lhe dão uma liberdade provisoria, encontra a turba-multa demagogica reclamando o julgamento de Maria Antonieta.

Entretanto, o espectaculo d'esse angustiado coração de mulher, a quem tinham arrancado o marido para o guilhotinar, e cuja força lhe era agora dada pela figura transida do Delfim, despertára nos proprios republicanos, encarregados de guardar a Rainha, dedicações e commovidas sympathias. Entre esses dedicados, contava-se o inspector das prisões, Michonis, em quem a Republica teve um partidario zeloso e sectario até á primeira vez que elle abordou os augustos prisioneiros. Ao presenciar, porém, a desgraça da familia real e a nobreza com que a supportavam, sentiu-se tomado de um ardente desejo de reparar as injustiças da sorte.

— *Sou republicano, mas dava, como o senhor, a minha vida por elles!* — declarou Michonis ao *bon jeune homme.*

E, depois de fracassado o plano de Mr. Toulau, Michonis, antes de dar a sua cabeça á guilhotina do Terror, preparou outro plano para libertar Maria Antonieta, plano tambem descoberto e que teve,

por involuntaria consequencia, a separação da Rainha e do Delfim, e a transferencia da viuva de Luiz XVI da prisão do *Temple* para a *Conciergerie.*

O *bon jeune homme* foi de todos os *complots* que tentaram arrancar Maria Antonieta aos ferros da *Conciergerie* e ao cesto de Samsom, o executor das altas obras, do *complot* de Jobert, como do do cravo vermelho do cavalleiro de Rougeville.

É provavel que Maria Antonieta morresse sem saber o nome do *bon jeune homme;* mas a policia da Revolução sabia muito bem que o adolescente que seguira, fascinado, a esteira da desgraça da Rainha martyr se chamava Hyde de Neuville que, dos seus maiores, desterrados da Inglaterra com os Stuarts, herdára o sangue lealmente realista.

Nascido de sangue inglez, segundo o retrato á penna feito por Lamartine, elle trouxe para França esse fanatismo do parlamento dos Stuarts que personifica n'uma raça leal a honra, a religião e a Patria, e á qual o expatriamento e o cadafalso apparecem como deveres do seu culto. Hyde de Neuville dedicou aos Bourbons a mocidade, a fortuna, a sua cabeça. Conspirador infatigavel, sob a Republica e sob o Imperio, emissario corajoso do Rei e dos Principes em Paris, vivendo a metade

da vida sob nomes falsos, furtando-se á policia do Directorio e de Bonaparte graças a outra policia mais occulta de que elle urdira os fios, até á capital, em serviço dos Bourbons; ligado aos Polignacs, aos Bourmont, aos Riviére, aos Moreau, aos Pichegru, aos Georges, aos Clichiens, aos vendeanos, — só uma vez se defendeu: quando a policia de Fouché, para lisongear Bonaparte, o accusou de cumplicidade no 3 *nivose* (24 dezembro, 1800) cuja machina infernal dirigida contra o Primeiro Consul esteve muito perto d'assassinar o vencedor do Egipto.

Hyde de Neuville gritou então: «*Sou capaz de me bater na guerra pela fé da causa, mas incapaz de collaborar n'um crime!*»

Mas a policia procura-o, persegue-o, e Mr. e Madame de Neuville, vão para La Rochelle onde Hyde de Neuville, sob o nome de dr. Roland, vaccina o povo, e salva tantas vidas que o ministro do Interior lhe agradece os seus humanitarios serviços, numa carta historica, sem saber que o famoso dr. Roland é o realista que Fouché fareja por toda a França, desde a Vendea a Paris.

Rovigo instiga Bonaparte, o Primeiro Consul quer saber proscripto o realista, e Madame Hyde de Neuville resolve ir falar a Napoleão. Acompa-

nhada do marido até á fronteira suissa-allemã, a Senhora Hyde de Neuville parte depois, só com uma dama amiga, atraz da *Grande Armée* victoriosa.

A estrella de Napoleão cada dia nascia em seu campo de batalha. Madame Hyde de Neuville percorre o rastro astral: é Augsburgo, é Munich, Lintz. A esposa do proscripto realista viaja ora em carripanas que se esmigalham nos fossos, ora em barcos de munições pelo Danubio acima. Depois é Molke, por fim Vienna; e Napoleão avançando sempre, vencendo sempre, combatendo sempre, sem dar sequer por esse coração de mulher que a sua esteira victoriosa vae arrastando, dilacerando-o.

Emfim, ouve-se o clamor da victoria de Austerlitz.

Napoleão está á frente da *Grande Armée.* E só um mez depois, o principe Murat e o marechal Berthier podem communicar a Bonaparte a missão de Madame Hyde de Neuville: dizer ao Imperador que o Senhor Hyde de Neuville acceita o exilio perpetuo nos Estados-Unidos, como realista, mas que em vez de ir embarcar a Italia, deseja embarcar em Hespanha, atravessando toda a França, com passaportes para que se não supponha que

elle vae fugido á perseguição do attentado do *3 nivose.* Os passaportes e auctorisação do governo, para atravessar a França, destruiriam a calumnia.

O Imperador respondeu:

— *Isso é bello! Isso é francez!*

E, sabendo os sacrificios da Senhora Hyde de Neuville, percorrendo todo o caminho victorioso das aguias napoleonicas, para pleitear junto do Imperador, o protesto contra a accusação d'um crime, Napoleão encarregou o marechal Berthier de lhe dizer que *ella era uma mulher digna, e que o Imperador lamentava não poder conceder-lhe mais do que ella pedia:* o exilio.

A restauração termina esses longos annos de proscripção e faz do proscripto o Barão Hyde de Neuville, embaixador de Luiz XVIII em Washington primeiro, depois no Rio de Janeiro.

Mas a insurreição do Rio de Janeiro, que provoca o retorno de D. João VI a Lisboa, transfere-o embaixador para Portugal, e elle que não chegára a ir ao Rio entregar as credenciaes, vae entregal-as a Lisboa.

O Barão Hyde de Neuville chegou a tempo de conhecer os negocios e os homens da côrte portuguêsa, apreciar a lealdade do conde de Subserra, a honradez e o valor politico de D. João VI, as

maquinações de Beresford, e parar o 30 d'abril, em cuja manhã o embaixador francês soube convocar na Nunciatura o corpo diplomatico, e correr para junto do Rei de Portugal, ao Palacio da Bemposta.

E, graças á energia do senhor Hyde de Neuville, o corpo diplomatico, abrindo caminho por entre a soldadesca da sublevação, atravessando tres salões desertos, vae dar com D. João VI na sala do throno, acabrunhado de dôr, acompanhado pelo seu fiel Marquez de Torres Novas e pelo Beresford.

Com uma altivez bem francêsa, o senhor Hyde de Neuville pergunta ao estrangeiro Beresford, se elle é ministro de Sua Magestade Fidelissima; á negativa, o embaixador francês correu o intruso com estas palavras:

—«Entre El-Rei e o corpo diplomatico não póde haver outro intermediario senão o ministro dos negocios Estrangeiros.»

E, depois da submissão do Principe D. Miguel, é ainda o Barão Hyde de Neuville que esclarece os conjurados dizendo em voz alta:

—«Não conheço por ministro dos estrangeiros senão o Marquez de Palmella, e só com elle me correspondo, emquanto o seu successor não

puder ser nomeado fóra da influencia das bayonetas.»

Nesse edificio, onde está actualmente a Escola do Exercito, e a cujas portas assomavam (até 5 de outubro de 1910, pelo menos) as armas de Portugal e de Inglaterra, affirmando que o paço da Bemposta fôra o palacio da Rainha D. Catharina, filha de D. João VI, e viuva de Carlos II, de Inglaterra; nesse edificio e nesse 30 d'abril, bem mereceu o sr. Hyde de Neuville do Rei de Portugal o titulo de conde da Bemposta, em memoria do Paço onde a sua acção desarmára a abrilada.

Quando o Infante, se assenhoreou do poder, e encarcerou então o conde de Subserra, que estava apontado para ser assassinado em 30 d'abril, o conde da Bemposta já não era embaixador de França em Lisboa; com a auctoridade que lhe dava o conhecimento dos assumptos portuguêses, escreveu uma brochura em que demonstrou, com documentos irrefragaveis, os direitos da filha de D. Pedro.

Hyde de Neuville tinha um sobrinho, o conde de Saint-Leger de Larue, que acompanhou D. Pedro á Terceira e pelo liberalismo se bateu nas trincheiras do Porto.

O conde de S. Leger era filho do realista fran-

cês Larue e de Maria Suzane, irmã de Hyde de Neuville.

Larue conspirou ao lado de Hyde de Neuville, esteve na Cayêna e nos exilios da America. Homiziado annos seguidos, escondido na propria casa, só se avistava com Madame Larue. O filho não o conhecia. Um dia, tinha a creança seis annos, o pequenito deitou fôgo á casa; a creança gritou, e viu um homem empurrar um armario que escondia uma porta, sahir, pegar-lhe nos braços, saltar uma janella, e salval-a das chammas. Era o pae que pela primeira vez se chegava ao pé do filho. Larue foi o restaurador dos Archivos Nacionaes de França, e, quem visitar o monumental archivo de Paris, lá encontra a estatua do notavel bibliothecario de Carlos x.

Deste illustre Larue e de Maria Suzane Larue (née Hyde de Neuville) nasce o conde de Saint-Leger de Larue.

Saint-Larue é um official francês, com uma carreira brilhante, feita na campanha da Grecia, onde serviu ás ordens do general Maison.

Hyde de Neuville nomeia-o, quando ministro da marinha, para ir a Constantinopla comprar os captivos gregos para os restituir ás familias, encontrando-se nessa missão com o delegado da

Italia, que era o conde de Bobonne, mais tarde consul em Lisboa, onde se radica a familia, e com o delegado inglês, lord Prudo, depois duque de Nothamberland.

Toma parte na guerra de Hespanha, com o Duque d'Angoulème, e o ultimo capitulo dos seus serviços á França é o cargo de *prevost-militaire*, governador da Martinica, durante a revolta dos negros.

Grassava a febre amarella. Saint-Leger cahe doente; dão-o por morto, e, só ao deitarem a cal no caixão para o enterrar, dá signaes de vida. Estava um navio a partir do porto, atiram o corpo de S. Leger para a embarcação, por um descargo de consciencia, a vêr se o ar do mar largo o salvará. Quando o navio aporta a Belle-Isle o conde de S. Leger está salvo.

É 1832.

D. Pedro IV encontrou-o, e diz-lhe:

— Ó S. Leger, você vae commigo para a expedição.

Faz a Terceira, entra em fogo nas acções do Porto [1].

---

[1] O conde de S. Leger deixou uma vasta correspondencia que é preciosa documentação da época das luctas liberaes. Possuimos

Um dia, S. Leger, que tinha um soldado bom cozinheiro, convidára para jantar na sua tenda de campanha, o duque da Terceira, o Lastery, neto do famoso La Fayette, e outros camaradas. Como de costume, Lastery e S. Leger caturravam nessa tarde: Lastery era um avançado, S. Leger um moderado, viviam numa bulha pegada.

Eram os eternos disputadores do direito divino e dos direitos do homem.

Mas a sôpa foi para a mêsa, e deante dum bom jantar como deante duma boa carga de bayoneta, os dois officiaes esqueciam as dissidencias politicas. Iam a sentar-se á mêsa, quando S. Leger recebeu (sem então nem nunca saber quem lh'o enviára), num pepelinho dobrado, e escripto a lapis, um aviso de que os miguelistas estavam a abrir uma brecha por onde queriam entrar no Porto.

Levantam-se immediatamente.

O conde de S. Leger commandava a Legião

---

copias de parte dessa correspondencia. Não lhe damos aqui publicidade, porque neste volume, provocado por uma gala, a primeira que a Monarchia tem desde 1908, entendemos deslembrar tudo quanto seja luctas e desavenças.

J. L.

Estrangeira, composta do refugo das revoluções de 30, em Paris. É o primeiro a chegar ao ponto ameaçado. O combate é renhido. As mulas d'artilharia são mortas pelo fôgo inimigo; os officiaes, puxam ás peças; de 28 officiaes, escapam trez. S. Leger é ferido por um balazio no braço esquerdo que lhe estilhaça os ossos, d'onde toda a vida sahiram esquirolas.

Os miguelistas são repellidos, e S. Leger, apezar de dolorosamente ferido, não fica para traz. O braço esquerdo ao peito, o direito póde bem com a espada. Segue o Imperador. Mas, nas linhas de Lisboa cae num fosso, bate sobre o braço, e a fractura, ainda mal soldada, torna a rachar.

Num fôsso adeante cahira morto Rojecland, outro francês, amigo de S. Leger. Rojecland era, como Bourmont, um official francês alistado nas hostes miguelistas, e ambos amigos de S. Leger e Lastery que contra elles combatiam sob a bandeira liberal.

E é S. Leger quem vae, de noite, levar Bourmont a bordo d'uma nau francêsa para elle não ficar prisioneiro.

Acabadas as guerras liberaes, o capitão conde de S. Leger toma o titulo do conde da Bemposta (que Hyde de Neuville tinha em duas vidas, para

elle, para o sobrinho, seu filho adoptivo), e fica no Paço, como ajudante d'ordens do Imperador.

S. Leger, já conde da Bemposta, casa com a filha adoptiva do conde de Subserra, D. Maria Mancia de Lemos e Roxas.

O conde Subserra morrêra já no forte da Graça, em Elvas, prisioneiro e martyr dos miguelistas.

A condessa de Subserra, em cuja casa o conde de S. Leger é tratado, dá a mão de sua filha ao official francês que dois titulos tinha para herdar a sua casa: o de ter collaborado na libertação do país, e o ser sobrinho de Hyde de Neuville que salvára o conde de Subserra de ser assassinado no 30 d'abril, pelos miguelistas, abrigando-o na embaixada de França.

O conde de S. Leger, a quem o Rei Soldado elevava de conde a marquez da Bemposta, junta assim os dois titulos: Bemposta e Subserra.

Este marquez da Bemposta e Subserra, que serviu D. Pedro IV, D. Fernando, D. Pedro V e D. Luiz e morreu tenente-general, teve uma filha, a menina Subserra, como lhe chamava a côrte de D. Estephania, — D. Maria Izabel, que casou com Antonio de Saldanha Oliveira e Souza, conde, depois Marquez de Rio Maior.

O Marquez de Rio Maior morreu Par do Reino, em 1891.

A Senhora Marqueza de Rio Maior, filha do Marquez da Bemposta e Subserra, conde de S. Le-

10 de Maio 1913
Marqueza de Rio Maior

ger, neta de Larue, restaurador dos *Archives Nationaux,* de França, e segunda sobrinha de Hyde de Neuville, o *bon jeune homme,* fiel cortezão da desgraçada Rainha Martyr, ainda vive.

Tem 72 annos e uma memoria fiel como se, falando, estivesse lendo os archivos da sua casa.

É a Torre do Tombo do Constitucionalismo.

A senhora Marqueza de Rio Maior viveu já cinco reinados: D. Maria II, D. Pedro V, D. Luiz I, D. Carlos I e D. Manuel II.

De todos elles reteve uma saudade, um episodio, um facto, como de cada um dos seus antepassados, tão illustres, guarda a serena coragem da sua fé, a mesma indeclinavel lealdade e firmeza monarchica.

— Ainda se me não dava de tomar parte n'uma bernarda!... — *Dizia ha tempos a Senhora Marqueza de Rio-Maior; e com o castanho fixe das suas pupillas luzindo fé e bom humor, accrescentava:* No tempo dos meus Avós era-se condemnado a morrer enforcado, queimado, e as cinzas deitadas ao mar. Ora estes agora estou que nos não reduzirão a torresmos. Lá na Alhandra dizem: — «*Nós se matassemos V. Ex.ª convinha-nos. Sempre era uma fidalga, e nós não temos cá outra...* » — Mas até hoje lá teem ido passando sem a gloria de matarem uma «canastra»!

É uma Neuville, uma Larue, uma Subserra.

Assistiu ao baptisado de Sua Alteza a Senhora D. Antonia de Bragança, avó da Princeza

Victoria, futura Rainha de Portugal, ao casamento da Rainha Estephania, tia avó da Noiva do Senhor D. Manuel, e passou-se ainda em sua vida, o casamento de El-Rei D. Manuel.

A sua retentativa — precioso cartorio vivo, — nos facultou muito traço d'este vasto e enlevador assumpto, e da sua biblioteca nos proveio ainda muito ajuda documental.

O archivo da Casa Rio-Maior, é uma riqueza; esta Senhora, uma Chronica da Côrte da Rainha Estephania, para occupar um bibliotecario erudito que valia bem a pena de empregar n'essa tarefa de recolher-lhe as memorias, com o mesmo preito e as as mesmas palavras que a Condessa de Flandres catalogava os seus manuscriptos: « *Sou hoje a unica que conheço os acontecimentos da minha geração. Dou-me pressa em reunir tudo para os meus netos, porque ninguem tem certo o dia de ámanhã* ».

S. M. a Rainha Augusta Victoria
e seus irmãos os Principes Frederico Victor e Francisco José

III

O casamento de D. Pedro V com a Rainha Estephania

III

O casamento de D. Pedro V com a Rainha Estephania

O Baptisado de S. A. a Infanta D. Antonia — A Rainha Victoria pensa em casar o Senhor D. Pedro V com a filha. — Outra noiva que a Rainha de Inglaterra pensou dar ao Successor de Maria II. — Dedicação do Conde de Lavradio. — O contracto ante-nupcial de D. Pedro V e da Rainha Estephania. — Casamento por procuração em Berlim. — Os telegrammas trocados entre os noivos após a cerimonia. — A «Bartholomeu Dias» chegando ao Tejo com a noiva de D. Pedro V. — O casamento por palavras de presente em S. Domingos. — O cortejo nupcial e a Voz do Povo. — Um sarau no palacio do Conde da Carreira. — O reinado de D. Pedro V. — Um authographo do discipulo de Herculano. — O cholera e a febre amarella. — A Rainha Estephania

fundando hospitaes.— Um quadro historico para o qual pousou a Senhora D. Marianna, Viscondessa d'Asseca.

—Eu tinha cinco annos quando se baptisou a Infanta Senhora Dona Antonia de Bragança—, conta a Senhora Marqueza de Rio-Maior—E apesar d'essa tenra idade, já porque o baptisado fosse de estadão, já porque fosse essa a primeira festa de estrondo que os meus olhos viam, o facto é que se me ficou gravado, e lembro-me, mas lembro-me como se fosse hoje, de ter assistido. Foi para as janellas dos aposentos dos ajudantes do Paço de Belem, janellas que davam para o largo, que a minha mãe me levou a vêr o desfile. Uma riqueza! Talvez a ultima festa com grandeza, com esplendor em Portugal! Imagine que desde o altar-mór até cá baixo ao ultimo degrau de pedra, até ao largo da igreja de Belem, desciam duas alas de archeiros, com brandões acêsos, ricamente fardados. Os nossos coches antigos, mais numerosos, e muitos d'elles mais ricos do que os que chegaram aos seus dias; o apparato d'uma côrte ainda rica, tudo se juntou para fazer do baptisado da Infantasinha um deslumbramento. Eu apanhei nesse dia uma perrice, porque gostei tanto de vêr

a côrte, que queria á fim da força ir com os paes, para a meza do jantar de gala. Pois eu tinha gostado muito d'aquillo tudo, depois mandam-me para casa, achei que era uma maldade!

E, com um sorriso de reconciliação com a lei da vida, a Senhora Marqueza de Rio-Maior exclamou:

— Ora veja como eu sou velha!...

Lembrámo-nos da phrase do Conde de S. Leger, o Marquez da Bemposta e Subserra, pae d'esta Menina Subserra, que quando o Imperador ou ao depois Pedro V alludiam aos seus feitos militares, se zangava todo, respondendo:

— «*Militar valente é um insulto! Quem diz militar, já se sabe que diz valente!*» —, e dissemos para a Senhora Marqueza de Rio-Maior:

— Uma Senhora que conhece a sua idade, nunca é velha! — (*E ajuntamos*): — Demais V. Ex.ª tem a memoria dos vint'annos.

— Na minha memoria só ha *des vieilles histoires!*

Riu, encolheu os hombros, e com essa naturalidade, das velhas raças, que dá a suprema distincção —, a distincção natural —, a Senhora Marqueza de Rio-Maior continuou a narrar Historia de Portugal:

—Em 1857 casou o Senhor D. Pedro v com a Princeza Estephania, irmã do Principe Leopoldo de Hohenzollern. Esta notasinha que vou contar agora é já decerto do seu conhecimento, porque a propria Rainha Victoria o conta e confessa nas memorias. A Rainha Victoria de Inglaterra gostava muito do Senhor D. Pedro v, e quiz muito casal-o com a filha, que foi depois a Imperatriz da Allemanha. A differença de religiões não permittiu essa união; a Rainha Victoria pensou então em casar D. Pedro v com a pobre Imperatriz D. Carlota, hoje viuva do Imperador Maximiliano, do Mexico, irmão do Imperador da Austria. Mas antes da Princeza Carlota casar com o Imperador Maximiliano, casou o Senhor D. Pedro v com a Princeza Estephania. Ainda ha em casa do meu sobrinho, José, o Marquez de Lavradio, um quadro representando essa cerimonia, vendo-se figuras historicas da época. O casamento foi negociado pelo Conde de Lavradio, D. Francisco d'Almeida. O Conde de Lavradio foi em Paris o representante do Senhor D. Pedro iv durante a emigração. Na vespera do dia em que foi entregar á Senhora D. Maria ii a carta do Imperador, noticiando-lhe que as tropas liberaes haviam tomado o Algarve, tinha-se o Conde

de Lavradio sentado no banco dos réos, em Paris, por não ter podido pagar uma letra de 60:000 francos, que levantára para despezas da causa de D. Maria II. No dia 8 de julho de 1857, soube D. Estephania ter sido escolhida por D. Pedro V de Portugal para sua esposa. No dia 20 foi pedida condicionalmente nos paços de Sigmaringen, pelo Conde de Lavradio em nome de Portugal; por parte do Rei Frederico Guilherme IV da Prussia, chefe da familia e reinante, foi plenipotenciario Luiz Massew, ministro de estado e seu camarista. Se o interessarem as bases do contracto antenupcial, facil lhe será dar com a documentação.

Effectivamente, interessava-nos, e démos com ellas numa obra muito curiosa: «*Rainhas de Portugal*» *(Estudo historico com muitos documentos)*, por Francisco da Fonseca Benevides, da Academia Real das Sciençias. São dois volumes datados de 1879, em que o academico fez a paciente collecção das figuras femininas do thrôno português, desde a Rainha Thareja, de Leão, até á Senhora D. Maria Pia de Saboya.

No segundo tomo de Benevides vem a letra do tratado matrimonial, tal qual elle a encontrou na caixa 4 da collecção dos tratados matrimoniaes, da Torre do Tombo.

O tratado, assignado em Berlim a 8 de dezembro de 1857, e ratificado a 19 de fevereiro de 1858, depois de feito o pedido official e solemne da mão da Princeza, em Dusseldorf, a 15 de dezembro de 1857, consta dos seguintes onze artigos e addicional:

«Artigo 1.º — O Rei Frederico Guilherme IV da Prussia, visto o consentimento paternal do Principe de Hohenzollern-Sigmaringen, accedia ao pedido do Rei D. Pedro V de Portugal, concedendo-lhe a mão de Estephania Frederica Guilhermina Antonia. O casamento, primeiramente celebrado por procuração, seria feito por palavras de presente segundo o rito catholico, logo que a Princeza chegasse a Lisboa.

Artigo 2.º — Depois de celebrado o casamento por procuração seria a princeza logo declarada Rainha de Portugal, e seguiria para Lisboa, até um porto de mar á custa de seu pae, e depois, entregue ao commissario nomeado pelo Rei de Portugal, embarcaria em um navio de guerra português.

Artigo 3.º — O Principe de Hohenzollern e sua esposa, a Grã-Duqueza Josephina, davam a sua filha o enxoval e quinhentos mil francos, em que se comprehenderiam cem mil francos de dote.

Os restantes quatrocentos mil francos eram considerados bens paraphernaes, que só viriam por morte de seus paes á Rainha Estephania.

Artigo 4.º — A noiva renunciava por si e seus descendentes a todos os direitos, apanagios e possessões actuaes e futuras da casa Hohenzollern, e a seus bens moveis e immoveis. Esta renuncia devia ser ratificada por seu esposo, o Rei de Portugal.

Artigo 5.º — A quantia a que se refere o art. 3.º entraria nos cofres do thesouro português, sendo paga metade no dia em que se celebrasse o casamento por procuração, e o resto, com o juro de 5 por cento, um anno depois de ratificado o contracto matrimonial pelo Rei de Portugal, e de haver sido dada hypotheca sobre as rendas do estado para a somma total e seus juros.

Artigo 6.º — Depois de declarada Rainha teria a noiva uma dotação de 60:000$000 réis annuaes, votada pelas côrtes, e casa para habitar, pagando só as despezas pessoaes e com empregados. No caso de sobreviver ao Rei, as despezas da casa da Rainha ficariam a cargo da dotação, salvo o consignado no art. 7.º.

Artigo 7.º — Ficando viuva, gosaria a Rainha a pensão por inteiro, e teria um palacio de resi-

dencia mobilado e sustentado pela corôa de Portugal. Se, porém, fosse residir fóra destes reinos perderia metade da dotação e não haveria indemnisação alguma pela habitação que abandonasse. Se ficasse viuva sem filhos poderia dispôr livremente de seus bens, quer ficasse em Portugal, quer fôsse residir fóra do reino; e ser-lhe-ia restituido todo o dote com o juro de cinco por cento ao anno.

Artigo 8.º — Se ficasse viuva com filhos, e residisse em Portugal, ficaria gosando de tudo. Se, porém, fôsse para fóra do reino teria metade da dotação e um terço dos bens adquiridos de qualquer modo e não pertencentes á corôa; os dois terços restantes pertenceriam aos filhos que ficassem em Portugal, recebendo comtudo a Rainha os juros em sua vida.

Artigo 9.º — Se a Rainha fallecesse antes do Rei, e sem filhos, todos os bens e o dote volveriam á casa Hohenzollern.

Artigo 10.º — No caso de morte antes de se realisar o casamento, ficava nullo este contracto.

Artigo 11.º — Devia o contracto ser ratificado pelos interessados dentro de tres mêses, ou antes se fosse possivel.

Artigo addicional — O presente tratado era re-

digido em francês, sem que, porém, tal circumstancia pudesse ser allegada como exemplo».

Em março, D. Estephania visitava, para as despedidas, as côrtes de Dresde, Calsruche e outras dos estados da Allemanha, e a 25 de abril partia de Dusseldorf para Berlim.

A 29 de abril de 1858 celebrou-se na igreja catholica de Santa Hedwiges o casamento por procuração, sendo o Rei de Portugal representado pelo Principe Leopoldo irmão da Princeza. Officiou o principe-bispo de Breslau, e assistiram á cerimonia os principes da casa da Prussia, e os paes e irmãos da Princeza de Hohenzollern.

Terminado o casamento por procuração, a Rainha Estephania telegraphou a El-Rei:

«*La cérémonie a eu lieu. Que Dieu nous bénisse!*»

O Senhor D. Pedro v respondeu:

«*Ainsi soit-il!*»

Para cumprir a letra do art.º 2.º do contracto, entendeu Portugal não dispôr de navio condigno. Conforme á auctorisação parlamentar, ao pedido do Visconde de Sá da Bandeira, então ministro da marinha, para comprar quatro navios a vapor e um de vela, o governo, não havendo tempo para se levantar nos estaleiros um navio de guerra,

mandou adquirir um já construido, e destinado a Clipper, adquando-o á marinha de guerra e baptisando-o com o nome glorioso do descobridor *Bartholomeu Dias.*

De Ostende a Dower viajou a Rainha Estephania no *Mindelo,* commandado pelo capitão de mar e guerra Dionisio Fortunato do Valle, escoltado pela corveta *Bartholomeu Dias* e dois hiates da Rainha de Inglaterra. De Dower, a Rainha Estephania, acompanhada de seu pae e irmão, foi a Londres, cumprimentar a Rainha Victoria que a recebeu em Buckingham-Palace. De Londres foi embarcar a Plymouth, na *Bartholomeu Dias* que a trouxe a Lisboa, já com comitiva portuguêsa: a duqueza da Terceira, D. Maria de Souza Coutinho, Duque da Terceira, Marquez de Ficalho, Marquez de Souza Holstein, Commendador Viale, Barão de Santa Quiteria, ministro português em Berlim, Commendador Borges de Castro, secretario da embaixada e conselheiro Silva Cabral, addido á legação.

Uma esquadrilha inglêsa, a nau *Renow,* e as corvêtas *Racon* e *Curacõa*, do commando do contra-almirante *Chads,* os navios brasileiros *Tiété, Hiculus, Stajulus* e *Marin,* e o vapor francês *Flambeau* acaudatavam as taboas da *Bartholomeu*

Dias, em cuja camara, castamente decorada a cortininhas de chita, uma virgem rezou as cinco noites da viagem.

O *Mindelo,* que vinha de aviso, adeante, entrou o Tejo a 16, informando que, saidos a 12 de maio (1858) de Plymouth, e arribados á Corunha a 15, não tardaria a *Bartholomeu* a demandar a barra.

O vapor de guerra português *Infante D. Luiz* sahiu para o mar, e vinte e quatro horas depois, a 17, a *Bartholomeu Dias* subia o Tejo, acompanhada pelo *Infante D. Luiz,* o *Mindelo,* conduzindo D. Luiz, o Duque de Saldanha, o Visconde da Carreira e outros personagens, e os vapores *D. Fernando, Camões e Almansôr,* com centenas de pessoas que foram saudar a chegada da Rainha, esposa de D. Pedro v.

«Enfeitada como uma noiva, envolvida n'um vestido de sêda verde mar, achava-se a rainha á entrada do seu salão e escutava o bater cada vez mais distincto dos remos, e os gritos de jubilo cada vez mais altos.

«Que linda não estaria ella, sobresaltada pela emoção de noiva e cheia de reconhecimento para com Aquelle que a tinha conduzido tão feliz até esta alta dignidade.

S. M. a Rainha Estephania

S. M. El-Rei D. Pedro v

«Afinal pararam as galeòtas ao pé da escada do navio, e bem depressa saiu de entre um sequito numeroso, do meio dos generaes condecorados, e ministros, um mancebo sério, grave e vigoroso, que se adiantou com dignidade para aquella que o esperava. Era D. Pedro, seu senhor e rei, seu amigo e esposo! Um vivo rubor tingiu seu rosto suave, e com uma expressão quasi infantil de alegria e amor, estendeu-lhe os braços. O rei beijou respeitosamente a mão delicada que era estendida, encontraram-se os olhares de ambos, e que olhos tão lindos que elles eram! Uns, escuros, profundos, cheios de ardor meredional, outros limpidos e azues como o céu da Allemanha, radiantes de bondade e fidelidade. Se é verdade que almas irmãs se conhecem e se amam á primeira vista, deve este momento ter sido feliz e decisivo na vida de ambos. Mas gozaram delle de fugida, o apparato da cerimonia da saudação comprimiu esta primeira expansão timida do amor.

«Era agora a vez da rainha; os direitos do coração, não os podia fazer valer por emquanto. Depois da rainha ter sido cumprimentada pela familia do seu esposo, e ter recebido as homenagens da Côrte, foi-lhe apresentada a corôa de Portugal

com magnificos e valiosissimos diamantes, tendo a forma de uma corôa de madona da idade-media, tal como se vêem nos paineis do XV seculo sobre as cabeças das virgens» [1].

Pelas onze horas e meia de um dia (18) de maio, lindo mas ventoso, as salvas dos navios de guerra e a artilharia de terra annunciavam o momento de gala em que a Rainha Estephania pisava pela primeira vez terra portuguêsa.

D. Pedro V, que fôra a bordo buscal-a, desembarcou com a Rainha Estephania, e com esse principe loiro, Leopoldo de Hohenzollern, que n'esse dia ficou cuidoso da alegre e linda Infanta D. Antonia.

Ao pavilhão do Terreiro do Paço, — onde esperavam a nova Rainha, o Rei D. Fernando, as Infantas D. Marianna e D. Antonia, e o Infante D. Luiz, rodeados da côrte e funccionalismo — foi a Camara Municipal de Lisboa entregar á Rainha Estephania as chaves da cidade.

E o cortejo seguiu para S. Domingos, com

---

[1] **« Estephania, Rainha de Portugal »** — *Vida de uma Princeza allemã dos nossos dias* — Broch. allemã, sem nome de autôr, publicada em 1873.

a pompa e o cerimonial de D. João IV, sendo os Soberanos recebidos á porta da igreja debaixo do pallio, o acto testemunhado pelos Marquezes de Niza, Ribeira Grande, Fronteira e Vallada, e os noivos abençoados pelo Cardeal Patriarcha.

A ceremonia, que foi em S. Domingos, teve uma serie de peripecias, que esqueceriam, se não houvesse sido tão breve a passagem da querida Rainha Estephania por este mundo.

N'um dado momento, appareceu na fronte da Noiva do Senhor D. Pedro V uma gôtta de sangue: era a corôa, muito pesada, que lhe ferira a testa. Pediu, então, a Rainha Estephania que lh'a substituissem por uma grinalda de rosas, que se usava muito naquelle tempo nos saraus e nos theatros.

Assim se fez. Mas quando o povo viu passar a Rainha com a corôa de rosas brancas na cabeça, começou a gritar:

«*Coitadinha! Já vae de capella, vae morrer, vae amortalhada!*»

No Rocio havia sido levantada uma columna allegorica do hymineu, de Cinati. O vento fortissimo, que soprava nesse dia, atirou a terra a esculptura, quebrando-a.

Parecia que signaes fatidicos seguiam o cortejo nupcial.

As filhas das damas tiveram licença de ir assistir, ficando por traz das mães.

E assim viu pela primeira vez, em S. Domingos, a nova Rainha, a Marqueza de Rio-Maior, filha de uma das suas damas.

—Era bonita a Rainha Estephania?

—Era muito elegante, e muito distincta. Uma unica feição menos bonita: a fronte que era curta. Mas os olhos eram do mais limpido azul que póde imaginar-se. No olhar residia toda a sua belleza, toda a sua seducção, e resplandecia toda a sua grande alma purissima.

—Tratou-A?

—E já lhe conto em que curiosas circumstancias eu tive a honra de falar pela primeira vez á Rainha. Foi num concerto em casa do Conde da Carreira, preceptor de D. Pedro V e de D. Luiz I. O Conde da Carreira era amador de musica, e dava concertos intimos. Pouco tempo depois do casamento d'El-Rei D. Pedro V, o Conde offereceu um dos seus selectos concertos aos Noivos reaes, a que eu assisti, com a minha mãe e com o meu pae que andára com os Principes ao collo. Eu tinha então 14 annos, e era conhecida pela Me-

nina Subserra. Pois, a Rainha Estephania teve a bondade de se dirigir a mim, e perguntar-me, num portuguez menos mau:

—«*Então como está a sua garganta, menina Subserra?*»

Fiquei admirada que Sua Magestade estivesse ao facto da operação que eu tinha feito, por aquella occasião, ás amygdalas. E Ella continuou a perguntar-me se estava na quinta, se não gostava mais de viver em Lisboa, como se fôsse, não uma princeza allemã, casada, havia semanas com o Rei de Portugal, mas uma das amigas da minha mãe que diariamente me visse.

Contei o caso, e todas as pessoas a quem o contava, me respondiam que lhes succedêra outro tanto. Estava toda a côrte assombrada com o conhecimento que a Rainha Estephania tinha das pessoas que iam ao Paço.

O que tinha sido? Fôra o Senhor D. Pedro v que, antes do casamento, mandara á Senhora D. Estephania um livrinho com os nomes das pessoas com quem Ella ia conviver, e a proposito de cada uma lhe déra as notas necessarias para a Rainha conhecer a côrte, e poder desde logo conversar, ao agrado de cada um, como se de velha data conhecesse a no-

breza portugueza. Ella tivera o cuidado de decorar o livrinho, e tirou optimos resultados da sua paciencia.

—Era a Rainha Estephania tão estimada como affirma a tradição?

—Mais ainda se é possivel. Disputavam-A o amor do Esposo e Rei, e o amor do Povo. El-Rei D. Pedro v e a Rainha Estephania andavam sempre juntos, passeavam as aleas dos jardins, como dois noivos. O Senhor D. Pedro v era aquelle principe scismador e grave, discipulo de Herculano.

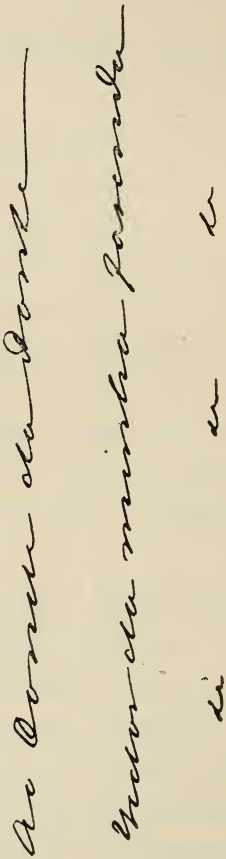
Elle tão bom, de tanto valor pessoal, e a sorte não o deixou ser feliz; teve um reinado desgraçado: o chólera, a febre amarella, as inundações!

Elle que já era triste, mais triste se tornou. O throno para aquelle Senhor foi sempre um grave dever. Não amava o fausto.

Esta carta,—dirigida ao avô materno do conselheiro Ayres d'Ornellas, o Conde da Ponte, védor da real fazenda, uma das *hautes charges* do Paço, só dada a fidalgos de tradição, titulo depois extincto,—prova a sobriedade de habitos de D. Pedro v.

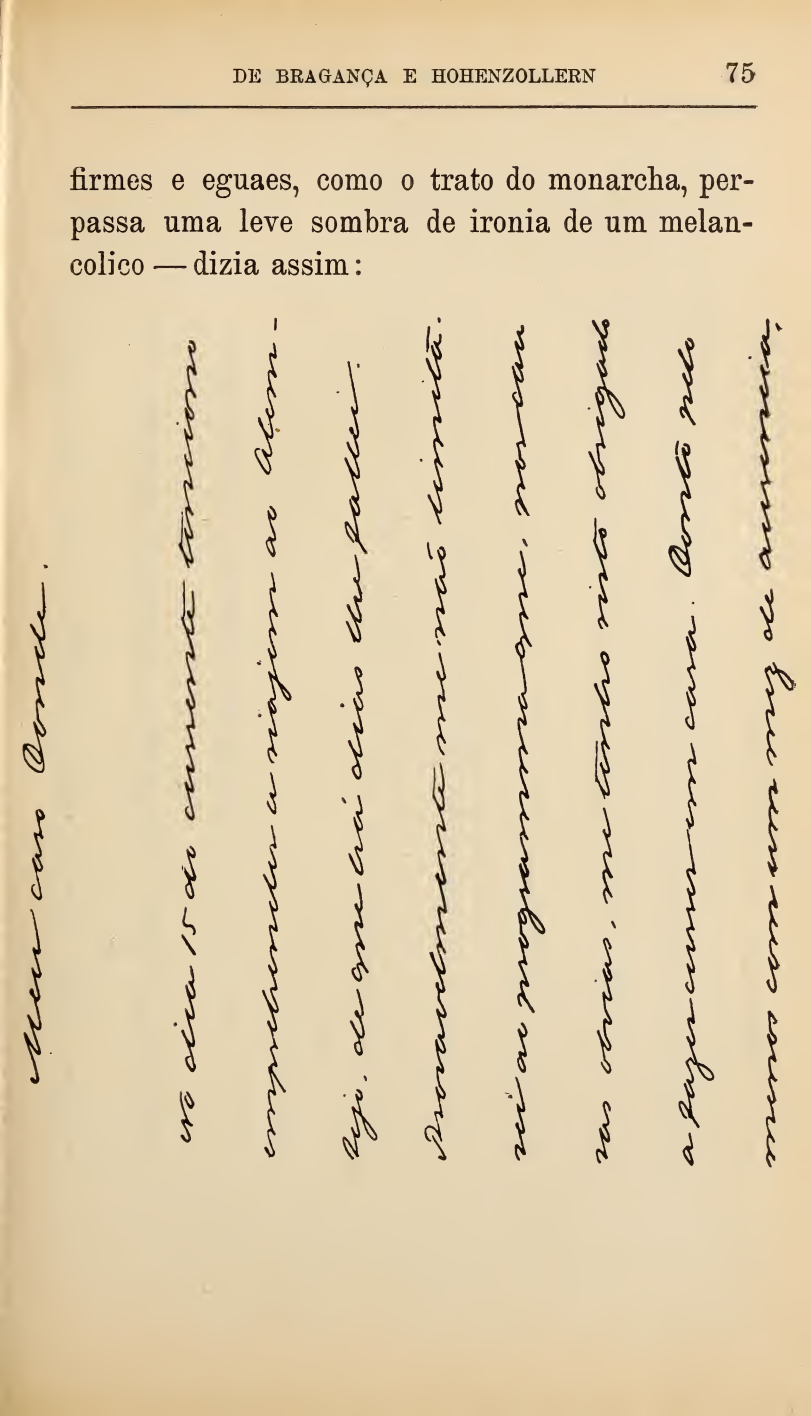
N'um sobrescripto pequenino, com as armas

sobre lacre negro — signal que a carta é escripta depois de viuvo, lê-se:



E a carta, que reproduzimos como autographo estimavel — modelo de sobriedade regia, affirmado em tres paginas de calligrapho, por cujas laudas

firmes e eguaes, como o trato do monarcha, perpassa uma leve sombra de ironia de um melancolico — dizia assim:



Meu caro Conde.

No dia 15 do corrente tenciono
emprehender a viagem ao Alem-
tejo, de que há dias lhe fallei.
Provavelmente me não limitá-
rei ao programma que, nos cau-
sas obvias, me tenho visto obrigado
a fazer correr em casa. Conto pelo
menos com um mez de ausencia,

que espero contribuir para o restabelecimento da minha saude.

O Conde nomeará um dos seus o encarregado do serviço de mesa e o será de accordo com o encarregado do serviço de transportes.

Ao José Maria Pará entrega dos fundos destinados a supprir os gastos não previstos.

A casa de Bragança poderia sem inconveniente fornecer parte do dinheiro; queira o Conde requisita-lo, em meu nome, ao administrador (a quem esse pedido há de contrariar sensivelmente).

Deduz-se a minha comitiva ao ministro do reino, a um camarista, dois ajudan-

tes de campo, um medico e o intendente das cavallariças.

O Conde poderá, querendo, corresponder-se com o Barros sobre qualquer necessidade de serviço.

[illegible]

Lisbôa, 10 de Outubro de 1860.

Este principe melancolico e sizudo encontra uma alma gemea da sua na grave princeza Hohenzollern.

A Rainha Estephania era a pureza germanica dulcificada, poetisada pelo sentimento catholico. Foi a Rainha Estephania que mandou traduzir do allemão para portuguez *A Moral do Evangelho,* para uso dos parochos, livro que não existia em Portugal. Os olhos da Senhora Marqueza de Rio-Maior, alagando-se de emoção, annunciaram passagem triste:

— Coitadinha! fez muito o bem no pouco tempo que teve de felicidade e de throno, que tudo se lhe foi com a vida em poucos mezes. Como sabe, El-Rei D. Pedro v e a Rainha Estephania não quizeram que se gastasse dinheiro com festas do casamento. O dinheiro que o Municipio de Lisboa destinava ás festas foi empregado em fundar o *Asylo da Ajuda* para amarellentos e colericos, para cujas enfermarias foram chamadas as primeiras Irmãs de caridade, as de S. Vicente de Paula. A Rainha Estephania interessava-se muito pela fundação de hospitaes nas pequenas localidades de provincia. N'uma viagem que fez ao Ribatejo, deu dinheiro para o hospital que a minha mãe queria fundar, como fundou.

—Era a preoccupação da épocha, o hospital!

—Se lhe parece! No Rocio fecharam casas inteiras, por ter morrido de febre amarella toda a familia. Era um horror. O meu pae que já fôra dado por morto, de febre amarella, na Martinica, acompanhava o Senhor D. Pedro v, e tornou a apanhar a febre; fui eu que o tratei. Ha um quadro historico representando D. Pedro v, acompanhado de duas Irmãs de caridade, tratando os doentes da epidemia. Uma das senhoras que se vestiu de Irmã de caridade, para esse quadro, foi a Viscondessa d'Asséca, Dona Marianna.

S. M. a Rainha Augusta Victoria
em toilette de passeio

IV

A Rainha Estephania na Historia e na Lenda

*

IV

A Rainha Estephania na Historia e na Lenda

O adeus da Rainha Estephania. — Um vaticinio popular. — Resignada carta de um Pae: autographo do Principe de Hohenzollern. — Carta modêlo de D. Pedro V. — A morte do Duque da Terceira. — O povo de Dusseldorf e a sua querida princeza. — A lenda.

Havia apenas um mez que, na Real Capella das Necessidades, se celebrára o casamento da Infanta D. Maria Anna com S. A. R. o Principe Jorge da Saxonia, confirmando-se assim á face de Deus os contractos que os plenipotenciarios tinham tratado e assignado: o Marquez de Loulé, pelo Rei de Portugal, e o Conde Carlos Frederico Vitzhun de Eckstaedt, pelo Rei da Saxonia.

Fôra D. Luiz, então, simples capitão de mar e guerra, buscar a bordo do seu navio o noivo, e foi

tambem D. Luiz, quem, depois do primeiro mez de lua de mel gozado no Paço de Belem, os levou no seu navio a Antuerpia.

Maio ouvira os sinos da capital tocar festivamente para as bodas da linda Infanta, vira passar os nubentes, nos coches graves, após a benção do Patriarcha, fôra testemunha d'alegrias.

Julho ouvira tocar os sinos de Lisboa, mas a finados.

Em maio de 1859 casára uma Infanta; em julho, morria a Rainha, a bem amada Rainha Estephania.

A Rainha acompanhava muitas vezes S. M. o Senhor D. Pedro nas visitas aos enfermos da epidemia. Mas não foi nessas visitas que Ella encontrou a morte. Tinham ido a Vendas Novas. Lembro-me que a locomotiva foi toda enfeitada a dhalias. A Rainha Estephania contrahiu n'essa viagem uma angina diphterica; não lh'a conhecem, e em 24 horas morre.

Morreu no dia do Anjo Custodio do Reino. Havia uma prophecia popular que dizia que no anno em que a festa do Anjo Custodio cahisse a 17 de julho, haveria lucto nas testas coroadas. O dia do Anjo Custodio, que é no 3.º domingo de julho, nesse anno de 1859, cahiu a 17 de julho.

A Rainha Estephania conheceu a morte. Quando a Imperatriz se chegou ao leito d'ella, a Rainha disse-lhe:

—«*Os mosquitos já não acham o sangue tão doce!*»

Ao expirar, deu estas palavras para a Imperatriz:

—«*Peço á Avó que mande dizer aos meus Paes, que os dias mais felizes da minha vida os passei em Portugal.*»

E o seu ultimo alento foi para pedir:

—«*Consolem o meu Pedro!...*»

D. Pedro v queixava-se, entre os soluços da sua dôr:

—«Nunca tenho uma alegria completa. Ha um mez uns noivos que me fizeram bem, e já agora a morte!...

Tinham-se partido, uma vestida de noiva, outra amortalhada pela saudade do esposo e do povo português, as companheiras inseparaveis de D. Pedro v nos seus longos passeios pelos casebres e campos cumvisinhos do Paço.

Á consciencia da sua missão de Rei e no revolvêr da propria dôr, ia D. Pedro v buscar as forças para se resignar da crueldade do destino que mal lhe déra quatorze mezes para ser noivo e viuvo.

Á fé religiosa ia o Principe de Hohenzollern buscar, e encontrar, a conformação perante a perda da filha.

É d'um catholico a seguinte carta do Principe Hohenzollern, escripta em resposta e agradecimento aos pezames que a S. A. R. escreveu o Conde da Ponte.

« *Vossa Excellencia*

quiz exprimir-me a sua co-participação na dôr pela perda cruel, que a Providencia divina nos impôz. Abençoando a Sua vontade, devemos crêr que, dilacerando o nosso coração, rasgando laços de familia, dos mais queridos, mergulhando-nos no mais profundo lucto, Ella nos quiz experimentar.

« *Agradecemos a Vossa Excellencia o ter-se associado ao nosso desgosto. Mas creia que tambem, posso dizer-lh'o sem vaidade, perdeu uma alma nobre e bondosa, que lhe foi muito affeiçoada e reconhecida pessoalmente —, porque a minha muito amada filha não se cançava de me dizer quanto apreciava a sua dedicação e os seus serviços.*

« *Chorêmo-la sinceramente, que, emquanto nós a choramos, Ella rogará por nós lá nas Alturas, e será o nosso anjo guardião commum.*

«Aceite a expressão do meu vivo reconhecimento por toda a dedicação que mostrou e testemunhou á minha fallecida filha, e creia, senhor Conde, nos sentimentos d'alta estima que continua a votar-lhe.

O seu

dedicado

Principe de Hohenzollern.

Dusseldorf

4 — agosto — 59».

Como registo d'um autographo do avô da actual Rainha de Portugal, publicamos nas paginas seguintes o original d'esta alanceada e resignada carta.

D. Pedro v nunca mais deixou o lucto. Para Elle não havia distracção possivel. Nunca mais calçou luvas brancas, nem fardado, nunca mais usou sellos senão pretos, nunca mais ninguem o viu rir.

Não era, na verdade, o lucto de um monarcha por uma rainha consorte. Era a paixão de um bemcasado a quem a morte levára a mulher amada.

Votre Excellence

bien voulu m'exprimer Sa part douloureuse
à la cruelle perte, que la Providence divine
nous a imposée. En bénissant sa volonté,
nous devons croire, qu'en détachant notre cœur
qu'en brisant des liens de fraîche date plus chers,
qu'en nous plongeant dans le plus profond deuil,
Elle nous a voulu épargner !

Nous remercions Votre Excellence de son amicale

à notre chagrin. Mais vous aussi, je puis le dire sans vanité vous avez perdu une âme noble et bienveillante, qui vous a été attachée et reconnaissante personnellement — car mon bien-aimé fils n'a cessé de me dire, combien elle apprécioit votre dévouement et vos services.

Pleurons la sincèrement — et pendant que nous le regrettons à jamais, elle priera pour nous toute la haut et sera notre ange gardien commun.

Agréez l'expression de ma vive reconnaissance

pour tout le dévouement, que vous avez montré
de Vaniguel à feu ma fille de crainte,
Monsieur le Comte; avec sentiments de haute
estime que vous porte toujours

Votre

Dusseldorf
4 août 59.

Dévoué
Pedro Hohenzollernbach

E esta carta, que D. Pedro v dirigiu ao seu presidente de conselho, Duque da Terceira, é o grito de um coração onde geme uma saudade em carne viva:

«*Meu caro Duque.*

«*São poucas as consolações e os lenitivos para «dôres taes como a que n'este momento, me perse-«gue. É mais uma provação, e durissima, pela «qual aprouve á Providencia fazer-me passar.*

«*É raro ter-se conhecido a maioria das des-«graças na edade aberta ás ambições e ás illusões «de que aquellas costumam proceder. Resigno-me «com a minha sorte: cumprir o dever pelo que elle «é, e não pelo que elle póde valer.*

«*Para fazel-o sobra-me o exemplo da esposa que «perdi quando apenas começáva a apreciar o the-«souro de que me foi dado gozar. Era um coração «para a terra e um espirito para o céu.*

«*Nos quatro annos do meu reinado, eu e os «meus povos temos sido companheiros de infortu-«nio. Diz-me a consciencia que nunca os abando-«nei. Não me abandonam elles hoje, que procuro «um conforto e quasi não o encontro senão na re-*

«*ligião, que manda crer e esperar, e nas lagrimas*
«*que se confundem com as minhas.*

«*Queira o Duque transmittir a expressão do*
«*meu sentido reconhecimento ás corporações e aos*
«*individuos que nos dias lutuosos, que acabam de*
«*transcorrer se lembraram de que no meio d'elles*
«*ha alguem que padeceu e padece muito.*

«*Creia nos sentimentos de estima e de conside-*
«*ração com os quaes sou seu.*

«*Sinceramente affeiçoado*

D. Pedro -

Lisboa, 21 de Julho de 1859».

Mezes depois o coração de D. Pedro, que parece ter nascido para penar, chorava a morte do seu presidente de conselho, a quem o Rei déra a honra de ir á Allemanha, como Plenipotenciario, receber a Noiva Real e conduzil-A a Lisboa.

Pelo seu proprio punho, D. Pedro redigiu o triste telegramma, communicando á sogra a morte do Duque, original que mão carinhosa guardou.

É uma larga folha de papel, já com a *patine*

de meio seculo, em que na letra regular do *muito amado* se lê:

«*Lisbonne, 27 Avril.*

«*Le Roi de Portugal*

Á la Princesse do Hohenzollern Sigmaringen.

Dusseldorf.

«*Duc de Terceira mort hier soir.*

«*Je suis sûr de la part que vous prenez à ce triste evénement; son nom nous rappelle de bien chers souvenir.*

«*Je compte vous écrire prochainement, et attends avec impatience des lettres de Berlin.*

Pedro».

Lutos, epidemias, tristezas, triste reinado! Morta a Rainha, todos os desgostos de D. Pedro v se lhe consubstanciaram n'aquella visão do bem perdido. Era o querido tormento de todas as horas. E, quando tinha uma amisade muito experimentada a que queria dar uma amostra d'apreço, não offerecia o seu retrato, mas o da Rainha Estephania com a dedicatoria pelo punho d'Elle.

Esse era o retrato do corpo, o classico retrato

da Rainha, com o corpête de cinta curta, os seus candurosos bandòs, que a emparelham a um modelo de Primitivos.

O retrato da alma ia-o traçando a Historia e retocando enlevadamente o deslumbrado pincel da lenda.

Na Allemanha, começava assim a linda historia [1]:

« *Quero falar-vos numa princeza allemã que alumiou com o facho ardente da caridade o caminho que ha pouco percorria e onde muitas vezes a encontrei* ».

Portugal reivindicava-a, chamando-lhe : « *a nossa (quasi dissera santa) Rainha Dona Estephania* » [2].

Ambos tinham razão e direitos irmãos.

Se a Portugal, além de pertencer historicamente na galeria das nossas Rainhas, em nosso coração Ella ficou demorando, não hemos de querer mal a quem bemquér aos que amámos. Tanto

---

[1] *Estephania, Rainha de Portugal, Vida de uma Princeza allemã dos nossos dias.* Broch., allemã, sem nome de autor, 1873.

[2] « *Apontamentos para a Biographia de Sua Magestade A Rainha A Senhora Dona Estephania, de Saudosissima Memoria* » — Sem nome de autor — Lisboa, Imprensa Nacional, 1859.

mais que a Princeza Estephania de Hohenzollern já, ao sahir de Dusseldorf, deixou no coração d'aquelle povo o perfume de lenda a que o tempo, a separação e a saudade só deram intensidade e firmeza.

A igreja de Gersau guarda até hoje a bandeira d'aquelle Conde Negro, que na batalha de Sempach alcançou alta fama, como muitos dos de Zollern da meia-idade.

O coração do povo de Dusseldorf conserva tambem ainda hoje o culto d'esta princeza que, quando lia ou ouvia falar em grandes acções e nos heroes antigos, tomava uma expressão pensativa, e dizia entre ella:

— «Oh! quem me dera têr alguma missão grande e importante a cumprir sobre a terra».

E o seu regalo era conversar com os velhos e os pobres.

Uma vez encontraram-a á noutinha descendo as escadas do paço; parecia uma aldean, com uma saia pela cabeça, e um cesto no braço. Caminhava apressada, para uma das suas secretas peregrinações de caridade, ás quaes ia disfarçada de pobre como as fadas. Noutra occasião viu-a, uma pessoa que passava, sahir de uma tenda, entregar á

irmãsita, a Princeza Maria, um pão grande, emquanto ella ia a casa, voltando d'ahi a nada com grandes cartuchos d'arroz, café e farinha que acondicionou n'um cesto que as duas Princezas carregaram, e levaram a uma cabana proxima.

A boa Estephania — no doce dizer do chronista allemão —, ia assim dando a conhecer a sua alma e conhecendo a pobreza da região.

Um dia deu com uma casinha perto do cemiterio, cantada pelo Rheno. Nessas telhas, havia uma mulher doente e creanças com fome; o salario do homem mal chegava para os remedios. A boa Estephania, como nos contos das Princezas e nas velhas legendas do norte, aceou a casa, muniu os armarios, cuidou a creançada. Já a pobre mulher ia melhorando, quando nova desgraça sobreveio. O homem que trabalhava no caminho de ferro, esmigalhou um braço que gangrenou e foi amputado. A Princeza valeu aos desamparados, e, já promettida ao Rei de Portugal ainda achou tempo para ir visitar o casebre, onde deixou o seu retrato. No dia em que fazia um anno que a Rainha Estephania ali fôra a derradeira vez, estava o pobre trabalhador moribundo. Chamou a mulher e os filhos e pediu-lhe que conser-

vassem sempre viva a memoria do seu bom «anjo da guarda». E fez prometter á mulher que havia de rezar pela Rainha, que nunca abandonaria aquella casa e que conservaria limpo sempre o quarto onde ella se despedira.

A viuva cumpriu: todos os annos nesse dia, o quarto era amostrado a quem queria, e na parede caiada pelo braço da pobre sorria, entre grinaldas de hera, a boa Estephania.

Tambem quando ella partiu de Dusseldorf deixou e levou saudades.

«Dusseldorf é uma cidade muito bonita — affirmou Henri Heine —, sobre o Rheno, e quem nella morou ou nella nasceu sente saudades quando de longe pensa nella».

Ali pintou o grande Cornelio, ali dorme o somno eterno na vetusta egreja de Santo Lamberto, o Duque Guilherme IV, ali domina da imponencia do bronze a estatua equestre de João Guilherme um dos ultimos principes eleitores, ali extrahiu Immermann da legenda do S. Graal a obra prima dos seus poemas, ali escreveu F. H. Jacobi, contemporaneo de Schiller e Goethe, ali, entre as arvores de Hofgarten deu o povo de Dusseldorf panthéon á mulher de D. Pedro V de Portugal, ali se tece a poesia, o amor, a lenda.

*

Basta encostar o ouvido á terra amoravel de Dusseldorf, e ouve-se logo a mãe d'agua da lenda falar da boa Estephania.

—«Ai, querida princeza, porque nos quereis Vós abandonar? (Canta a mãe d'agua) disse, num dia do anno de 1857, uma velha doente, á cabeceira da qual estava a Senhora D. Estephania.—Porque Vos casaes com um homem que não conheceis e que com certeza não é tão bom como Vós? É melhor ficar com a gente em Dusseldorf; sabeis o amor que Vos temos e além d'isso tendes riqueza sufficiente aqui».

A Princeza córou e respondeu com bondade:

—«Dizes bem, boa velhinha, tenho o bastante aqui, e de bom grado ficaria comvosco em Dusseldorf, mas eu sei tambem que Deus quer que eu parta e que o devemos seguir quando Elle nos chama. O Rei que me pede é muito bom e eu vou ajudal-o a fazer o seu povo feliz».

—«Lá isso deveis Vós saber melhor do que eu, disse a boa mulher, e se assim o entendeis ide com Deus, e que Elle Vos ajude, bem lh'o mereceis».

Isto dizendo, estendeu a mão sêcca á formosa Princeza, que a apertou enternecida como se recebesse neste aperto de mão a benção do povo.

Devia partir a Princeza, mas não tinha pernas que a tirassem do portão; dispoz de muitas lagrimas na despedida, os pés chumbaram-se-lhe aos degraus da escada paterna, e foi preciso o pae tomal-a nos braços e depôl-a na carruagem.

Quatro dias depois, lendo nas folhas este telegramma, das costas de Inglaterra — «Um saudoso adeus da Rainha Estephania» —, o povo de Dusseldorf exclamava:

— «A nossa Princeza mandou-nos recados! Já vae por esses mares fóra. Deus a faça feliz!»

Deus sabendo que a Princeza só podia ser feliz derramando felicidade, e vendo que ella não descançava de fazer bem na terra, — continua a cantar a mãe d'agua —, levou-a ao Céo para descançar.

Na egreja de Santo Lamberto, em Dusseldorf, celebrou-se um *requiem* solemne; e como faltasse a corôa sobre a eça, armoriada com as armas de Hohenzollern e Bragança, o povo tirou a corôa a uma imagem de Nossa Senhora e collocou-a na eça, canonisação popular que enterlaçou dois cultos enternecedores.

Depois ouviu-se chorar. E não se sabe se era a mãe d'agua que continuava a sussurrar, a cantar as lindas lendas da alma humana, soffrega

de maravilhoso e de elevação, se era o povo chorando a boa Princeza.

Esse sussurro de lagrimas ou de lendas, que tudo dá no mesmo, era tudo quanto restava da amada Rainha Estephania: as suas boas obras, a saudade imperecivel, e até hoje imperecida, da sua alma boa.

UM DOS ULTIMOS RETRATOS DE SOLTEIRA, DE
S. M. A RAINHA AUGUSTA VICTORIA

V

O casamento de S. A. a Infanta D. Antonia com S. A. R. o Principe Leopoldo de Hohenzollern

V

O casamento de S. A. a Infanta D. Antonia com S. A. R. o Principe Leopoldo de Hohenzollern

Um baile no palacio dos ministros da Prussia em Lisboa. — Um artigo de Latino Coelho. — A candidatura do Principe de Hohenzollern ao throno de Hespanha. — Bismarck e Napoleão III. — A guerra de 70. — Visitas de D. Antonia de Bragança a Portugal, durante o reinado de D. Luiz. — Um fiel retrato do Principe Leopoldo e da Princeza D. Antonia na abbadia dos Benedictinos de Einsiedeln.

Dois annos depois, o amor tecia nova grinalda por sobre a tristeza das perpetuas que uniam a Casa de Hohenzollern á Casa de Bragança.

— S. A. R. o Principe Leopoldo Estevão Carlos Antonio, filho do Principe Carlos de Hohen-

zollern-Sigmaringen e da Princeza Josephina de Baden, prendera os seus cuidados á Senhora Infanta D. Antonia, filha da Rainha D. Maria II, desde que a Lisboa fôra assistir ao casamento de D. Pedro V. Em julho de 1861, os plenipotenciarios não tiveram outro trabalho, senão reduzir a artigos d'um contracto ante-nupcial, o que os dois corações dos noivos já haviam resolvido.

Estavamos, — conta a Senhora Marqueza de Rio-Maior —, a Senhora Infanta e eu, noivas, quando assistimos a um baile lindissimo dado em honra dos Noivos pelos ministros da Prussia, em Lisboa, Condes de Rosembergue, no Palacio da Boa-Morte (na R. Santo Antonio, á Estrella) que era então do sr. Conde de Villa Real e hoje é da sua neta D. Izabel Saldanha da Gama. É o palacio onde moravam ultimamente os Condes de Figueiró. A 12 de setembro de 1861 casou a Infanta Senhora D. Antonia. Lembro-me muito bem, porque quinze dias depois casei eu. O Infante D. Luiz foi levar os noivos a Anvers, na corveta de guerra portugueza *Bartholomeu Dias,* e D. Pedro V foi passar uns dias a Villa Viçosa, para distrahir os principes da saudade da Irmã, porque a Senhora Infanta D. Antonia era a alegria da casa.

Assim ficaram duplamente entrelaçadas, na mesma geração, as Casas de Bragança e Hohenzollern.

Não foram só as côrtes que se felicitaram por esta alliança. A penna de um grande escriptor, de um grande vulto republicano, José Maria Latino Coelho, escrevia nas paginas graves do *Archivo Pittoresco,* (em 1862) com o seu purismo litterario e com a boa educação de que nunca se desfez, nem nos discursos parlamentares nem nos seus escriptos:

«Entre as familias soberanas da Europa mo-«derna tem merecido com justiça a reputação «de uma das mais honradas e benemeritas a es-«tirpe de Bragança, depois que a Senhora D. Ma-«ria II tomou em tenra edade os cuidados do go-«verno, e aliou aos encargos da realeza a ma-«gestade, não menos veneranda de mãe exem-«plar.

«Puderam as luctas civis dividir as opiniões «e os conceitos sobre o caracter politico da pri-«meira rainha constitucional. Puderam as pai-«xões exaggeradas pintar-lhe feições que lhe não «eram naturaes. A rainha, como succede sempre «aos grandes personagens politicos, achou na

«variedade dos juizos contemporaneos o triste «desengano de que não é a purpura, nem mesmo «pendente dos hombros da mulher, forte e efficaz «defensa contra as tempestades partidarias. A «rainha achou sectarios e inimigos.

«A mulher impoz pelas suas virtudes a «admiração e o respeito universaes. Os proprios «que a julgaram severamente rainha sentada no «throno, a reverenciaram mãe de familia, no re-«cato do lar domestico, adormecido e enobrecido «pelo esplendor das virtudes christãs.

«Em tão austera escola e sob tão exemplar «educadora se creou esta familia de principes, «que pelas suas eminentes qualidades conquistou «a veneração unanime, assim como pelos seus «lastimosos infortunios estreitou o vinculo de «affeição que a ligava, pelos triumphos, ao povo «português.

«Nunca, desde a familia heroica do Mestre «d'Aviz, se havia contemplado no throno e em «volta d'elle uma sociedade de principes tão es-«clarecidos pelos dotes do seu espirito, tão since-«ramente venerados pela excellencia do seu ca-«racter. Era como que uma dynastia chamada «pelos seus extraordinarios predicados a justifi-«car perante a democracia o principio heredita-

«rio da realeza, e a mostrar, praticamente, como «é que a magestade da monarchia, engrandecida «pela magestade da intelligencia, se pode germa- «nar com as instituições da liberdade.

«Se a impressão que deixa nos espiritos uma «mimosa educação se revelou desde os primeiros «annos da adolescencia nos principes da familia «real, não foi menos fructuosa nas duas princezas «a quem a rainha deixou a preciosa herança de «suas virtudes.

«Sua Alteza a Senhora D. Antonia é a mais «nova das duas princezas. Todos teem ainda vi- «vas e presentes as graças e os encantos feminis «com que se admiravam, coroadas pela aureola «real, as perfeições que tornam adoravel a mu- «lher. Todos nos lembramos do mimo e afago com «que lhe desejavamos, que á escolha do seu cora- «ção respondesse a felicidade, tão avara, poucos «mezes depois, com os principes seus irmãos».

«Todos a vimos largar das praias portugue- «zas, quasi pesarosos de que a levassem para «longe da terra em que nascera, e entre pompas e «esperanças de ventura para terra alheia e como «que de exilio — que exilio é sempre e doloroso, «embora suspirado e buscado em galeões reaes e «entre salvas e ovações, o affastar-se para sempre

«da patria quem n'ella deixa as saudades da in-
«fancia, amada de respeitos e affeições.

«Sua Alteza a senhora D. Antonia, hoje prin-
«ceza de Hohenzollern-Sigmarigen, nasceu em Lis-
«boa no Paço das Necessidades, a 17 de fevereiro
«de 1845. Recebeu na puericia a esmerada educa-
«ção com que se cultivou o seu espirito e se ac-
«crescentaram os seus dotes naturaes.

«De todas as prendas que aformoseiam e rele-
«vam a graça nativa da mulher se adornou a in-
«fanta, como quem era destinada a entrar por seu
«consorcio em familia tão esclarecida e celebrada
«como é a de Hohenzollern, pela sua tradiccional
«illustração intellectual, e em côrte a que, como á
«de Berlim, a cultura do entendimento tem dado
«todos os fóros da metropole da civilisação germa-
«nica.

«A alliança da familia de Bragança com a an-
«tiga estirpe de Hohenzollern, pela união de el-rei
«D. Pedro v com a lastimada rainha D. Estepha-
«nia, veio a estreitar-se pelo matrimonio da se-
«nhora infanta com o principe Leopoldo, irmão da
«mal-aventurada esposa de D. Pedro. Celebra-
«ram-se solemnemente as nupcias na Capella Real
«de Nossa Senhora das Necessidades, com toda a
«pompa e gravidade usada n'estas occasiões. De-

«morou-se a infanta com seu esposo alguns dias «ainda na côrte, e a 18 de setembro de 1860, «acompanhada de saudades affectuosas e de votos «sinceros pela sua ventura, sahiu a senhora D. «Antonia com o principe seu consorte a bordo da «corveta *Bartholomeu Dias*, em que ia de comman- «dante o senhor infante D. Luiz, hoje rei de Por- «tugal.

«Do principe de Hohenzollern é o retrato que «figura ao lado da princeza. É o principe Leopoldo «mancebo de gentil presença, ainda na primavera «dos annos.

«Nasceu a 22 de setembro de 1835, e é filho «primogenito do principe outr'ora reinante de «Hohenzollern-Sigmarigen».

N'esse momento em que Latino Coelho escrevia, o Principe Leopoldo de Hohenzollern era «um mancebo ainda na primavera dos annos».

Não tinha historia.

Mas annos depois, o seu nome ficava ligado á unificação dos Estados Germanicos no colossal imperio.

Em 1866, no campo de batalha de Sadowa, a Austria perdêra o seu logar na antiga confederação germanica. A França impedira que o trium-

S. A. R. a Senhora D. Antonia de Bragança
(unica filha sobrevivente da Rainha D. Maria II)
Viuva de S. A. R. o Principe Leopoldo
de Hohenzollern
Avó de S. M. a Rainha Augusta Victoria

S. A. R. o Principe Leopoldo de Hohenzollern
Marido de S. A. R. a Senhora D. Antonia
de Bragança
e Avô de S. M. a Rainha Augusta Victoria

*

pho prussiano fosse completo: a Prussia já conseguira algumas annexações, mas os Estados do Sul, não entravam ainda nas malhas da sua confederação, e o Mein tornára-se o limite artificial das duas partes da Allemanha [1]. Desde ahi, a politica de Bismarck só teve um alvo: destruir esse limite e lançar sobre o Mein as pontes que ligariam as duas Allemanhas. D'um lance d'olhos genial e claro, Bismarck viu que nenhuma approximação entre os Estados do Norte e os Estados do Sul seria realisavel emquanto, entre elles, houvesse as recordações sangrentas de 1866. Era preciso que uma campanha commum apagasse esses traços.

No dia em que a politica geral da Europa collocasse a França deante das duas Allemanhas, Bismarck teria encontrado os pilares das suas anceadas pontes sobre o Mein.

Em 2 de janeiro de 1870, a chegada ao poder do ministerio liberal francês affastou toda a hypothese de ser a França de Napoleão III quem rompesse o conflicto.

Mas a Rainha Izabel fôra desthronada, a re-

---

1 *Philosophie d'une Guerre* — 1870 — Emile Olivier.

publica não tinha a maioria, a Hespanha procurava um Rei.

Serrano era o regente do reino, mas o motorneiro da politica hespanhola era Prim, ministro da guerra e presidente do conselho.

Prim lembrou-se de offerecer o throno de Hespanha a um Principe do ramo catholico da Casa Hohenzollern-Sigmaringen.

Foi o Principe Leopoldo, o primogenito, o escolhido.

«Pela lettra dos tratados, os Principes do ramo catholico dos Hohenzollern estavam obrigados a não praticar nenhum acto importante da sua vida particular ou publica, sem a approvação formal e previa do chefe da Familia»[1] — o Rei da Prussia, hoje o Imperador.

Prim communicou ao ministro de França em Madrid a escolha de Leopoldo de Hohenzollern para Rei de Hespanha, com estas palavras:

«... Nós não podêmos prolongar indefinidamente a interinidade, nem apresentar-nos ás côrtes sem levar uma solução. Precisamos de um Rei, e encontrámos um que reune todas as condições, Leopoldo de Hohenzollern: catholico, de sangue

[1] E. Olivier — Ob. cit.

real, 35 annos, casado com uma Princeza portuguêsa, e dois filhos; além d'isso boa presença, e militar. Comprehende que não posso deixar escapar esta unica fórma feliz de salvar a revolução. Como suppõe o ministro que o Imperador receberá esta noticia?» [1]

«O sr. não poderia dar passo mais grave e que mais terriveis consequencias podesse ter» — respondeu o ministro de França.

Effectivamente, Napoleão III oppoz-se a que fosse para o throno de Hespanha um Principe allemão, e de consequencia em consequencia a França declarou a guerra de 70.

Leopoldo de Hohenzollern não foi Rei de Hespanha, mas a Allemanha foi o que a vontade genial de Bismarck sonhára que ella fosse.

Não se folheia a historia contemporanea sem se encontrar o nome desse loiro Hohenzollern que tinha os olhos azues da Rainha Estephania e a bondade da bem-casada Rainha.

— São traços que nunca mais se esquecem, conta a snr.ª Marqueza de Rio-Maior. — Imagine que em Einsiedeln, sobre Zurich, ha uma abbadia fundada pelo primeiro Duque de Hohenzollern. A

[1] Ibd. Ibd.

Suissa, como sabe, teve tambem o seu sarampo laico. Eu sou do tempo de, para ouvir missa em Genebra, ter de bater três pancadas n'uma porta, que então se abria. Os catholicos não podiam praticar o seu culto senão ás escondidas. Hoje, isso passou. Mas, quando a Suissa foi atacada d'essa furia livre-pensadora, expulsou os Benedictinos que estavam de posse da abbadia, e ficou-lhes com o thesouro. A *abbadia dos Benedictinos* é um vasto edificio quadrangular, reconstruido no principio do seculo XVIII, após um incendio. Na fachada, de 136 metros de comprido, fica a egreja, com duas elevadas torres. De cada lado da escadaria as estatuas dos protectores da abbadia: Othon I e Henrique II. Na grande nave ha um magnifico lustre dado por Napoleão III, em 1865, em memoria da mãe. E, entre outras preciosidades, tem uma soberba bibliotheca, de 50.000 volumes, com muitos incunábulos e manuscriptos preciosos dos seculos VIII a XII. A Einsiedeln vão 160.000 fieis por anno, beber a esperança nas 14 bicas da sua fonte sagrada, symbolo das quatorze Obras de Misericordia. É uma segunda Lourdes. Ora, o Imperador da Allemanha, assim que soube da expulsão dos Benedictinos, impoz-se. A Suissa foi aos carrapitos, mas não teve outro remedio, os frades voltaram para o que era

d'elles. A propriedade era de estrangeiros, a Suissa teve de respeital-a. Foram á Suissa dar posse da Abbadia aos Benedictinos, o Principe Leopoldo e sua augusta esposa a Senhora D. Antonia de Bragança. Para commemorar a posse, o Principe Leopoldo mandou gravar um painel gothico, representando os fundadores. Eu visito a Abbadia, e que vejo? que vejo? as figuras, do painel em memoria dos fundadores, eram os retratos do Principe Leopoldo e da Senhora D. Antonia de Bragança, com os quatro filhos, de págem, levando a reliquia do Santo.

O Principe Leopoldo falleceu já; S. A. R. D. Antonia de Bragança Hohenzollern, a nossa Infanta D. Antonia, vive ainda.

Esqueceu muito o portuguez: parece que só se lembra d'esta palavra — Saudade.

É bastante para um coração se corresponder com a sua Patria.

O sinete da Senhora D. Antonia de Bragança Hohenzollern
Onde se lê ainda a sua qualidade de Infanta de Portugal

S. M. a Rainha Augusta Victoria
PASSEANDO A CAVALLO NO PARQUE DE SIGMARINGEN

VI

D. Pedro V termina o seu reinado

VI

D. Pedro V termina o seu reinado

A morte do Infante D. Fernando, irmão de D. Pedro V. — Uma gravura rara. — D. Maria II bordando no exilio a Bandeira de Caçadores d'El-Rei. — O juramento de bandeiras do alferes D. Fernando. — O passamento de D. Pedro V. — O povo convence-se de que envenenaram o Rei. — Tumultos em Lisboa. — Perseguição ao Conde da Ponte. — O povo deita fôgo á casa do Duque de Loulé. — Sentimento nacional. — Como D. Luiz recebeu a noticia de que era Rei. — Visitas da Senhora D. Antonia de Bragança e do Principe Leopoldo de Hehenzollern a Portugal. — D. Pedro V na Historia. — Seu elogio pelo academico Rebello da Silva. — Traços e talentos de D. Pedro V. — Uma carta. — Epoca agitada do seu nascimento.

Nem o Principe Leopoldo nem a Senhora Infanta D. Antonia tornaram a vêr D. Pedro V. O

casamento dos Principes de Hohenzollern celebrou-se em 12 de setembro de 1861, e El-Rei D. Pedro V não chegou a durar dois mezes: morreu a 11 de novembro.

«Depois de presidir no Porto á inauguração do Palacio de Crystal, e de apertar contra o peito em um longo adeus sua irmã, a Serenissima Senhora D. Antonia, noiva de poucos dias, que partia com seu esposo, El-Rei sahiu para Villa Viçosa em 29 de setembro, acompanhado dos Senhores Infantes D. Fernando e D. Augusto. Demorou-se pouco na residencia dos Duques de Bragança, tão risonha e saudavel. O desejo de conhecer o paiz por seus olhos, desejo que envolvia outro nobilissimo, o de auxiliar todos os melhoramentos com visivel sollicitude, inspirou ao Senhor D. Pedro a resolução de não se recolher a Lisboa sem visitar o districto de Portalegre.

«As difficuldades do caminho, a pouca salubridade de alguns logares, e o risco a que ia expôr-se, não o demoveram. Insistiu a despeito dos inconvenientes ponderados. Mas o aturado exercicio, a chuva e a humidade, o cansaço e as exhalações paludosas de alguns sitios suspeitos, predispozeram talvez o Principe para os assaltos da enfermidade que o acommetteu. Só no dia 12 de ou-

tubro pela manhã chegou a Santarem, entrando já de noite na sua capital. Foi a derradeira jornada! [1]

Tentaram mostrar-lhe o risco que corria ao empenhar essa jornada; D. Pedro v não quiz vel-o. Esse Principe viveu com os olhos empregados no infortunio alheio. Nunca pensava em si, mas nos outros quando visitava os hospitaes dos colericos e amarelentos. Ahi, via todos e tudo.

Conta-se que entrou uma vez no quarto abandonado de um hospital, onde jazia na convulsão de uma febre ardente um trombêta que elle conhecia muito bem. Todos se tinham retirado do pé do delirante que já não queria tomar remedio algum, e para quem os soccorros pareciam inuteis. Mas D. Pedro cheio da maior compaixão por este pobre abandonado, adeantou-se destemidamente para a cama do doente, tomou-o nos braços com ternura e falou-lhe tanto tempo, com carinho que elle acabou por aceitar a bebida salutar das mãos do real Samaritano, e encostou socegado a cabeça sobre o travesseiro. Reconheceu o Rei, e um sorriso de espe-

---

[1] *Elogio historico de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V*, proferido na *Academia Real das Sciencias de Lisboa* pelo socio effectivo Luiz Augusto Rebello da Silva. — Lisboa, na Typographia da mesma Academia, 1863.

rança illuminou o seu rosto transtornado, quando este lhe disse á despedida:

— «Consola-te, meu filho, cobra animo, Deus não ha-de deixar morrer ainda um bravo trombeta como tu és, e ainda has-de tocar uma peça de musica debaixo das janellas do meu paço, quando, com a ajuda de Deus, o paiz estiver livre de todo o mal, e nós nos pudermos sentar á meza, alegres e contentes. Este bom desejo realisou-se: pouco a pouco a terrivel epidemia deixou o paiz, a cidade voltou ao seu estado normal, e quando o regimento passava outra vez com as bandeiras soltas ao vento e a banda deante do paço, o trombeta curado enviou para as janellas do Rei os sons mais festivos do seu instrumento.» [1]

O soldado salvára-se, a epidemia amainara, e o Rei, não considerando ainda bastantes os riscos corridos, arrostou com os d'essa jornada ao Alemtejo. A alma e o espirito de sacrificio não se deixaram domar; a doença domou o corpo, vergou o gigante, o Rei acamou. E D. Pedro V estava já de cama, quando ouviu as salvas pela morte do Infantesinho D. Fernando. Impressionado, disse:

---

[1] «Estephania Rainha de Portugal — Vida de uma Princeza Allemã dos nossos dias».

— «*Já sei, morreu o meu Fernando!*»

Este Infante D. Fernando foi um meteorosinho que passou no firmamento historico nacional, quasi que sem os historiadores attentarem na sua candida luminosidade.

Viveu quinze annos: de 23 de julho de 1846 a 6 de novembro de 1861.

Além da sua certidão de edade, pouco mais rezam os livros. Um existe, porém, que adeanta mais alguma coisa: — «*Caçadores 5 de El-Rei*» — *Apontamentos para a sua historia* —, trabalhosamente e probamente compendiados pelo tenente Saturio Pires e alferes Gonçalves Amaro. Do esquecimento dormente dos archivos do Ministerio da Guerra e do archivo do proprio Batalhão, dessepultaram os dois investigadores, com verdadeira paixão pela historia militar do corpo em que serviam, fundamentadas preciosidades: documentos, gravuras, retratos, figurinos do equipamento do corpo, os pequenos incidentes de que é feita a guerra, a vida e a historia.

Entre o documental photographico, reproduzem elles uma pagina deliciosa que ao coração apraz evocar nesta hora de exilios: uma esplendida e rarissima gravura representando a Rainha D. Maria II bordando ao bastidor a ban-

deira que em seu nome ia ser mandada ao Batalhão de Caçadores 5, pagina enternecida do exilio das guerras liberaes que Almeida Garrett exprimiu assim:

«*Entre as recordações da emigração — que tantas vezes se teem feito ainda mais doces pelas subsequentes amarguras e desapontamentos da sorte —, conservo na memoria a de uma manhã na nossa embaixada de South Audley Street. Junto á Marqueza de Palmella, cercada de suas filhas e sobrinhas, a joven Rainha de Portugal bordava a bandeira que, em seu nome, ia ser mandada ao leal batalhão 5 de Caçadores*».

Nesse bem curioso livro, — registo de um seculo de vida d'aquelle Batalhão — indispensavel subsidio para o estudo das campanhas da Peninsula e campanhas da Liberdade, encontrámos nós a caderneta militar do Infante D. Fernando.

O Infantesinho assenta praça, como alferes, em 30 d'agosto de 1855, por carta do Rei Consorte, commandante honorario do Batalhão, e Regente em nome de D. Maria II.

A seguir á matricula, vem o termo do juramento de bandeiras, prestado pelo Infante D. Fer-

nando, sobre a mesma bandeira que a mãe bordára nas incertas manhãs do exilio:

«Eu, Infante D. Fernando Maria Luiz Miguel «Gabriel Rafael Gonzaga Francisco d'Assis Anto-«nio Apolinario de Bragança e Bourbon Saxe Co-«bourg Gotha, que ora por mandado de Sua Ma-«gestade El-Rei Regente em nome do Rei, fui feito «Alferes do Batalhão de Caçadores n.º 5, Juro aos «Santos Evangelhos, em que ponho as mãos pe-«rante José Maria de Magalhães, Coronel do mes-«mo Batalhão, que quanto me fôr possivel servirei «fielmente, e de bôa vontade, como bom, e leal vas-«sallo, a Sua Magestade, e obedecerei com a mais «exacta promptidão, e respeito dos artigos de «Guerra, Regulamento, e Ordenanças Militares, e «a todas as ordens dos meus superiores, concernen-«tes ao Real Serviço, e de me não apartar por pre-«texto algum do meu Batalhão sem licença, nem «desamparar as bandeiras debaixo das quaes estou «alistado; e as seguirei nos maiores perigos até «derramar todo o meu sangue em sua defensa; e «de dar toda ajuda e favôr ás Justiças de Sua Ma-«gestade, sendo-me por ellas requerido, como tam-«bem de me não valer dos soldados do meu Bata-«lhão, Companhia, nem de parte d'elles, para caso «algum meu particular, nem de parente ou amigo

«meu; posto que importe a segurança da minha «vida, ou honra: E tudo o sobredito me obrigo a «cumprir sem cautela, engano, ou diminuição al-«gumas. Para firmeza do que assignei este termo «de Juramento, feito em Lisboa aos 21 de setem-«bro de 1855. — D. Fernando».

Em 2 de abril de 1858, El-Rei D. Pedro v promovia o Infante a tenente de Caçadores 5, mas a morte dava-lhe a baixa e a resalva logo em 6 de novembro de 61.

Cinco dias depois, dia de S. Martinho, expirava o Rei D. Pedro v, o «Muito Amado». Tão amado que o povo de Lisboa convencido de que fôra assassinado se amotinou.

— O que póde V. Ex.ª dizer como cueva? — perguntámos á Senhora Marqueza de Rio-Maior.

— Que na viagem ao Alemtejo, feita para distrahir os Infantes da separação da Senhora Infanta D. Antonia, El-Rei D. Pedro v e os irmãos apanharam a palustre, e disso morreram; que a versão do envenenamento é uma lenda, a que deu curso as palavras do chimico: «*Visceras com signaes de envenenamento*». Era a intoxicação das palustres. O povo, assim que tal soube, *ah! que de Deus que mataram o nosso Rei!* O povo via desapparecer o Rei e o Infante D. Fernando, via adoe-

cer os Infantes D. João e D. Augusto, não queria crêr que fosse fatalidade: convencia-se que era crime. Simultaneamente, fazia-se no Paço uma grande intriga dizendo-se que havia um plano para dar cabo de toda a Familia Real. O povo acreditou e quiz deitar fogo á casa do Senhor Conde da Ponte, chegando a untar as paredes com petroleo, e a acarretar molhos de carqueja para em volta do predio. Quebraram as vidraças, o diabo! As primas Pontes tiveram de fugir para casa dos Assecas. O sr. Conde da Ponte foi aggredido e ficou estendido no pateo das Necessidades, com dez brechas na cabeça. Vingança por ter cortado alguns abusos no Paço e querer endireitar a administração da Casa Real! Mas tambem se fez muita politica com a morte de D. Pedro v. Foi principalmente politica. Serviram-se do povo, como se servem sempre. E, coisa curiosa, já era Alcantara onde iam buscar os amotinadores, e já se observava o fraquejar da força publica. O instrumento dos politicos foi o *mudo d'Alcantara,* mau como todos os mudos, e que levantava e excitava o povo. Incendiaram a casa do ministro Duque de Loulé, ao Pateo do Thorel, que ardeu toda; e quando a Guarda Municipal apparecia, os populares davam-lhe vivas. Commandava, então, a

Guarda um tal Bravo, parece que era Bravo... de nome, e quando o povo dava vivas á Municipal agradecia, descobrindo-se. Já promettia!... O Conde da Ponte foi para uns aposentos da casa d'El-Rei D. Fernando; mas esteve lá pouco tempo, não sei se um se dois dias, porque já não foi considerado prudente continuar alli. E passou para casa dos Itamarys, ministros do Brasil. Já naquelle tempo, o Paço era pouco seguro... Mas emfim as causas eram outras: eram amor ao Rei, e por amor ao Rei que o povo queria mal á nobreza. E nós, apesar do grande susto que apanhámos, consolavamo-nos de vêr que a indignação do povo traduzia amor e saudade pelo Rei. Foi tamanha e tão geral a dôr da nação que as mulheres do mercado de Braga instituiram uma missa annual que, hoje não sei, mas até ha poucos annos, era rezada no dia 11 de novembro.

O successor de D. Pedro v e o Infante D. João estavam então em França. Em vista das noticias do estado em que se encontrava o Rei, partiram apressadamente para Portugal, entrando em Lisboa a 14 de novembro. Quando os ministros Duque d'Avila e Carlos Bento, disseram a bordo ao Senhor D. Luiz:

—« *Vimos receber as ordens de Vossa Mages-*

tade», D. Luiz foi tomado d'uma convulsa emoção:

—«*Ai, não me digam isso! Ai, meu querido mano! ai, meu querido Pedro!*»

Ouvi depois dizer, tanto ao Duque d'Avila, como ao Carlos Bento:—«*Nunca um homem recebeu com maior desespero a noticia de ser rei*». E fazia pena vêr El-Rei D. Luiz no coche da coroação, pallido como a morte, triste como a morte, quasi só, quando estavamos habituados a vêr tantos infantes e infantas, uma familia real numerosa que a morte reduzira. Um mez depois, a morte do Infante D. João reduzia-a ainda mais. Ainda as febres. O Infante D. Augusto foi, dos atacados pela terrivel molestia, o unico que escapou. Salvou-o o dr. Manuel Carlos Teixeira, levando-o para o Lumiar, para uma casa dos Duques de Palmella, conhecida pela *casa do Monteiro*. O novo monarcha, D. Luiz I, foi residir para Caxias e depois para a Ajuda, abandonando a fatal morada das Necessidades. Impressionado, apprehensivo mesmo, nos primeiros tempos iam dar com elle a examinar a lingua ao espelho. Por duas ou tres vezes, a Senhora D. Antonia de Bragança e S. A. R. o Principe Leopoldo foram a Lisboa, de visita a El-Rei D. Luiz. Annos antes

de El-Rei D. Luiz fallecer, esteve em Lisboa a Senhora Infanta D. Antonia. Era uma ternura a dos dois irmãos um pelo outro. Iam desenhar para a Tapada, passeavam sós, e ás sete horas da manhã já ella estava no quarto de El-Rei, a conversar, a recuperar a ausencia longa a que a Vida os deitára. E a augusta irmã do Senhor D. Luiz dizia muito satisfeita passados dias da sua estada em Lisboa: «*Já commungou duas vezes commigo!*» Era a mesma Senhora, bondosa e agradavel, mas já mal se lhe entrevia a alegria de Infanta. Pouco falava nesse tempo, talvez para não se pungir de saudades.

É que essa Infanta sorrira todos os sorrisos no reinado do irmão D. Pedro.

Esse reinado terminára. Quem agora falava delle era a Historia.

E a Historia, pela bocca de Rebello da Silva [1] falla assim d'esse filho de D. Maria II:

«Ha tumulos deante dos quaes a Historia se

---

[1] **Elogio historico de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V**, *Protector da Academia Real das Sciencias de Lisboa* — Proferido na sessão publica de 26 de abril de 1863, pelo socio effectivo Luiz Augusto Rebello da Silva.

inclina, porque symbolisam a epopeia das nações, ou porque resumem a licção dos seculos.

«Ao lado, e muitas vezes acima dos monumentos dos conquistadores, admiramos outros sarcophagos, menos soberbos, que o ferro não ornou de trophéos, mas dos quaes tambem o pranto dos opprimidos não apagou as palavras de benção. N'esses repousam venerados os Principes, que Deus convoca, não para demolir, mas para edificar; não para assolar, rodeados de flagellos, mas para serem auctores milagrosos da independencia, como o Mestre d'Aviz, interpretes da justiça e da piedade, como S. Luiz, modelos de abnegação e de fidelidade á religião da consciencia, como o Senhor D. Pedro V». . . . . .

. . . . . .

«Successor de uma corôa, que o direito, a victoria, e a eleição dos povos suspendiam sobre o seu berço, o Senhor D. Pedro V foi, como El-Rei D. Sebastião, o desejado de Portugal». . . . . .

. . . . . .

«A Senhora D. Maria II não foi só um grande Rei. Era, sobretudo, mãe vigilante e educadora inimitavel».

Essa mãe, preparando um Rei, havia por força de lhe cultivar o engenho e o coração.

Como illustração, D. Pedro v tivera as licções das sciencias exactas e as revellações do Sonho, manejando as mathematicas e conversando Dante, Schiller e Hugo, e servindo-se do latim e do grego para poder vir a escrever o português saboroso d'esta carta purista:

Carta de El-Rei o Senhor D. Pedro V

AO MINISTRO DA FAZENDA O SNR. ANTONIO JOSÉ DE AVILA SOBRE O PENSAMENTO QUE DICTÁRA A CREAÇÃO DAS PRIMEIRAS TRES CADEIRAS DO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS [1]

«Sr. ministro: — Penso que o védor da mi-«nha fazenda lhe communicou já a minha resolu-«ção relativamente á cessão, que entendi fazer de «parte da minha dotação.

«Destinei nestes dois ultimos annos parte «d'esse donativo a objectos de utilidade publica «que, pelos seus resultados, me compensassem o «sacrificio que faço. A este direito não renuncio «este anno: vivemos mais, ou menos pelo nome, e «o nome vive pelas obras.

---

[1] São as cadeiras de Historia e de Litteratura antiga e Litteratura moderna.

«Pareceu-me sempre que de todos os *deficits* «o mais lamentavel é o do necessario. Julguei que «não seria augmentar sensivelmente as angustias «do fisco empregar em attenuar um tal *deficit* o «que aliás houvera empregado o parlamento.

«Era universalmente reclamada a creação de «cursos desenvolvidos de litteratura e de historia, «que servissem de complemento aos sêccos resu- «mos d'essas disciplinas, decorados em nossos ly- «ceus, e que, ao mesmo tempo, fossem preparação «para o estudo das sciencias, que tão divorciadas «andam com as lettras. Decidi-me a realisal-a.

«Demandava resolução o escolher de tantas «necessidades, que entre si disputam a impreteri- «bilidade, uma que se antepuzesse ás outras. Não «digo que, por esse lado, me encontrasse eu com a «mais urgente de todas, mas penso que não fiz «mal em dar corpo ás vozes que, ha muito, recla- «mam isto, que poderia ser principio de reforma- «ção para o ensino superior.

«Não sei se muitos se preoccupam com o es- «tado actual e com o futuro d'este ultimo: eu «muito: vejo-o decahindo diariamente, vejo que se «lhe seccaram as raizes, e que assim se lhe foi a «virtude prolifica.

«Considerada a questão por esse lado, talvez

«que, até certo ponto, eu fosse aggravar o mal.
«Vejo-me porém, constrangido a pensar que muito
«longe vem ainda essa reforma harmonica e pau-
«sada, pela qual espera a preguiça. Entretanto a
«excrescencia, que fui crear, póde concorrer para
«exigir d'aquelles que fazem mais e meditam me-
«nos o adiantamento, embora irregular, d'essa
«mesma obra.

«Ha muito tempo que os homens competentes,
«investidos mesmo com o mandato popular, quer
«dizer de muita ousadia e muita timidez, põem o
«dedo nas chagas da instrucção publica; mas não
«sei por que sina das coisas do espirito, estas
«mais servem para alentar disputa que para da-
«rem fructos.

«A faculdade de lettras ahi a deixo esboçada,
«incompleta, é verdade, mas tal que já não são ca-
«pazes de deixar de m'a completar. Ponho-a a ba-
«ter-lhes á porta, e tão rijo o ha de ella fazer, que
«não hão de poder menos de abrir-lha.

«Pensei um momento que, em tudo isto, havia,
«da minha parte, muito pouca logica, e que, fosse
«como fosse, não era eu quem devia fazêl-o — eu
«que não queria a faculdade, em quanto não visse
«a escola. Reconheci porém que, contradizendo-me
«apparentemente, indo no rasto de uma tendencia,

«que eu mais de uma vez censurei — a de ampliar «irreflectidamente o ensino superior — eu conse- «guia mais facilmente approximar-me do ideal, «que sonho para a instrucção, do que se me ti- «vesse atrelado ás minhas ideias.

«Dirão alguns que o curso de litteratura antiga «se não concebe, sem uma regeneração radical do «ensino das linguas mortas, pois que sem ellas «se não percebe o sabor particular dos diversos es- «criptos, em cujo commercio tem de ir-se apurando «o gosto da juventude. Da cadeira de litteratura «moderna, a que se nega a regalia de poder dar «preceitos, estou vendo enojar-se a austera e pe- «dantesca dignidade das nossa velhas aulas de re- «thorica. E a cadeira de historia a alguns parecerá «lançada no ar, mal definida na sua natureza, in- «sufficiente para a vastidão da materia, e pequena «para o berço de um estudo quasi novo entre nós. «Talvez mesmo haja quem as considere todas tres «superfluas, como se, nas escolas secundarias, tan- «tas e tantas disciplinas não servissem mais para «entreter utilmente o tempo, mais para desbastar o «espirito, que para deixar n'elle noções exactas «e distinctas das coisas.

«Não contrariarei nenhuma d'estas considera- «ções, que a mim mesmo fiz, menos a ultima que

«é absurda. Quiz ter fundamento com que podesse «dizer a quem eu os apresentasse: — faça melhor.

«Eu poderia ter olhado mais compassivamente «para o grego e para o latim, e poderia ter pensado «em preparar nas escolas secundarias uma base «mais segura, em que assentasse o ensino das no-«vas doutrinas, que vão invadir e repartir os do-«minios do classicismo. Mas pensei que me era «impossivel obrar assim, sem desaccomodar um «pessoal que, desde esse momento, deixaria de ser «tido na conta de tão competente quanto até ali «o fôra. Pensei que obrando assim tarde veria a «faculdade de lettras, e que, creando-a eu, alcan-«çava as duas coisas — a faculdade, desde já, e «mais tarde a reforma dos lyceus...

«Não quero que se continue a dizer, sem que «do discurso se passasse jámais á acção, que não é «possivel escusar por mais tempo o acrescenta-«mento da litteratura e da historia. Quero que se «possa dizer, que tanto se fallou n'elle, que houve «um indiscreto que tomando a serio tal pedido, o «realisou, quando nada estava ainda preparado «para elle.

«Quero que, em vez de uma necessidade que «pareça licito adiar, a desordem de um momento «venha pleitear a causa d'essa mesma necessidade,

«que ella póde contribuir para tornar mais palpa-
«vel. E por fim de contas, mais uma coisa sem
«base não seria grande mal ao lado de tantas, que
«se insinuaram no systema de instrucção publica
«em Portugal, e que para ahi estão sem fazer
«bem, nem mal.

«Virão talvez as pretensões universitarias, e
«aqui confesso que talvez com algum fundamento,
«censurar a escolha de Lisboa para séde das ca-
«deiras de litteratura e de historia. As escolas
«collocam-se aonde melhor recrutem o seu magis-
«terio, e melhor possam servir o desenvolvimento
«intellectual dos povos. N'ellas, não vejo sómente
«as relações estreitas, que as prendem com uma
«lei de habilitações para as funcções publicas;
«os cursos, que para uns hão de vir a ser
«obrigatorios, quero-os livres para outros, — que
«nenhuns outros estudos estão nem tão facil, nem
«tão utilmente ao alcance dos entendimentos me-
«nos cultivados.

«Algumas difficuldades se me apresentam,
«quanto ao provimento das cadeiras em ques-
«tão.

«Por uma parte, receei que os homens que,
«pelas suas obras, para ellas como que se no-
«meiam, não aceitassem a nomeação directa. Por

«outra, não espero ser mais feliz no concurso, em «que ficariam contendendo as mediocridades.

«A vida um pouco livre da nossa litteratura «não se casa facilmente com a sujeição do magis-«terio, e demais tenho visto que aquelles para «quem o concurso seria um brinco, desprezam «aquillo em que não encontram gloria.

«Antes que recorressemos ao segundo meio, «que traz comsigo decepções e desagrados, eu qui-«zera que tentassemos o primeiro.

D. Pedro.

«Lisboa, 31 de outro de 1858»

A este ideal elevado de engrandecer a Patria, não quiz a sorte servir.

Pouco viveu, menos reinou.

Aos vinte e quatro annos havia acabado a pagina da Historia em que escrevera o seu Nome.

Por sua vontade, depois de se partir a boa Estephania, teria vivido muito menos; por sua indole, haveria fechado o seu reinado antes de a morte vir apagar-lhe a luz dos olhos.

— «*Se fosse o Infante D. João o irmão que se me seguisse, eu abdicava!*» — dizia D. Pedro v.

E prolongou o seu reinado e a sua melancolia.

Essa melancolia, que é a sua meiga sombra, veiu talvez da tumultuosa era em que nasceu.

Ás onze horas e meia da noite d'aquelle setembro de 1867 em que D. Maria II dava á luz o Herdeiro da Corôa, a guerra civil batia ás portas de Lisboa.

Ouvia-se o tilintar das espadas do Terceira e do Saldanha, defendendo a Carta, exaltava-se a Liberdade ameaçada, a revolução rugia.

Os berços, embalados pelos ventos de revolução, ou dão exaltados ou melancolicos.

Filho de Reis, e Rei, D. Pedro V, com a mesma grandeza dos exaltados, foi nobremente um melancolico.

E os melancolicos são sêres que, caminhando com a certeza de que todos os passos vão ter ao infortunio, possuem a coragem moral de não se arredar e de proseguir de olhos abertos para o infortunio, fascinados pelo dever, reconciliados com o Destino.

Grupo tirado no terraço do Castello de Sigmaringen, depois de ajustado o casamento: S. M. a Rainha Augusta Victoria, Seu Pae S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern e S. M. El-Rei D. Manoel II

VII

O ajuste de casamento de El-Rei D. Manoel com S. A. S. a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern-Sigmaringen

VII

O ajuste de casamento de El-Rei D. Manoel com S. A. S. a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern-Sigmaringen

Inquebrantavel amizade das Familias de Bragança e Hohenzollern. — Viagem de S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern a Lisboa. — Semelhança do Principe Guilherme com seu augusto primo o Senhor D. Carlos. — A noticia do ajuste do casamento d'El-Rei D. Manoel. — O telegramma do Imperador da Allemanha. — Telegrammas das Casas Reinantes. — A apresentação da Princeza Augusta Victoria aos Portuguêses. — A «Garden-Party» no paço de Richmond. — A impressão deixada pela Princeza. — Uma phrase da Noiva do Senhor D. Manoel. — Primeiro retrato da Princeza. — Uma carta da Condessa Matuska, camareira-mór de S. A. R. a Princeza D. Antonia de Bragança. —

O primeiro presente para a corbeille dos Noivos. — Enternecedora intenção d'um preso monarchico.

O tempo não desdeu os laços que o amor passára nos corações das Familias de Bragança e Hohenzollern-Sigmaringen.

Em todo o reinado de D. Luiz I conservou-os a ternura que o Rei tinha por Sua Irmã a Princeza D. Antonia, casada com o Principe Leopoldo de Hohenzollern, e o enlêvo em que, pelo irmão da Princeza, viveu o filho de Carlos Antonio, enlêvo que não era mais do que a boa sombra dos affectos que a Senhora D. Antonia tinha pelo unico irmão que lhe restava. E tão bem se conservou essa amizade, que chegou a El-Rei D. Carlos e a S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern não uma desfallecida estima de primos co-irmãos, mas no grau de um amor de irmãos. Esses dois primos corpulentos e loiros, semelhantes na estatura, — sobretudo antes do Principe Guilherme de Hohenzollern adoptar a actual moda do bigode em escova de dentes —, ambos simples, ambos de olhos azues, ambos cachaçudos, ambos bons, tão parecidos physicamente, que dir-se-ia, na verdade, dois irmãos, pareciam-se tambem nos corações.

Não eram dois d'esses vagos parentes que só se encontram ao folhearem as suas genealogias. Eram dois amigos chegados, e um do outro presados.

O Principe de Hohenzollern visitou Portugal nos ultimos dias do reinado de El-Rei D. Carlos. Pois, apesar de ser acolhido com as honras que se deviam a tão alta pessoa, a visita do Primogenito da Princeza D. Antonia de Hohenzollern foi todavia mais uma visita de pessoa querida, uma visita de familia do que uma ceremonia official. Umas pequenas manobras de artilharia a que o Principe Guilherme foi acompanhado pelo conselheiro Vasconcellos Porto, então ministro da guerra, e a pouco mais se reduziu a recepção official do representante da nobre Casa de Hohenzollern. A Sua Alteza Real não o esperava apenas o protocollo perfilado no seu contado degrau: esperavam-o os braços leaes de El-Rei D. Carlos que tinha a sabedoria nata de ser amigo.

Para os Portuguêses, a Familia Hohenzollern ficou sempre o berço amado da sempre querida Rainha Estephania.

Tanto que, quando se soube ter Sua Magestade El-Rei D. Manoel ajustado casamento com S. A. S. a Princeza Augusta Victoria de Hohen-

zollern, por Portugal foi um festejamento intimo, lendo-se e ouvindo-se:

— «El-Rei não podia escolher melhor Esposa. Não podia ser mais a nosso contento o casamento d'El-Rei!»

A noticia do ajuste de casamento de Sua Magestade interessou vivamente a opinião. A imprensa europeia ainda não cessou de se referir ao faustoso acontecimento, fornecendo diariamente notas sympathicas sobre a Princeza da casa de Hohenzollern, as illustrações publicam-lhe retratos, os *reporters* photographicos seguem os noivos reaes.

Logo que o casamento foi officialmente communicado, todas as casas reinantes da Europa dirigiram para *Richmond-Surrey,* telegrammas de felicitações a SS. MM. El-Rei D. Manoel e á Rainha Senhora D. Amelia.

O primeiro soberano a telegraphar foi o Imperador da Allemanha, que na sua qualidade de representante politico da familia, se serviu dos termos mais calorosos para cumprimentar a augusta mãe do Senhor D. Manoel.

Immediatamente chegaram telegrammas do Imperador da Austria, Francisco José, do Rei e da Rainha de Hespanha, da Rainha Christina, de

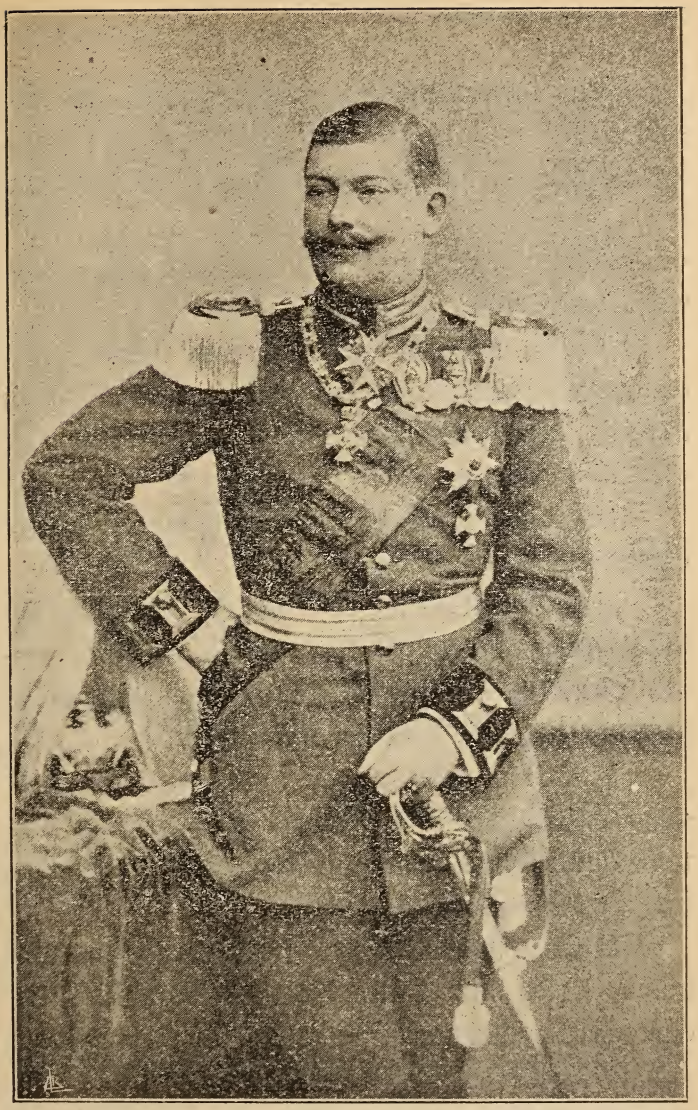
Hespanha, dos Reis de Italia, da bondosa Rainha Margarida, viuva do Rei Humberto, do Rei Jorge V e da Rainha de Inglaterra, da Rainha Alexandra, que occupou o throno ao lado de Eduardo VII, o *Principe da Paz*, e que concentrou na sua alma de eleita toda a excepcional amizade que Ella e o Rei Eduardo sempre votaram a El-Rei D. Manoel.

Do norte ao sul do continente, não houve throno que não mandasse palavras perfumadas de carinho e de consideração a El-Rei D. Manoel e á Senhora D. Amelia: todos os membros da Familia Real Ingleza telegrapharam para *Abercorn*, como telegraphou o Czar e a Czarina da Russia, a Imperatriz Maria Feodorowna da Russia, os nobres parentes das casas de Bragança, de Orleans e de Bourbon, os duques de Aosta, a duqueza Laeticia de Aosta, e embaixadores em diversas côrtes.

E não faltaram, n'esta hora de festa, os nomes gloriosos dos Soberanos dos Balkans a associar-se, em captivantes telegrammas, á felicidade dos Reis de Portugal.

Aos despachos reaes seguiram-se os cumprimentos de muitos amigos pessoaes da Familia Real, membros da aristocracia de França, de Inglaterra, de Hespanha, etc.

S. A. R. a Princeza Maria Thereza de Hohenzollern
Mãe de S. M. a Rainha Augusta Victoria



S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern
Pae de S. M. a Rainha Augusta Victoria

Pelos innumeros telegrammas que, aos dos emigrados monarchicos de Inglaterra, de França, de Hespanha, da Belgica e Brasil, de Portugal e de Portuguêses, se juntaram na sala dos registos de Richmond, se calcula a alegria que a noticia levou á alma portuguêsa.

De toda a parte nos chegaram cartas pressurosas pedindo notas biographicas da Futura Rainha, uma anciedade feita de sympathia e de elevado interesse.

Respondemos, logo, o pouco que sabiamos [1] então:

«A futura Rainha de Portugal não tem uma biographia que se resuma ás abreviaturas nobliarchicas a que lhe dá direito nas paginas do *Gotha* a sua alta e antiga linhagem.

«A Rainha Victoria de Portugal, a Serenissima Alteza Augusta Victoria Guilhermina Antoniêta Mathilde Ludovina Josephina Maria Isabel, é uma senhora excepcional.

«É filha de Sua Alteza Real, Guilherme Augusto Carlos José Pedro Fernando Benoit, Principe de Hohenzollern, burgrave de Nuremberg,

---

[1] *O Correio.* — Semanario monarchico, n.º 22.

conde de Sigmaringen e Veringen, conde de Berg, Senhor de Haigerloch e Werstein, e de Sua Alteza Real a Princeza Maria Thereza de Bourbon-Sicilia.

«A sua alta estirpe, os seus titulos de membro da Camara dos Senhores da Prussia, cavalleiro da Aguia Negra, Tosão de Oiro e de Malta, foram por Seu augusto Pae julgados bastantes para dispensar o throno da Roumania, a que abdicou na nobilissima pessoa de seu augusto irmão o actual Rei Carlos da Roumania.

«A futura Rainha nasceu a 19 de agosto de 1890, no soberbo castello de Potsdam, perfumado pelas sombras preciosas da *Orangerie,* a dois passos do palacio *Sans-Souci,* onde o grande Frederico costumava receber os philosophos e os artistas.

«Tem, pois, vinte e tres annos incompletos a graciosa Rainha Victoria de Portugal, irmã dos Principes Frederico Victor e Francisco José, dois irmãos gemeos nascidos a 30 de agosto de 1891, em Heligendamn.

«Elegante, com a educação esmerada da Familia Hohenzollern, tanto monta a cavallo, como joga o *tennis* ou faz musica. Muito amavel, muito dada, como se diz em linguagem familiar, a Fu-

tura Rainha, além das suas qualidades de raça, da distincção do seu porte tão galante, tem uma *finesse*, uma distincção que só uma intelligencia superior, tocada pelo dom divino da arte póde dar a uma figura.

«Alta, uns lindos olhos, onde se espelha toda a poesia do Rheno, umas mãos gothicas, a Futura Rainha de Portugal recorda do berço as qualidades portuguêsas de sentimento e de *charme*.

«O Principe Guilherme lembra de um modo extraordinario El-Rei D. Carlos; o Primogenito é o retrato do nosso chorado Principe Real D. Luiz Filippe.

«E, com essas qualidades de raça, sublimadas se é possivel na sua formosissima Pessoa, a Futura Rainha Victoria de Portugal é conhecida como uma intelligencia superior, rára mesmo, entre o corpo diplomatico.

«Uma senhora que pertence ao corpo diplomatico acreditado em Berlim, escrevia um dia d'estes: a Princeza Victoria tem fama de ser uma intelligencia excepcional, d'onde vem a grande e especial estima que lhe dedica o Imperador. Quem a conhece diz que Ella seria incapaz de fazer um casamento sem ouvir o coração. Ora, o Senhor D. Manoel é tão distincto, tão *charmeur*,

que não é arriscado affirmar que impressionasse o coração da Princeza. Mas a Princeza Augusta Victoria é bastante intelligente e bastante senhora de si para não fazer calar o coração, se entendesse que as justas aspirações da sua estirpe não encontravam uma reflectida esperança no futuro».

Era abril, e só em 20 de julho os Portuguêses tiveram a alta honra de conhecer a sua Futura Rainha, em Richmond, onde Seu Pae o Principe Guilherme de Hohenzollern a foi officialmente apresentar.

Ao outro dia da chegada a Inglaterra, SS. MM. os Reis de Inglaterra offereciam á Princeza Augusta Victoria, ao Principe Guilherme e a S. M. El-Rei D. Manoel um almoço em Windsor, que significou quanto os Soberanos inglezes estimam e distinguem El-Rei D. Manoel e a Casa Hohenzollern.

No dia 20 de julho, SS. MM. El-Rei D. Manoel e a Rainha D. Amelia offereciam uma *Garden-Party* no Paço de Richmond para a apresentação da Princeza.

Não houve convites: Suas Magestades fizeram apenas saber que n'esse dia recebiam os Portuguêses, das quatro ás seis horas da tarde.

Todos os Portuguêses, residentes ou de passa-

gem em Londres, já apresentados no Paço, compareceram em *Abercorn-House*. Apesar de ser uma recepção só a Portuguêses, ás quatro horas já se via que a sala grande e o pavilhão não eram demasiado grandes.

Os Principes ainda não tinham chegado. As attenções iam por emquanto para as *toilettes* das senhoras, algumas das quaes eram verdadeiros figurinos originaes, e para as lapelas dos senhores Conselheiro Luiz de Magalhães e Conde de Sabugosa, cujas insignias ráras intrigavam os mais entendidos: uma rosêta ás raias brancas e pretas, e que se veiu a saber que eram as insignias da condecoração da Casa Hohenzollern.

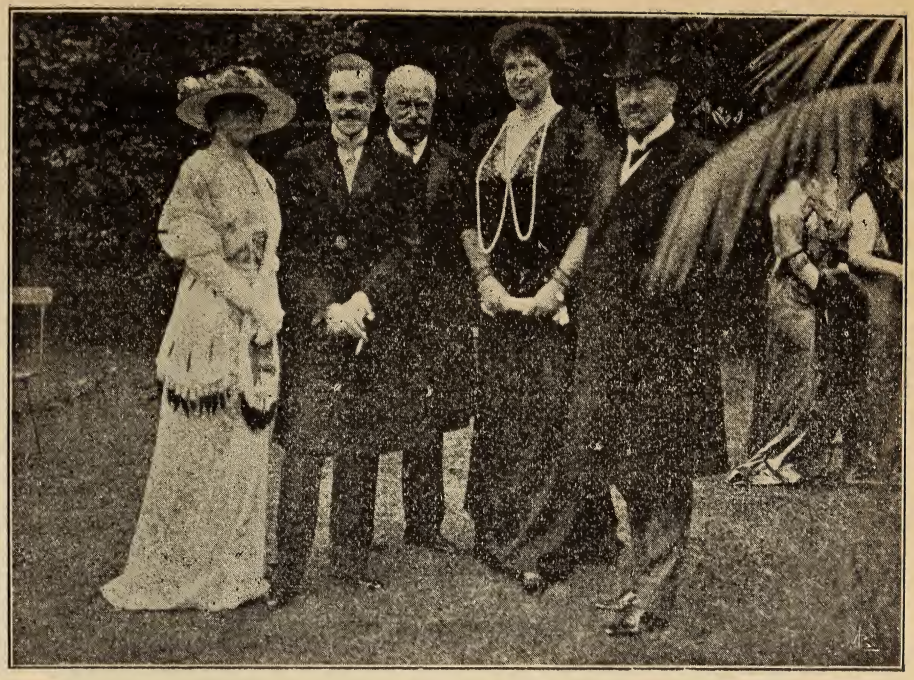
Estava já bastante gente, ainda se não tinha abrangido todo o quadro, quando chegou um automovel com tres dignitarios dos Principes de Hohenzollern, uma senhora e dois officiaes, que entraram para a sala.

A seguir chegaram os Principes.

Pelas quatro e meia, cinco horas, quem estava na sala de traz viu entrar no pavilhão, — vinda da salêta onde S. M. a Rainha D. Amelia costuma receber — uma preciosa linha azul clara: era a Princeza Augusta Victoria.

A Familia Real na «Garden-Party» de Richmond.

Esquerda para a direita: S. M. a Rainha Augusta Victoria, S. M. El-Rei o Senhor D. Manoel II, S. A. R. o Senhor D. Affonso Henriques, S. M. a Rainha Senhora D. Amelia, S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern.



D'ahi a momentos, o snr. Conde de Figueiró bateu as palmas, signal de estar com attenção, e, as senhoras á frente, começou sem distincções o desfile pelo pavilhão onde já estavam: a Princeza Augusta Victoria, á esquerda, S. M. El-Rei D. Manoel, á esquerda de El-Rei o Principe Guilherme de Hohenzollern, S. M. a Rainha D. Amelia e S. A. R. o Senhor D. Affonso Henriques, Duque do Porto.

Á Princeza eram apresentadas por S. M. El-Rei as pessoas que iam desfilando.

N'esse curto trajecto da sala para o pavilhão, e do pavilhão para o jardim, ninguem viu mais do que uma *hermine* branca, esquartejando uma roupagem azul, como que o drapejar magestoso de uma bandeira azul e branca onde batesse um vento de esperança.

Só na *garden-party,* que se seguiu á parte cerimoniosa da apresentação, os Portuguêses puderam demorar a admiração n'aquelle azul irmão do da sua bandeira. A Princeza Augusta Victoria modelava com a sua distincção de raça um gracioso vestido de manga curta, em crépe da China, azul, armado em apanhados, e matisado de rosas; um chapeu de palha azul, em tule e rosas, continuava o azul do vestido e o azul dos olhos.

SS. MM. e a Corte na « Garden - Party » de Richmond.

Esquerda para a direita: Marquez de Soveral, S. M. El-Rei o Senhor D. Manoel, S. M. a Rainha Senhora D. Amelia, Visconde de Pernes, Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Madame Almeida Azevedo, Madame Ruy Ulrich, Condessa de Figueiró, Dr. Francisco Quintella de Sampaio, Condessa de Sabugosa, S. M. a Rainha Augusta Victoria, Marqueza de Gouveia, Viscondessa de Asseca (nova dama da Rainha), Duqueza de Palmella, Conselheiro Azevedo Coutinho, Conde de Sabugosa, Visconde de Santo Thyrso.

A Princeza, como seu augusto Pae, e Suas Magestades, dirigiu-se a todos, conversando um pouco com cada um.

Já a sua distincção natural havia avassalado todas as sympathias, quando a futura Rainha, fallando com um grupo, pronunciou esta phrase:

—«Tenho seguido os vossos sacrificios e soffrimentos. Até aqui era um a desejar ir para Portugal; agora sômos dois, sou Eu tambem que para isso empregarei todos os meus esforços!»

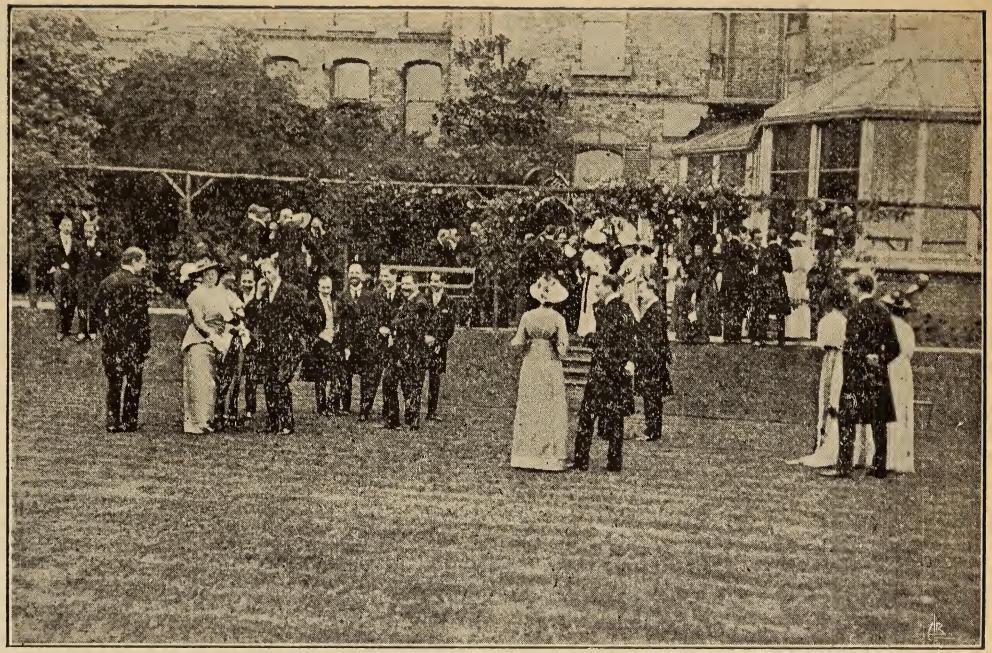
Ás cinco horas e meia, passou-se á sala de jantar, onde já estavam SS. MM. e Altezas, e onde foi servido o chá.

Continuava a conversar-se, mas ninguem tinha memoria senão para guardar aquellas palavras ditas pela Princeza.

Estava-se ao chá, chegou um automovel ao portão de *Abercorn-House*, e de dentro a mão de uma senhora passou ao Marquez de Soveral uma grande caixa com flôres para a Noiva de El-Rei D. Manoel...

Depois, pelas seis, formou-se alas no *hall*, a Senhora D. Amelia despediu-se, retirando-se para os seus aposentos, e a seguir a Princeza Augusta Victoria e S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern despediram-se de cada pessoa uma

Um aspecto da «Garden-Party» no Paço de Richmond.



Esquerda para a direita: 1.º plano—Carlos Figueira, D. Fanny P. Vasconcellos, D. Maria V. d'Almeida (Lavradio), D. Antonio A. C. Sá (Lavradio), Marquez de Lavradio, Eduardo C. Varella e Luaces, E. Lupi, José P. e Castro, Conde de Mangualde, Antonio P. e Costa, Mademoiselle Magalhães, D. Sebastião de Lencastre (Alcaçovas), Visconde d'Asseca, José V. e Souza (Figueiró), D. Emilia C. de Lencastre (Alcaçovas).

2.º plano— Tenente Alfredo Faria, Marquez de Gouveia, D. Maria B. de Castro, Conde das Galveias, Conde de Sabugosa, Visconde de Santo Thyrso, Dr. Rocha Páris, Dr. Manoel Espregueira, Francisco C. d'Almeida e Brito, Virgilio F. P. Silva, D. Maria de La Paz Albarran da Camara (Silvã), Mademoiselle Margarida Magalhães, André M. Supardo, Madame E. Lupi, Mademoiselle Conceição Magalhães, Madame P. Leite, Manuel de Castro (Rezende), Antonio de S. Holstein (Fayal), D. José G. de Borja M. e Menezes, D. Maria de S. Holstein (Fayal).

por uma, beijando os Portuguêses, pela primeira vez, a mão da sua futura Rainha que tirára a luva com que recebêra as primeiras homenagens.

No automovel de El-Rei, e acompanhados de Sua Magestade o Senhor D. Manoel, os Principes regressam ao *Clarydg's Hotel,* onde se alojavam, ficando S. A. R. o Senhor D. Affonso até ao fim.

A impressão deixada nos Portuguêses pela Princeza Augusta Victoria, ajustava-se bem ao primeiro retrato que d'ella conhecêramos.

Faltava apenas animar a imagem com a graça do movimento, — uma flexibilidade de junco indiano —, e com a vida do olhar e do sorriso, que teem a magia das boccas e dos olhos das taboas de Memmeling.

No mais era perfeito o retrato da Princeza que, em maio findo, nos mostrára a Senhora Marqueza de Rio-Maior.

— Sabe por quem é pintado este retrato? — historiou, com uma carta esquecida no regaço, aquella Senhora que era a menina e moça Subserra na côrte da Rainha Estephania. Eu lhe conto: Sua Alteza Real a Senhora D. Antonia, da primeira vez que foi a Portugal, levou uma dama, a condessa Matuska, de quem fiquei sempre amiga, e Senhora muito bem educada e tão dedicada

Outro aspecto da «Garden-Party» em Richmond.

Esquerda para a direita: Visconde d'Asseca, Dr. Ruy Ulrich, Antonio da Penha e Costa, Mesdemoiselles Conceiçao, Joanna, Margarida, e Maria de Magalhães, D. Maria de La Paz Albarran da Camara (Silva), D. Carlos de Mello Manuel da Camara (Silva), S. M. a Rainha Senhora D. Amelia, D. Maria Thereza Calheiros (Gúarda), D. Fany Peresrello de Vasconcellos, Marquez de Lavradio, Francisco Canayarro d'Almeida e Brito, Virgilio F. Pereira da Silva, Conde de Mangualde.

á Casa de Hohenzollern-Sigmaringen, como affeiçoada á Casa de Bragança. A condessa Matuska, hoje a camareira-mór da Princeza de Hohenzollern, *douarière,* Dona Antonia de Bragança, é ainda quem primeiro me escreve a dar algumas notas da sympathica biographia da nossa futura Rainha.

E a Senhora Marqueza de Rio-Maior percorre as laudas de uma carta que tira de um subscripto nobilitado pelas armas da Princeza D. Antonia de Bragança Hohenzollern, e passando em claro os cumprimentos, vae transcrevendo:

— Diz a condessa Matuska, e foi o que mais me impressionou: «Sua Alteza a Princeza Victoria tem aquelle olhar azul da Rainha Estephania, o mesmo olhar *éblouissant* de Sua Alteza Real o Principe Leopoldo. Diz que estão todos muito contentes em Sigmaringen, por se terem encontrado os corações da Princeza Victoria e de El-Rei D. Manoel. Desde a primeira visita de Sua Magestade o Senhor D. Manoel, o anno passado, a Sigmaringen, logo perceberam que não era impossivel esta alliança. Sua Alteza tem muitos retratos, mas nenhum mostra toda a graça e toda a nobreza da nossa joven Princeza. Tem um caracter perfeito; e sempre muito natural, sem timi-

dez e d'uma enorme *amabilité de coeur*. É d'uma distincção gothica, e d'uma bondade de livro sagrado. Boa amazona, e boa *musicienne*, vê a vida pelo mesmo olhar azul da Rainha Estephania, e pelo mesmo ideal religioso de que está impregnada a sua raça e que habilitava ainda ha pouco o Imperador a dizer aos seus soldados: *Deus está com a Allemanha!* Sua Magestade o Senhor D. Manoel esteve aqui estes dias. Fallava muito nos Portuguêses leaes. A Princeza ouvia-o sempre com interesse igual por todos, mas quem Ella mais mostrava desejar conhecer eram os presos, os sacrificados presos! Esses bons e dedicados Portuguêses, sumidos nas trevas dos carceres e das Penitenciarias, são os que os olhos *éblouissants* da futura Rainha de Portugal melhor vêem e conhecem ».

Tambem esses foram os primeiros a *vêr* a futura Rainha e os primeiros a presentear os Regios Noivos. Entre os presentes dos reaes parentes de El-Rei e da sua augusta Noiva, esse brilha como se o cravejassem todos os diamantes da corôa.

É d'um preso monarchico, um simples soldado, e merece ser descripto pela enternecedora intenção que nelle se contém.

O triste prisioneiro teceu por suas mãos uma

cesta d'arame; acolchoou-a e forrou-a de setim branco, em que cravou as armas reaes n'uma placa de metal (quem sabe se alguma d'aquellas corôas com que os emigrados da Galliza floriam as gollas dos *dolmans* e das *zamarras!*); dentro d'essa cesta, via-se um sacco de setim azul; e esse saquinho azul... que imaginam que continha?

Continha terra portuguêsa para Suas Magestades espalharem aos pés do altar no dia do seu casamento, e, em vez de sentirem a frialdade das lages do exilio, terem os pés assentes sobre o calôr amigo da terra patria.

SS. MM. El-Rei D. Manoel II
e Sua Augusta Esposa a Rainha D. Augusta Victoria

VIII

Ultima recepção de S. A. a Princeza Augusta Victoria aos habitantes de Sigmaringen

VIII

Ultima recepção de S. A. a Princeza Augusta Victoria aos habitantes de Sigmaringen

Correm os banhos anti-nupciaes. — Chegada do Regio Noivo. — Magnificentes aposentos de El-Rei em Sigmaringen. — O dia 19 de Agosto, anniversario da Noiva. — Chegada de S. M. a Rainha D. Amelia. — A ultima recepção da Castellã aos habitantes de Sigmaringen. — Os presentes dos camponêses. — Presentes reaes e presentes de pobres. — O tenente Arthur Sobral Figueira entrega a S. M. El-Rei D. Manoel o modesto mas significativo presente dos Emigrados da Galliza, iniciativa do Capitão Paiva Couceiro.

Como para o consorcio de quaesquer obscuros noivos, que aos pés do Senhor se arrecebam por legitimos esposos, para o regio enlace de S. M. El-Rei D. Manoel com S. A. a Princeza Augusta

Victoria de Hohenzollern correram banhos antinupciaes.

Foi o *Moniteur Ecclesiastique* de Sigmaringen que, n'estes textuaes termos, publicou as proclamas tradicionaes:

«*Ha promessa de casamento entre Sua Magestade D. Manoel II (Maria-Filippe-Carlos-Amelio-Luiz-Miguel-Rafael-Gabriel-Gonzaga-Xavier-Francisco d'Assis-Benedicto-Eugenio) Rei de Portugal e dos Algarves, domiciliado em Richmond Hill, Abercorn House, perto de Londres, em Inglaterra, nascido no Real Palacio de Belem, perto de Lisboa, filho de S. M. El-Rei D. Carlos I, morto em Lisboa, e de S. M. a Rainha Mãe D. Maria Amelia de Portugal, Princeza de França, d'uma parte, e S. A. a Princeza Augusta Victoria-Guilhermina-Antonia-Mathilde-Luiza-Josephina-Maria-Isabel de Hohenzollern, domiciliada em Sigmaringen, nascida em Potsdam, filha de S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern e de S. A. R. a Princeza Real Maria Thereza de Hohenzollern, nascida Princeza de Bourbon das Duas Sicilias, fallecida em Cannes, d'outra parte.*

«*A bençam nupcial, acompanhada do santo sacrificio da missa, será lançada por Sua Eminencia o Cardeal Netto, na Igreja Parochial. S. Eminen-*

cia o Cardeal Netto chegará quarta-feira proxima, ás tres horas e meia da tarde, e dirigir-se-ha logo á Igreja Parochial, onde será recebido á porta, solemnemente».

Nesse mesmo dia 3 de setembro, eram esperados os differentes convidados, nada menos de oitenta principes e princezas reaes, enviados das casas reinantes da Europa e os representantes dos regios padrinhos de S. M. El-Rei D. Manoel II: S. M. I. o Imperador da Allemanha, Guilherme II, — a quem as manobras do exercito allemão não deixavam assistir em pessoa, como era seu desejo, e tenção —, representado por seu filho o Principe Augusto Guilherme; S. M. o Rei de Inglaterra, Jorge V, representado por seu filho e herdeiro do throno, o Principe de Galles; S. M. o Rei de Hespanha, D. Affonso XIII, representado por seu cunhado o Infante D. Carlos; S. A. R. o Senhor D. Affonso, herdeiro presumptivo da Corôa Portuguêsa.

Os dois principaes hoteis de Sigmaringen, tomados por S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern, estavam promptos para receber os sequitos dos Principes; o Castello de Sigmaringen esperava os seus augustos hospedes.

Uns aposentos havia, no *Schloss,* que desde

19 de agosto estavam occupados pelo nobilissimo hospede a quem eram reservados.

As paredes do quarto de cama d'esses aposentos, eram forradas de sêda côr de rosa, e as janellas com vellarios côr de rosa, do mesmo brocado que estofava os moveis, assentes sobre tapeçaria do mesmo tom. Um elegante docél espargia uma luz rosea sobre o leito. Contíguo, um salão, com a mesa de trabalho de El-Rei, e um piano a que se senta um grande Artista — como a Allemanha culta, a Allemanha berço dos grandes mestres da Harmonia classificou o Senhor D. Manoel.

Eram os aposentos de El-Rei D. Manoel que Sua Magestade occupava desde 19 de agosto em que chegára a Sigmaringen, para assistir ao festejamento dos vinte e tres annos da Sua augusta Noiva. Era o ultimo anniversario de solteira; festejou-o a mais intima das galas. D'ahi a dias a graciosa Castellã de Sigmaringen, deixaria para sempre a sua poetica janella, alcandorada no piso cimeiro do *Schloss,* e aberta sobre as aguas do Danubio que cantam enamoradas aos pés do flanco rochôso que d'esse lado dá ao castello uma defeza medieval. Poucas manhãs mais, os olhos deslumbrados da Princeza azulariam aquelle scenario que já parecia entrar a entristecer no prelibar da

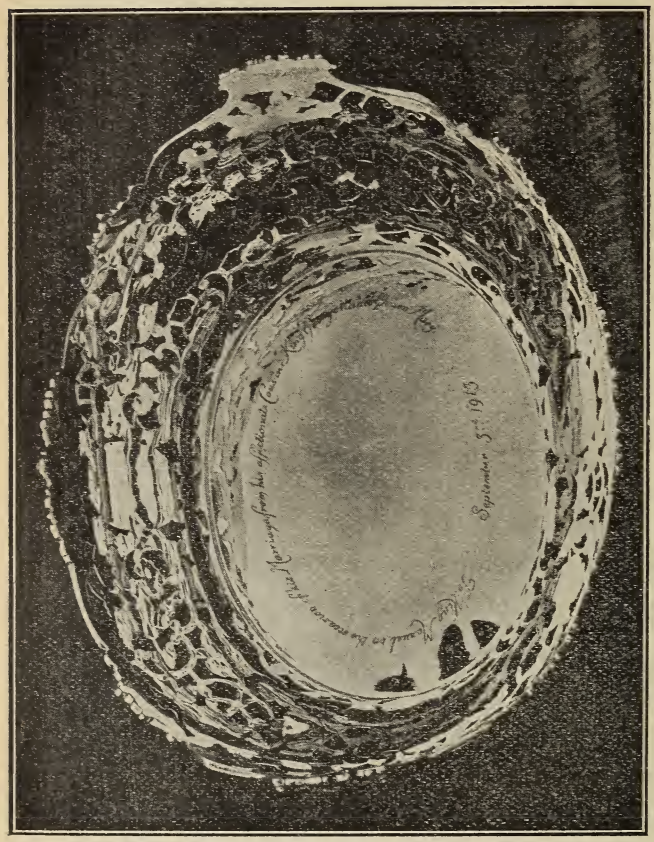
saudade. A paysagem melancolica sentia já a falta que havia de fazer-lhe o seu «Raio de sol» como o Principe Guilherme chamou á Princeza, na sua despedida.

Mas o «Raio de sol» não quiz faltar á sua paysagem natal, sem uma vez mais pousar nos corações do povo de Sigmaringen.

No dia 2, todos os habitantes de Sigmaringen e arredores foram recebidos pela Princeza Augusta Victoria.

Ao meio dia e meia hora d'esse dia, S. M. El-Rei D. Manoel e os Principes de Hohenzollern, em grande uniforme e acompanhados das suas casas civil e militar, recebiam na gare de Sigmaringen, Sua Magestade a Rainha D. Amelia, que os Condes de Figueiró e a Senhora D. Isabel Saldanha da Gama acompanhavam. Seguiu-se o almoço, um almoço intimo, e ás tres horas e meia abriram-se de par em par as portas da senhorial residencia.

Era a ultima recepção da formosa Castellã. Todo o burgo e termo accorreu a felicitar e entregar á Princeza Augusta Victoria — que deixa em Sigmaringen um rastro de bençans e de affeições como a boa Estephania deixou em Dusseldorff — os seus presentes.

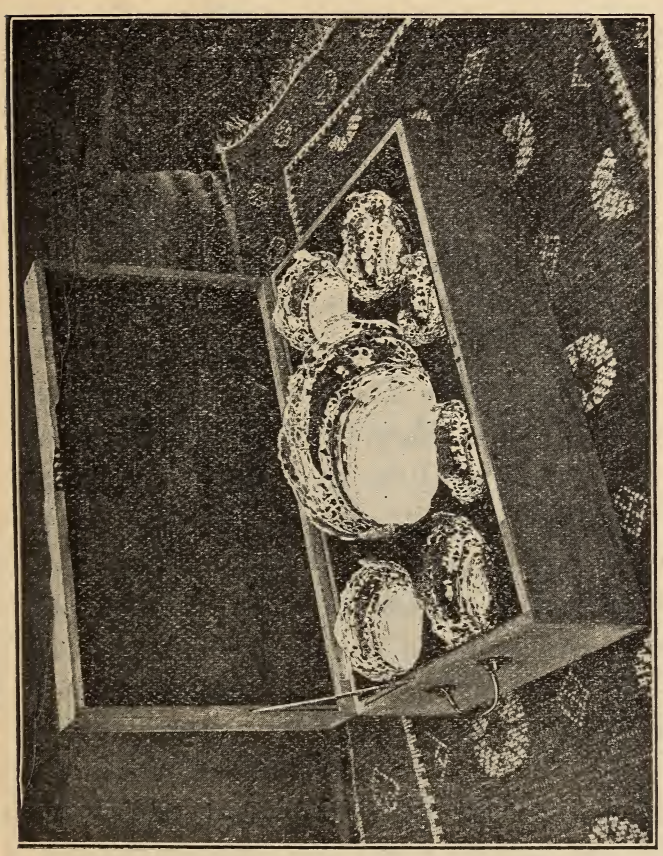


Uma das peças de serviço para meza, em prata, offerecido pelos Reis de Inglaterra tendo gravado esta dedicatoria:

«Ao Rei Manoel, por occasião do seu casamento, dos seus affectuosos primos Rei Jorge e Rainha Mary — Sept. 3 de 1913».

Foi uma enternecedora recepção. Via-se gente de todas as classes; a gente da cidade de Sigmaringen, e os camponezes, os abastados, os remediados, os bem trajados e os pobresinhos.

Todos levavam os seus presentes, desde obras d'arte e de ourivesaria, até aos ramos de flôres



Mais algumas peças do riquissimo serviço de prata, offerecido a S. M. El-Rei D. Manoel pelos Reis de Inglaterra

silvestres que a gente pobre apanhou dos seus campos, com a mesma sincera devoção, o mesmo amor com que as levariam ás santas da Igreja parochial. Como aos pés da scismadora Castellã, após os cumprimentos dos habitantes de Sigmaringen e redondezas, se viu a humillima flôr cam-

pestre e a trabalhada recordação dos artifices da prata e do ouro, na *corbeille* dos Regios Noivos encontraram-se os mais esplendidos presentes reaes e as mais commoventes dadivas dos pobres.

Os Reis de Inglaterra, offereceram a El-Rei D. Manoel II, uma riquissima baixella de prata, tendo numa das peças gravada a todo o comprimento, esta dedicatoria: «*Ao Rei Manoel, por occasião do seu casamento. Dos seus affectuosos primos Rei Jorge e Rainha Mary.—Setembro 3 de 1913*».

A provincia do Minho encarregou-se de vestir á portuguêsa a nova Rainha: traje rustico, alegre como um vinhêdo, offerenda popular, que vem bem da alma regional e bem vae a uma Rainha portuguêsa. Dentro d'uma arca estylisada, reproducção dos nossos preciosos bahus do seculo XVI, um numeroso grupo de senhoras e campesinas mandou á Noiva d'El-Rei D. Manoel um traje de lavradeira minhota, feito pelas medidas que tinham sido pedidas á Princeza. Em ser novo o castanho da arca, e não cheirar ás varas de linho fresco guardadas para o bragal da familia ou ás maçãs camoêzas do pomar, o escrinio rescende ao casto perfume da alma portuguêsa na intenção, pois que as saias e saiotes foram tecidos de proposito pelas mãos das offerentes, e o linho do cor-

pête fiado foi, por mãos que acompanharam o rodar do fuso com orações pela fortuna e saudinha da Dona. Tem os seus ouros a nobre lavradeira, ouros em filagrana, contas trabalhadas, grilhões, arrecadas, as cruzes, os vastos e historiados corações, dote de môça que vae noivar. E para que nada esquecesse, até as chinellas bordadas a sêda branca levava a linda arca, e sua algibeira lantejoulada com lenço de fino linho que, como é de usança, cantava no torçal do bordado a quadra:

Tu nasceste portuguêsa
Mas n'alheio roseiral;
A Rosa, por natureza,
Quer terra de Portugal.

A Princeza Augusta Victoria, que sentiu nesse presente, tão nacional, a alma pura das mulheres de Portugal, quiz photographar-se com esse traje português. Mas a arca foi despachada para Richmond, em Inglaterra ficou esperando a Dona, e a intenção houve que addiar-se. Mas dia virá em que o povo de Entre-Douro-e-Minho seja visitado por um fino perfil, de nariz ligeiramente arqueado, bourbonico, um rosto latino pela raça e pela sensibilidade, mas saxonico pela vontade e pelo cerebro, olhos que nasceram já azues para

Taça de ouro para vinho tendo gravado:
«Ao meu querido Manoel, Rei de Portugal,
da sua affectuosa tia Alexandra»

não estranhar o ceu de Portugal, coração que o amor fez português, uma linha ondulosa de prin-

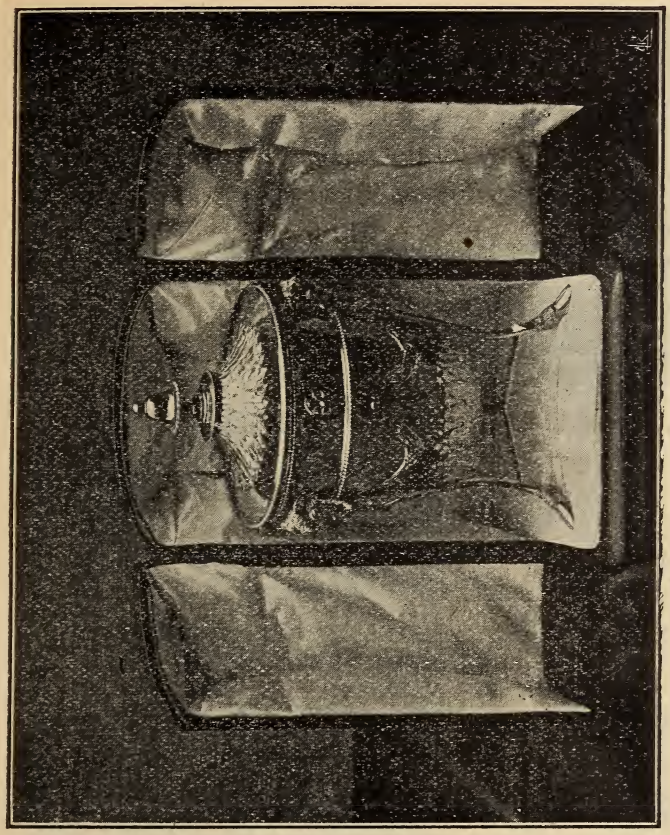
ceza numa simplicidade de illuminura, uma deusa de conto de fadas disfarçada num traje de lavradeira minhôta — é a Rainha Augusta Victoria.

A Rainha Alexandra, viuva de Eduardo VII, offereceu a El-Rei uma urna de ouro cuja dedicatoria tornará dôce todo o vinho: «*Ao meu querido Manoel, Rei de Portugal, da sua affectuosa tia Alexandra*».

É linda e é preciosa a offerta de S. M. a Rainha Alexandra. El-Rei D. Manoel ha de ter sempre a impressão de que essa urna de ouro não contém a ambrosia, mas encerra, sim, o coração de Eduardo VII, embalsamado na amizade fiel da Rainha Alexandra.

Para par d'essa urna de ouro, teve o Senhor D. Manoel uma offerenda que não o havia de enternecer menos: a cantarinha que a Joalheria Leitão, de Lisboa, estylisou com aquelle genio nacional que á indumentária portuguêsa vae buscar os motivos das suas obras, dando-lhes a riqueza da joia sem lhes tirar a saborosa graça popular. Essa preciosa cantarinha, offerecida pelos academicos monarchicos de Coimbra, irmã das que as tricanas enchem na «Fonte dos Amores», não é só o preito de uma saudade respeitosa e leal, é uma evocação regional, que ha de cantar-Lhe a

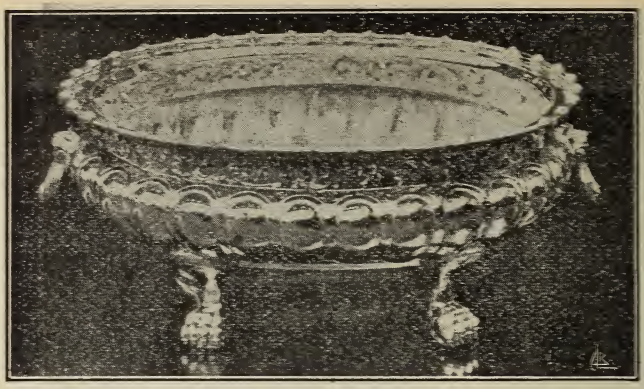
A cantarinha offerecido pelos Academicos Monarchicos de Coimbra



Urna de oiro offerecida por S. A. R. a Princeza Luiza, filha do fallecido Rei Eduardo VII, de Inglaterra, a S. M. El-Rei D. Manuel II

doçura do Mondego, como os buzios recordam as orchestrações oceanicas.

A Princeza Luiza, filha de Eduardo VII, offereceu a S. M. El-Rei D. Manuel II, uma urna de oiro os duques de Connaught um vaso de prata, e o famoso estadista Lord Rosebery uma taça de prata.



Taça de prata offerecida pelo illustre estadista inglez Lord Rosebery a S. M. El-Rei D. Manoel II

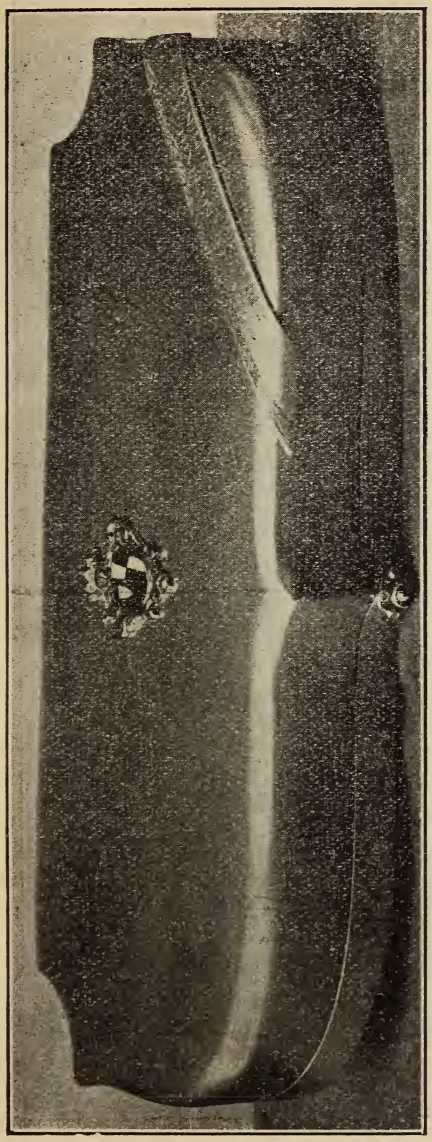
Se cada ramo da Familia Real Inglêsa presenteou Sua Magestade, cada provincia, cada cidade, cada concelho de Portugal, ramos de uma mesma Familia, quiz, mandando as suas offerendas a El-Rei, não destacar-se mas unir-se no mesmo jubilo.

Ao coração do Senhor D. Manuel seriam bastante as listas dos que o cumprimentassem [1]. Mas

---

[1] O insuspeito diario parisiense «Le Matin», no seu numero de 6 de setembro de 1913, publica este telegramma:

«**Un geste de l'ex-Roi Manuel.** — «Berlin, 5 septembre. — «(*Dépêche particulière du «Matin»*).—Suivant une dépêche de Stut-«tgart, l'ex-roi Manuel de Portugal, ayant appris que des listes de «souscription circulaient en Portugal afin de lui offrir un cadeau de «noces, demanda que seulement une partie de la somme fût em-«ployée à l'achat d'un présent et que le reste servit à secourir des «monarchistes portugais sortant de prison».



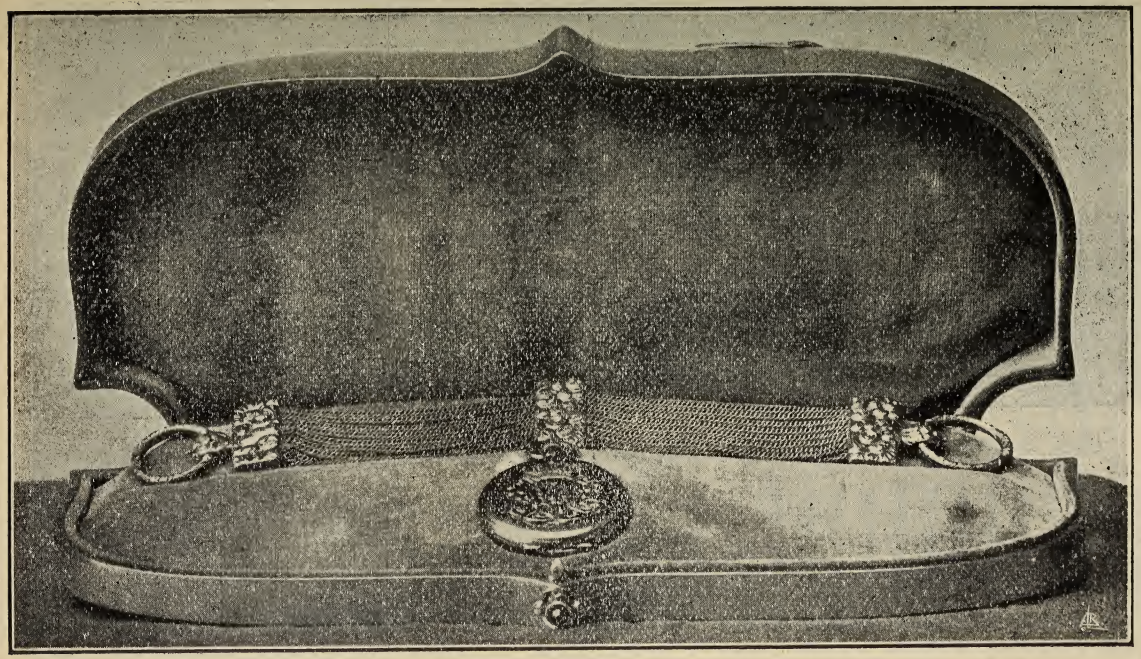
Caixa do relogio *chatelaine*, offerecida a El-Rei D. Manoel, fabricada na Ourivesaria Reis, do Porto

consoante as posses, cada região tomou a peito essa homenagem.

Os monarchicos da villa e concelho de Monsão, os de Leiria, os do Porto, os de Lisboa, os de Coimbra, os do Minho,

---

A nós constanos que este despacho está incompleto: o que Sua Magestade teria manifestado desejar, era que applicassem a somma da subscripção aos prisioneiros politicos, e lhe mandassem apenas as listas com os nomes dos subscriptores.



O relogio *chatelaine* que pertenceu á extincta Rainha D. Maria Pia e que a Provincia do Minho offereceu a El-Rei D. Manoel

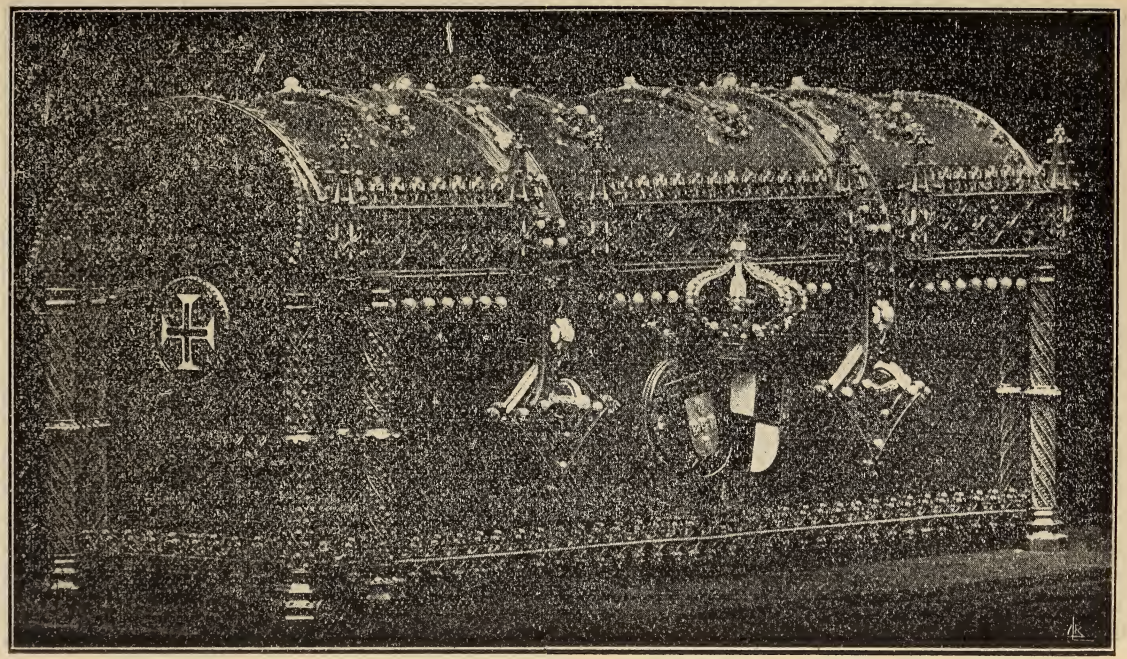
Vaso de prata offerecido pelo Duque e Duqueza de Connaught
(irmão do fallecido Rei Eduardo VII de Inglaterra)
e tendo gravado no sóclo esta dedicatoria: «Ao querido Manoel,
pelo seu casamento,
dos seus affectuosos primos Arthur e Luiza Margarida»

o Brasil, todos foram em espirito á cerimonia de Sigmaringen.

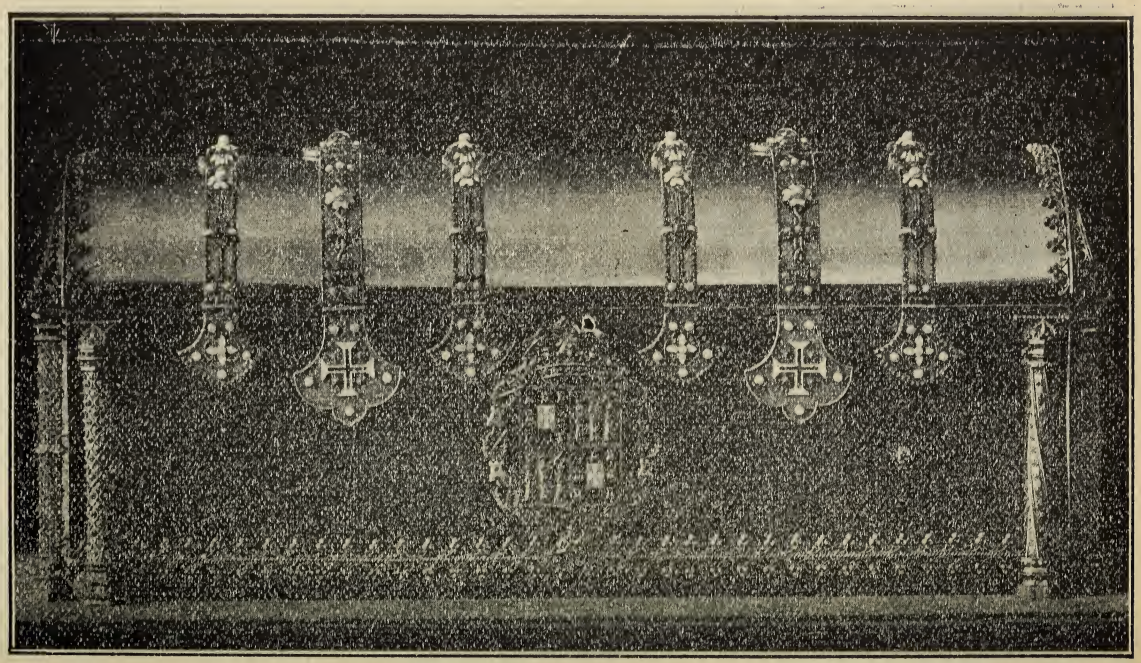
Leiria enviou ao Senhor D. Manoel, numa pasta de couro da Russia, decorada a prata e esmaltes, e em folhas de pergaminho, todas ornadas de preciosas miniaturas á penna, uma mensagem assignada por numerosos offerentes, affirmando, em nome dos monarchicos de Leiria, «a sua lealdade ao thrôno e ao Rei».

Sobre um fundo de prata cinzelada, ergue-se ao canto da pasta o perfil do vetusto castello de Leiria; motivos do seculo XIII enriquecem os dois cantos que olham a lombada. Nos angulos cimeiros, as armas de Portugal esmaltadas sobre um escudo cinzelado; na base, as armas de Leiria. Em caracteres romanos da época, a data esmalta um grande florão cinzelado que ennobrece a parte superior da pasta.

O Minho, além da arca recheada do pittoresco bragal offertado á Regia Noiva, teve ainda uma enternecedora intenção: offereceu um *relogio-chatelaine* que pertencêra a S. M. a Rainha Maria Pia, mandando-lhe fazer um escrinio de prata, armoriado por um escudo D. João V alliançando em esmalte as armas da Casa de Bragança e da Casa de Hohenzollern, com uma fita azul (em esmalte)



Arca manoelina offerecida pelas Senhoras do Porto e trabalhada na Ourivesaria Rosas (face anterior)



Riquissima Arca manoelina offerecida pelas Senhoras do Porto e trabalhada na Ourivesaria Rosas (face posterior)

e branca (prata fosca brilhante) contendo a dedicatoria esmaltada a azul, atravessada num canto, e quatro brilhantes e uma saphira *cabouchon* por fecho.

As senhoras portuenses resumiram o nosso bello estylo manoelino e as arcas para arrecadar valôres, num artistico guarda-joias, de 35 centimetros de comprimento e 10 de largo, todo em oiro, constellado de brilhantes, vasado a filagranas, colorido a esmaltes, trabalhado por artistas do Porto, verdadeiros rendeiros do metal.

Um delicado friso de filagrana de oiro, bordado sobre motivos do claustro da Batalha, franja a tampa; d'esse friso, agulhas do mesmo estylo, espiritualisam o *lambris*. Na parte inferior uma guarnição estylisada; e aos lados, columnas rendilhadas, — rapsodias architectonicas do mosteiro de Belem e do Convento de Christo, de Thomar — supportam a evocação decorativa.

Esmaltam o frontal os brazões das Casas de Bragança e Hohenzollern, levantando a Corôa Real, desenhados a brilhantes e perolas.

Os fechos da arca são vasados em filagrana de oiro mosqueada de perolas e brilhantes, cintando o tampo até á face posterior, onde a Cruz de Malta remata duas das alças, fixas no tampo por

A preciosa « Caravella » offerta dos Monarchicos de Lisboa
a El-Rei D. Manoel II

pequenos medalhões com o brazão do «Venturozo» e minusculas caravellas singrando o sereno azul de esmaltes maravilhosos.

A face posterior da arca é decorada com as armas da cidade do Porto. As faces lateraes, levantadas sobre columnas de filagrana, encaixilham uma cruz latina de esmalte branco.

Não é um guarda-joias, é uma joia que, quando não houvesse custado alguns contos de réis, como custou, valeria ainda pelo que de tradição custa o fabríco de uma obra d'arte em que trabalharam muitos artifices, que no manancial sagrado da raça beberam o genio artistico.

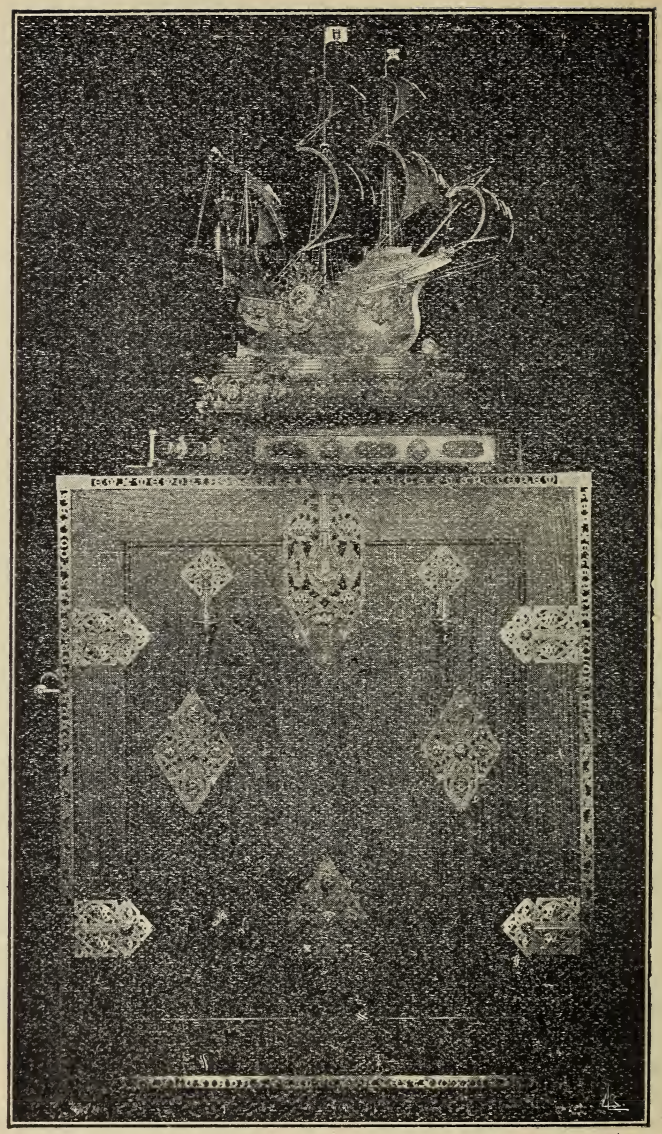
Lisboa metteu a bordo d'uma riquissima caravella [1] que mede três metros de altura e quasi

---

[1] Os objectos destinados a ser guardados na caravella serviram já no casamento. A caravella foi embargada pela Alfandega de Lisboa como se lê por este telegramma do «Figaro» de 6 de setembro de 1913:

«**Les cadeaux du roi Manuel.** — *Lisbonne, 5 septembre.* — *Les autorités douanières, à propos de la saisie d'une caisse contenant une caravelle offerte à l'ex-roi Manuel à l'occasion de son mariage, déclarent que cette mesure n'a nullement pour but d'empêcher l'envoi d'arriver à destination. La caisse sera expédiée aussitôt qu'auront été remplies certaines formalités douanières.*

La caravelle est adressée par la légation anglaise au Foreign Office pour être remise à dom Manuel».



A « Caravella » offerecida pelos Monarchicos de Lisboa
a El-Rei D. Manoel II, pousada sobre o bello estojo em que foi enviada

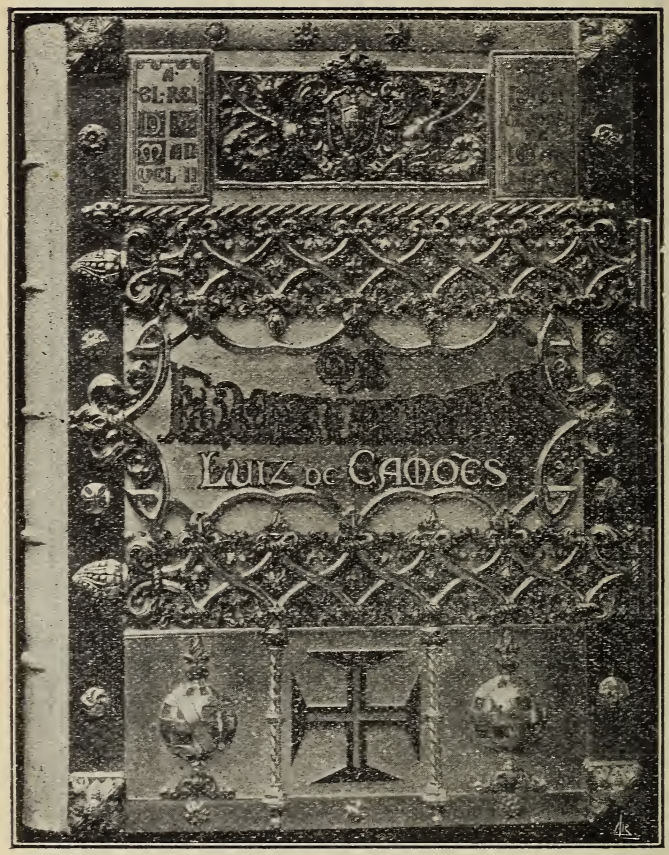
um de largo, verdadeiras lindezas de ourivesaria: um serviço de meza em agatha e prata, completa por duas argolas de guardanapo, firmadas por diamantes. Os tres mastros da caravella são em agatha, e do do centro pende uma lanterna d'oiro com as insignias de todas as ordens portuguêsas. No sóclo, corre um mar de prata.

Os quatorze contos de réis, que custou esta obra d'arte são insignificante somma para uma maravilha que orgulha a ourivesaria portuguêsa.

A villa de Barcellos consubstanciou n'um coração de oiro, o seu coração esmaltado a lealdade.

E outros, e outros muitos decerto que nem nós sabemos ainda, nem a pretensão temos de inventariar todos os presentes d'este noivado, muitos dos quaes não chegaram ainda ao seu destino, como o presente do Brasil, que só a 12 de setembro chegou a Inglaterra, não se tendo podido levantar logo da alfandega, por não ter apparecido o respectivo conhecimento.

Entre os mais modestos mas significativos presentes de Portuguêses a El-Rei D. Manoel conta-se o dos Emigrados da Galliza, que o tenente Arthur Sobral Figueira, sub-chefe do Estado-



Capa do volume de *Os Lusiadas*, (trabalhada em prata pela Joalheria Leitão & Irmão, de Lisboa offerecido a El-Rei D. Manoel pelos Emigrados da Galliza

Maior da «Columna de Couceiro», foi pessoalmente entregar a Sigmaringen.

Pobresinhos, os Emigrados da Galliza não po-

diam dar brilhantes nem oiros; vae, então, o capitão Paiva Couceiro levantou uma subscripção accessivel a toda a Columna; cada um daria um franco, ou uma pesêta, e offerecer-se-ia uma boa edição dos *Luziadas*.

Escolheu-se a edição do Morgado de Matheus, bis-avô do actual conde de Villa Real, e que data do principio do seculo XIX. Adquirida a raridade, encarregou-se a Joalheria Leitão, de Lisboa de a encadernar, encadernação pobre, livro escripto por soldado, e para ser offerecido por soldados: uma simples capa de prata, em portico manoelino, com as armas de El-Rei D. Manoel no alto. Com o exemplar, foram levadas a El-Rei as listas autógraphas dos subscriptores, numa pasta, ligada á nossa biblia nacional por uma bandeira azul e branca, — esburacada pelas balas republicanas num concelho do Norte, em 5 de Outubro, — que mãos leaes guardaram, e deram ao tenente Montanha quando na 2.ª incursão passou pela povoação e que o official entregou a Paiva Couceiro.

Assim, os Emigrados da Galliza vieram a offertar ao Senhor D. Manoel uma joia das que mais queridas devem de ser-lhe, joia, intenção, ideia que tem a leveza de uma latina inflada pela inspiração, o resumo da alma das descobertas,

protegido pelos dois traços de sangue da Cruz de Christo, supportada pelas columnatas audaciosas e crentes do cordame do seculo navegador, franjado pela filagrana que não é mais do que um trecho de oceano tornado renda pelo bilro da epopeia.

S. M. a Rainha Augusta Victoria

IX

Chegada de Sua Eminencia o Cardeal Netto e dos Enviados das Casas Reinantes a Sigmaringen

IX

Chegada de Sua Eminencia o Cardeal Netto e dos Enviados das Casas Reinantes a Sigmaringen

Aspecto de Sigmaringen na vespera do casamento. — Chegada dos representantes reaes. — O castello. — O Programma da festa do casamento. — Os convidados portuguêses. — Os que faltam: Paiva Couceiro, Hermenegildo Capello, Charters d'Azevedo, D. Fernando Eduardo de Serpa. — O Cardeal Netto. — O Jantar de Gala. — A magnificencia da « Galeria Portugal » no Castello de Sigmarigen.

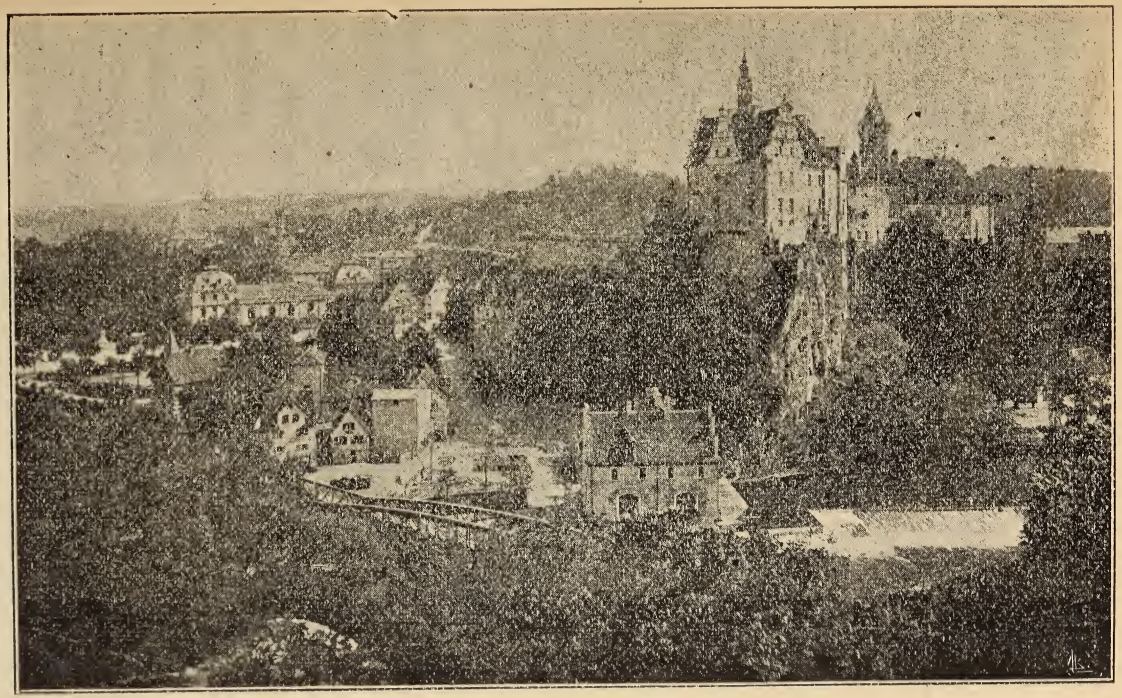
Um rumor de gala afogueava Sigmaringen nesse dia 3 de setembro, vespera d'uma cerimonia cujo protócollo seria em toda a linha o dos casamentos de Soberanos.

Sigmaringen é, no seu habitual aspecto, um berço de paz, emballado por frondes graves.

O Castello dos Hohenzollerns, apenas do costado por onde podia ser atacado pelo Danubio, conserva o altaneiro ar medievo, com o seu dente de rocha prompto para despenhar no precipicio o sitiante. Uma abobada que liga o Castello á Igreja Parochial, attesta os laços divinos que prendem á Casa do Senhor a d'aquelles Principes Catholicos; e, no mais, nada do isolamento aggressivo da meia-idade. As outras faces adoçam o cunho feudal das primeiras paredes mestras, e descem sorrindo, num parque que se continua com as *villas* particulares em que se decompõe a cidade, gradeadas de rosas, cujos portões de ferro parecem existir apenas para impedir os canteiros de tornar em inextrincavel meandro de coloridos e perfumes os arruamentos publicos.

Ha um ar calmo e reflectido de povoação germanica que aquieta a natureza e as almas.

Mas, nesse dia, o céo ennevoado era alterado pelo azul medieval das bandeiras portuguêsas que empavesavam Sigmaringen, alternando com as bandeiras das nações representadas na cerimonia, pelos arcos triumphaes que vinham numa abobada de gala desde os portões do Castello até á



Aspecto de Sigmaringen

Estação de Caminho de Ferro, com as armas de Hohenzollern e de Portugal. Não havia *villa* nem tecto remediado, d'um d'aquelles «Souabes» que nos dias ordinarios fumam á porta o seu cachimbo de porcelana, que não estivesse empavesada.

Aquella bandeira azul e branca, que drapejava no topo do castello, puzera em festa toda Sigmaringen.

Fôra-se a serenidade germanica.

D'um arco de triumpho acabavam de emmergir, sorridentes e promettendo-se a felicidade, os regios noivos, que vão á estação esperar os principes, os representantes dos Reis, egregios convidados que vem testemunhar a nascença da sua ventura, ali, naquelle berço onde tudo nasce radioso: flôres, dynastias, unidades imperiaes, grandes sonhos, grandes bellezas e grandes amores.

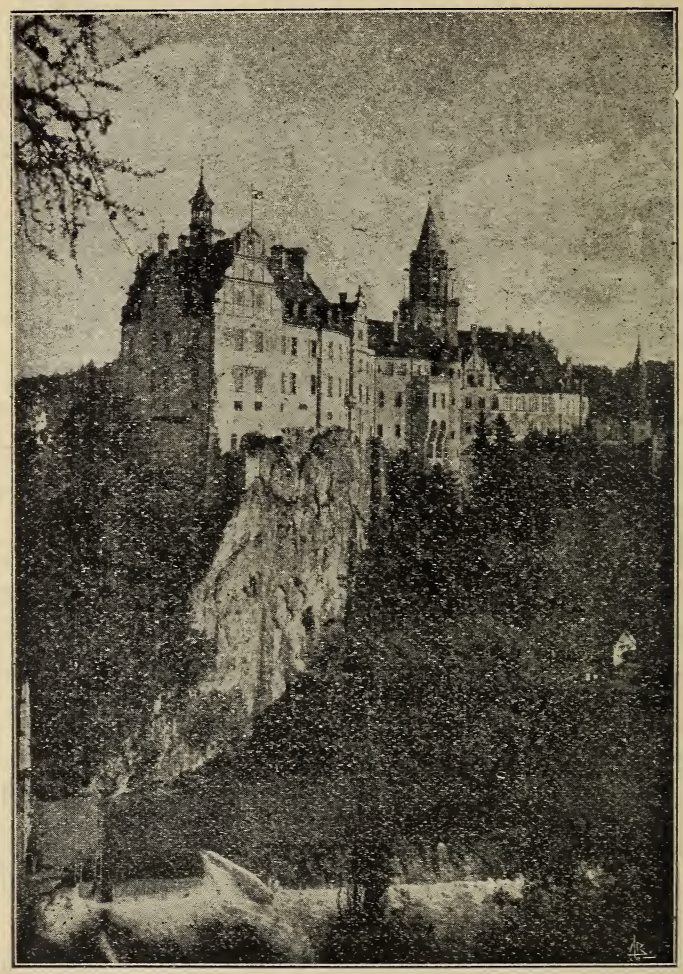
E automoveis, equipagens, vão e veem da estação, sumindo-se pela rampa abobadada, que serve a entrada principal do Castello, defendida por armas e canhões, e povoando de principes das casas reinantes e quietude dos salões que parecem abrir as suas imponentes janellas para os terrassos só para respirar de tanto esplendor.

Pelas alamêdas sombreadas de arvores, que pela idade e pelo porte parecem orgulhar-se tam-

bem da sua velha linhagem, equipagens passeiam as figuras de destaque da Europa, que se encontram em todas as galas do continente, como a série de uma descendencia de Reis numa galeria de retratos: o Principe de Galles, no seu elegante uniforme de official de marinha, com um masculo desembaraço, onde se não encontra já o timido principe que ha tres annos vimos na Gare Victoria em Londres; o Infante D. Carlos de Hespanha, e a Infanta, amiga de infancia da Rainha de Hespanha, o Duque de Aosta e o Duque de Genova, a maior representação que podia enviar a côrte de Italia; o Duque do Porto; o fino perfil do Duque de Montpensier, representante da Casa de França, e a melancolica graça da Rainha D. Amelia, com a pallidez da sua recente enfermidade e aquella sombra de amargura que só as ingratidões e as injustiças vincam.

Esse dia, já incluido no programma official das festas do casamento, reuniu em Sigmaringen todos os convidados e enviados das côrtes, com as suas *suites:*

SS. AA. o Principe e a Princeza Carlos de Hohenzollern, com suas filhas, as Princezas Estephania e Maria de Hohenzollern, e S. A. o Principe Alberto de Hohenzollern, levando por comiti-



O Castello dos Principes de Hohenzollern em Sigmaringen

va: Fraülein von Appell, Fraülein von Mallin Krodt, e o tenente Von Wrener;

S. A. S. o Principe Francisco José de Hohenzollern, comitiva: o tenente See von Trotha;

S. A. S. o Principe Herdeiro Frederico de Hohenzollern, representante do Rei da Roumania, comitiva: o tenente Riedesel, Barão Zu Eisembach;

S. A. S. a Princeza Frederico de Hohenzollern;

SS. AA. RR. o Duque e a Duqueza de Vendôme;

SS. AA. RR. o Gran-Duque e Gran-Duqueza de Baden, comitiva: Condessa d'Andlau-Homburg, General Dürr e o camarista Goëler de Ravensburg;

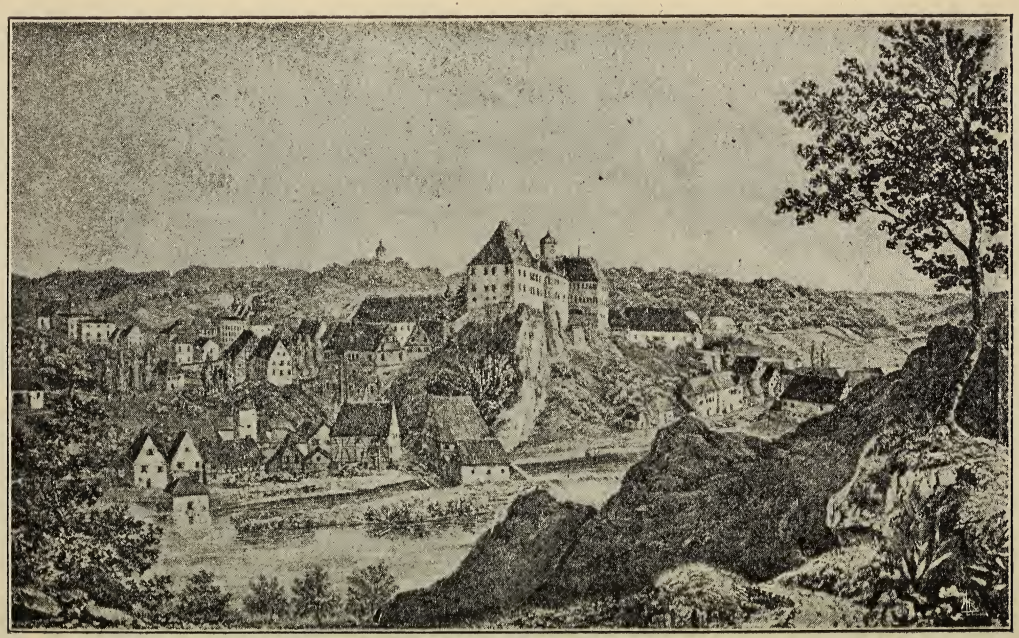
SS. AA. RR. o Infante e a Infanta D. Carlos de Hespanha, representantes de Sua Magestade Catholica, comitiva: Marqueza de Aquila Real e o Marquez de Mesa de Asta;

S. A. R. o Principe João Jorge de Saxe, comitiva: o capitão von Watzdorf;

S. A. R. o Senhor D. Affonso, Duque do Porto;

SS. AA. RR. o Duque e Duqueza de Aosta, representando a Condessa de Paris, comitiva: Marqueza de Torrigiani, Marquez de Torrigiani, capitão Campani e o tenente Mantasini;

S. A. R. o Principe de Galles, representante



Antigo aspecto do Castello de Sigmaringen

de S. M. o Rei de Inglaterra, comitiva: Major W. Cadogan;

S. A. R. a Gran-Duqueza Luiza de Baden, comitiva: Baroneza de Racknitz e o Conde d'Andlan-Homburg;

S. A. I. o Principe Augusto Guilherme da Prussia, representante de S. M. o Imperador da Allemanha, comitiva: Conde de Blumenthal e Capitão Barão von Ende.

S. A. o Duque de Genova, representante de S. M. o Rei de Italia, comitiva: o Tenente Conde Riccardi;

S. A. R. o Duque de Saxe-Coburgo-Gotha, comitiva: Barão von Wangenheim e o Major Barão de Bülow;

S. A. R. o Duque de Montpensier, comitiva: o Duque de Luynes, o Conde de Grammont, Mr. Joantho, Conde de Colville.

Durante a estada em Sigmaringen, estavam de serviço:

a *S. M. El-Rei:* o Coronel Barão de Hammerstein-Equord;

a *S. M. a Rainha D. Amelia:* o Conde e a Condessa Adelmann von Adelmanns-felden;

aos *Gran-Duques de Baden:* o Capitão Zimmer;

Um aspecto da Capella Particular do Castello de Sigmaringen

aos *Infantes de Hespanha:* o Capitão Ruschenbusch;

ao *Principe de Saxe:* o Capitão Rübusann;

ao *Principe de Galles:* o Capitão von Schönan-Vehr;

ao *Principe da Prussia:* o Capitão von Schoenebeck:

ao *Duque de Genova:* o Capitão Barão Enadt-Wukradt-Hüchtenbruck;

ao *Duque de Saxe-Coburgo-Gotha:* o Tenente von Blessen.

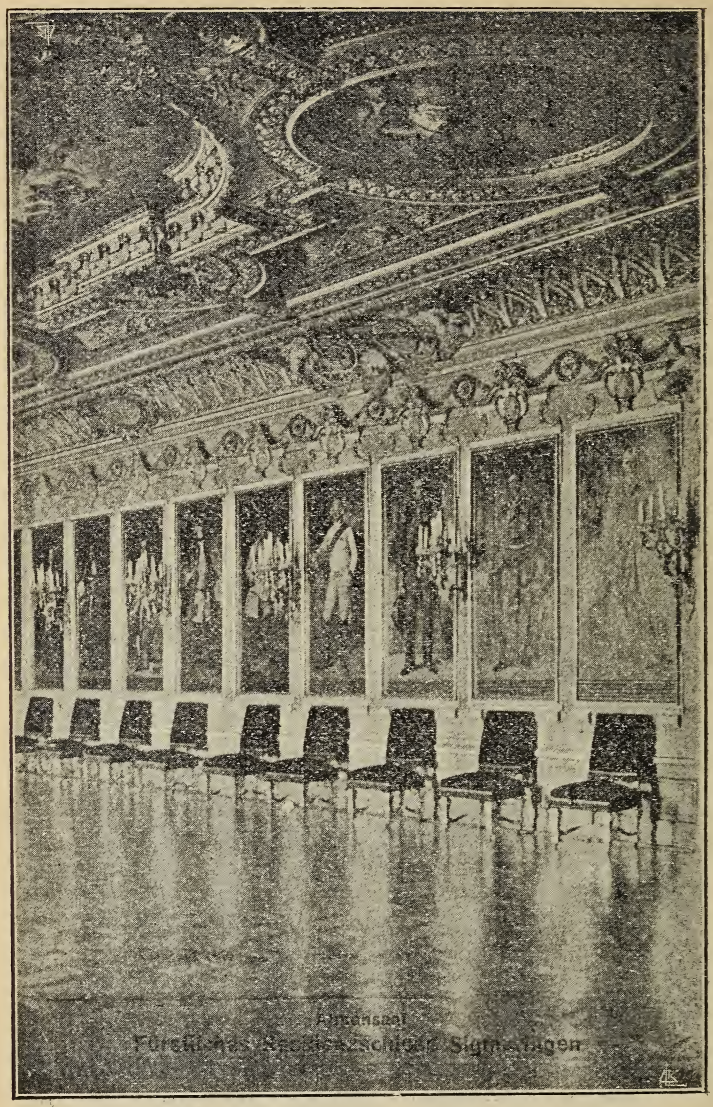
Outras dignidades illustres tinham já chegado a Sigmaringen: o Conde de Eulemburg, Primeiro da Côrte e Mordomo-Mór, e Primeiro Mestre de cerimonias de SS. MM. os Imperadores e Reis, General de Infantaria, etc., etc., entidade que ia ali para celebrar o casamento civil, desempenhando as funcções de ministro da Côrte; Von Keil, secretario no Ministerio da Casa Real; o Capitão Barão Geur von Schweppenburg e M.me Gemahlin; Mgr. Dr. Middendorf, prior catholico; a Baroneza von Brük; M.me Freün Goeler von Ravensburg; e a deputação do Regimento do Principe Carlos Antonio de Hohenzollern, composta dos seguintes officiaes: Coronel von Scheliha, Capitão Cremer e Tenentes Brisken e von Sillich.

O Altar Mór da Capella Particular no Castello de Sigmaringen

Viam-se tambem já os convidados portuguêses: os Conselheiros Luiz de Magalhães, Ayres d'Ornellas e João d'Azevedo Coutinho, o Marquez de Soveral, Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Dr. D. Antonio de Lencastre, Alfredo de Castro, Marquez e Marqueza de Lavradio, D. Isabel Saldanha da Gama, Conde de Tarouca, Conde e Condessa das Galveias, Visconde e Viscondessa d'Asseca, Conde e Condessa de Sabugosa, Conde e Condessa de Figueiró, Marquez e Marqueza do Fayal e F. Kerausch.

Outros portuguêses foram convidados que não pudéram assistir: o Vice-Almirante Hermenegildo Capello, a quem a sua muita idade e os seus muitos padecimentos não permittiam tão longa viagem; Guilherme Charters d'Azevedo e D. Fernando E. de Serpa, e o Capitão Henrique de Paiva Couceiro. A alguem que lhe perguntou quando passaria em Paris, de viagem para Sigmaringen, Paiva Couceiro respondeu: «*Sua Magestade honrou-me de facto com um convite para o seu casamento. Eu é que, infelizmente, não posso corresponder como devia, porque nunca possui casaca, nem a sei pôr*».

Effectivamente ao soldado, que nunca foi preciso convidar para se bater pela Patria e pelo



Um dos riquissimos salões do Castello de Sigmaringen

Rei, nunca se conheceu senão a farda desbotada pelos sóes d'Africa; mas, embora não estivesse presente á cerimonia, no convite a Paiva Couceiro foram convidados todos os que, vae em tres annos, teem estado presentes a todos os sacrificios e amarguras, e em espirito assistiram em Sigmaringen á celebração do casamento Real.

Quem tinha de comparecer, ás tres horas da tarde de 3 de setembro estava em Sigmaringen. Faltava apenas o Cardeal D. José Netto, Patriarcha resignatario de Lisboa. Chegou ás tres horas e meia da tarde d'esse dia, recebendo-o na estação o ajudante de campo de S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern que o acompanhou até á Igreja Parochial, onde o clero sahiu a recebel-o com o determinado no ritual, e com mais a commovida veneração que inspira aquelle franciscano que se soube desprender das pompas da Igreja para ir esperar pela morte na sua cella de monge, e que, quando o chamaram para abençoar o enlace matrimonial do Rei — que elle baptisára e a Quem ministrára a primeira communhão, — se puzera a caminho, parecendo ter deixado na sua cella de um convento de Sevilha os seus setenta e dois annos, e de lá trazendo apenas a espiritualidade e a elevação simplice.

DISPOSIÇÃO DA MEZA REAL

Mordomo-mór Conde de Spee

Jantar de gala na "Galeria Portugal" em 3 de Setembro de 1913

Mordomo-mór Conde de Blumenthal.	Camarista Visconde d'Asseca.
Camarista Marquez de Torrigiani.	Coronel Scheliha.
Camarista Marquez de Lavradio.	Mestre de cerimonias Conde de Figueiró.
Mr. Reck.	Duque de Luynes.
Mr. de Werner.	Mr. Ayres de Ornellas.
Duque de Palmella.	Baroneza de Bruck.
Baroneza de Racknitz.	Conde de Andlaw.
Conde de Tarouca.	Viscondessa d'Asseca.
Condessa de Adelmann.	S. A. Principe Albrecht de Hohenzollern.
S. A. Principe Francisco José de Hohenzollern.	Madame Saldanha da Gama.
~~Condessa das Galvêas.~~	S. Eminencia o Cardeal Netto.
Duque de Vendôme.	Condessa de Figueiró.
Condessa de Sabugosa.	Duque d'Aosta.
Duque de Montpensier.	Princeza Estephania de Hohenzollern.
S. A Princeza Maria Antonietta de Hohenzollern.	Grão-Duque de Bade.
Duque de Genova.	S. A. Infanta D. Carlos de Hespanha.
Grã-Duqueza de Bade.	S. A. Principe Augusto Guilherme da Prussia.
S. A. Principe Guilherme de Hohenzollern. / S. M. Rainha Amelia de Portugal.	SS. MM. os Regios Noivos.
S. A. Principe de Galles.	Duqueza d'Aosta.
S. A. Princeza Carlos de Hohenzollern.	S. A. Infante D. Carlos de Hespanha.
Duque de Coburgo.	Duqueza de Vendôme.
S. A. Princeza Frederico de Hohenzollern.	S. A. Principe João-Jorge de Saxe.
S. A. R. o Duque do Porto.	Duqueza de Palmella.
Condessa Matuska.	S. A. Principe Carlos de Hohenzollern.
S. A. Principe Herdeiro de Hohenzollern.	Marqueza de Torrigiani-Fry.
Condessa de Bruhl.	Marechal Conde de Eulemburgo.
Conde de Sabugosa.	Marqueza de Aquila Real.
Marqueza de Lavradio.	Marquez de Soveral.
Camarista Alfredo Castro.	Condessa de Andlaw.
Conde de Bruhl.	Mr. Luiz de Magalhães.
Conde das Galvêas.	Baroneza Geyr de Schneppenberg.
Conde de Grammont.	General Durr.
Marquez de Meza de Asta.	Mr. d'Azevedo Coutinho.
Tenente-coronel Montasini.	Conde de Adelmann.
Barão de Wangenheim.	Barão de Freyberg.

Mordomo-mór Barão Wangenheim

Via-se ali o homem e o religioso que supportára a prisão desfeiteadôra nos dias revoluciona-

rios de outubro de 1910, e que soubera reprehender o cadete — hoje alferes Quadros, e hoje preso na Casa de Reclusão, por conspirar contra o regimen, — que lhe pregou um laço verde e encarnado no hombro:

— «Não é assim que se trata um velho, um cardeal e um par do Reino!»

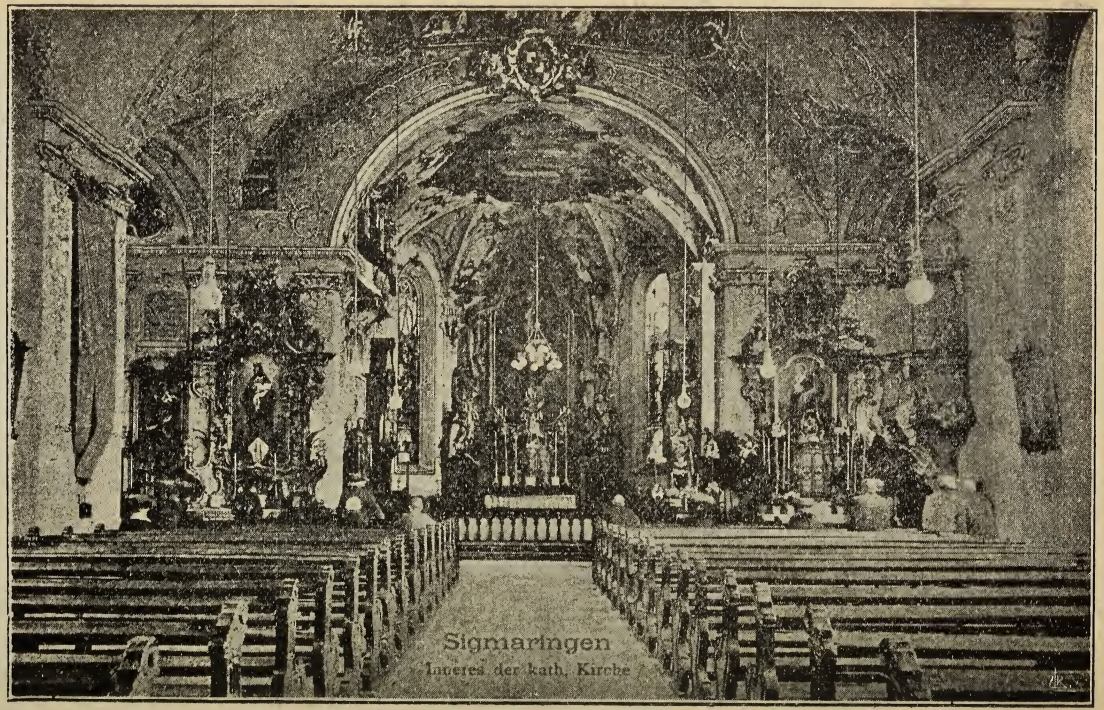
É a dignidade na desgraça, a maior nobreza da alma humana e a maior força nos infortunios.

Agora ali, em Sigmaringen, rodeado de outras summidades da Igreja Catholica, reverenciado como competia á sua alta hierarchia de Principe da Christandade, acompanhado em procissão da Igreja Parochial ao Castello, a cujos humbraes S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern desceu a esperal-o, D. José Netto parecia prometter humildemente:

— «O humilde frade franciscano dirá na sua cella ao Senhor como aqui heis recebido o Cardeal Português!»

Assim que o representante da Igreja Portuguêsa entrou o paço acastellado do Principado de Hohenzollern, ficou completo o quadro historico que havia de decorar a cerimonia.

Todos os altos figurantes se juntaram ás oito horas d'essa mesma noite, á mesa do banquete de



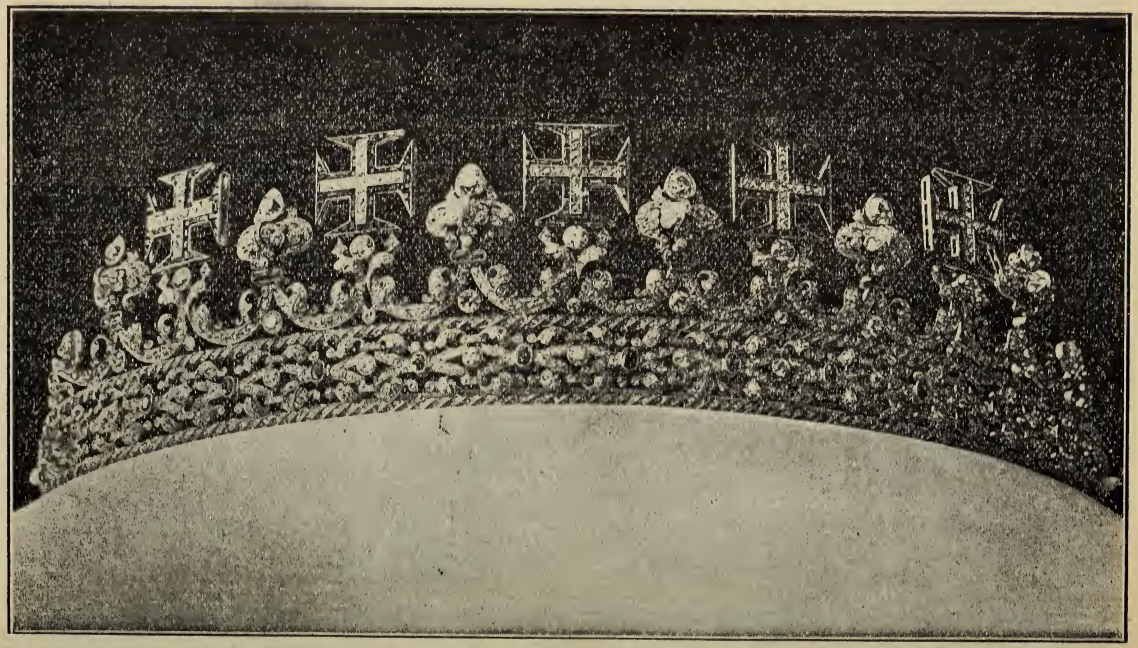
Igreja de Sigmaringen onde se celebrou o casamento de SS. MM. El-Rei D. Manoel e Rainha D. Augusta Victoria

gala na «Galeria Portugal», cujas portas teem um *L* e um *A* entrelaçados, evocando os dois corações do Principe Leopoldo de Hohenzollern e de S. A. R. a Princeza D. Antonia de Hohenzollern, Infanta de Portugal, por amor da quem se baptisou portuguêsa aquella magnificencia.

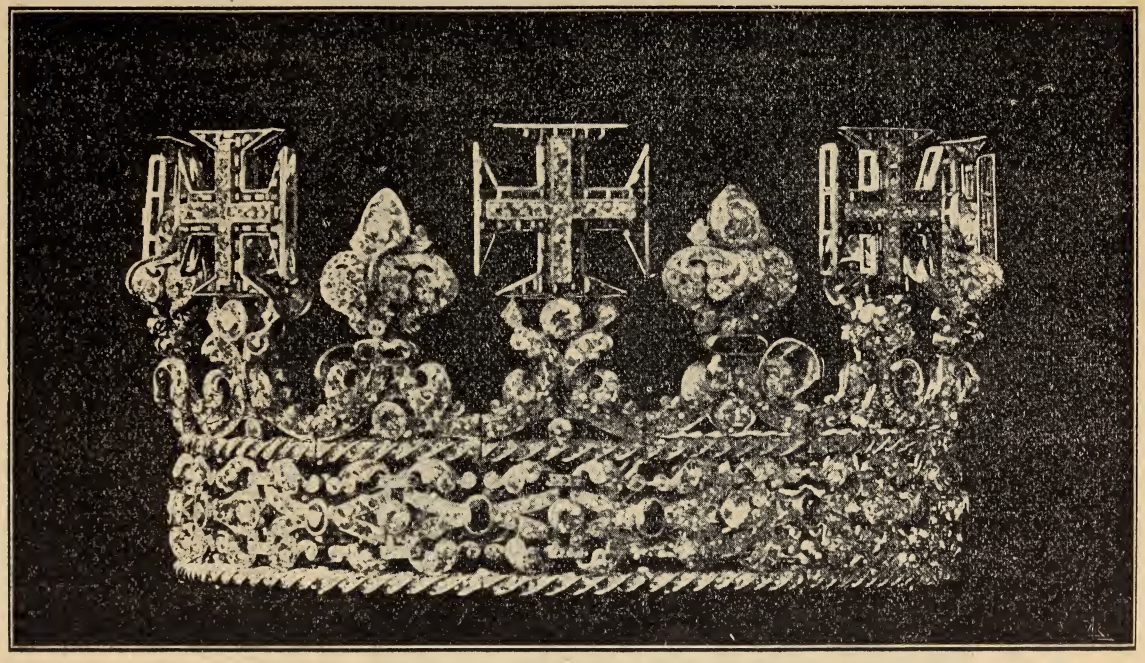
As paredes da «Galeria» são cobertas de magnificos pannos de Arraz d'um valor incalculavel, pelos quaes o millionario americano Pieper Morgan teve o atrevimento de offerecer cinco milhões.

O aspecto da mesa e da sala, com as luzes jorrando esplendores, d'entre os caixotões de madeiras preciosas que forram o tecto, as pratas, as joias, as toilettes, as fardas a que a etiqueta da cerimonia recommendára de preferencia as condecorações portuguêsas, — era um deslumbramento mesmo para os que nasceram em berços d'oiro e teem merendado nas mais ricas mezas reaes da velha Europa.

El-Rei D. Manoel trajava de casaca e calção com a grã-cruz da Aguia Negra; S. A. a Princeza Augusta Victoria, de toilette azul, tendo na cabeça o diadema offerecido por S. M. El-Rei, uma das mais bellas obras de joalharia que jámais coroaram cabeças de rainhas: diadema manoelino, com



Diadema offerecido por S. M. El-Rei D. Manoel a S. M. a Rainha Augusta Victoria (aberto)



Diadema offerecido por S. M. El-Rei D. Mancel a S. M. a Rainha Augusta Victoria (fechado)

as cruzes de Christo, cujo desenho e montagem faria inveja aos melhores joalheiros do mundo e que afortunadamente é português [1]. Ao pescoço, a Princeza ostentava o *collier de chien* em brilhantes e rubis offerecido por S. M. a Rainha D. Amelia.

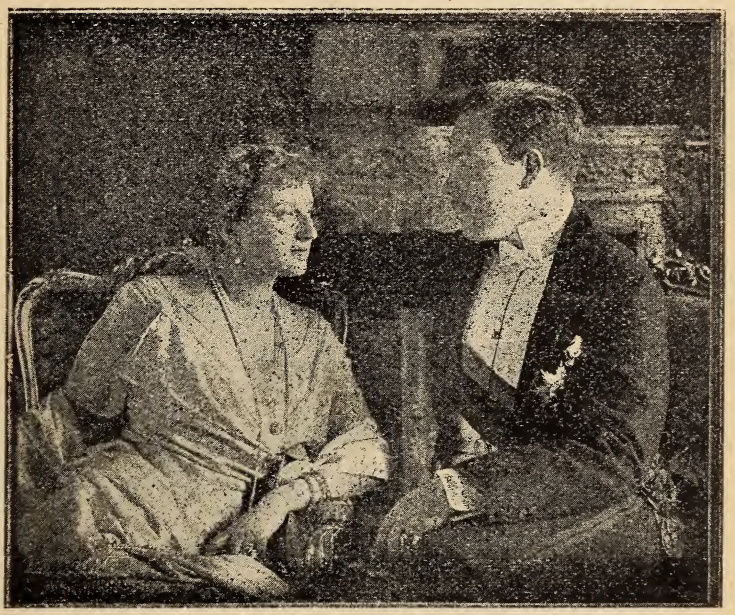
S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern fez apenas um brinde protócollar agradecendo aos seus hospedes o terem ido assistir ao casamento e agradecendo particularmente ao Imperador da Allemanha, aos Reis de Inglaterra, Belgica, Hespanha e Saxonia a sua representação.

O protocollo não deu a mais ninguem a palavra.

A «Galeria Portugal», n'esse banquete de gala, não deu a ninguem outra visão de deslumbramento senão a fina illuminura que estava á direita d'El-Rei: transfiguração da Padroeira reflectindo no seu dôce olhar azul o luar da esperança, e alteando, sobre os cabellos d'oiro que a nimbam, a esplendida corôa manuelina.

---

[1] Essa joia real foi desenhada e levantada nas officinas portuguêsas da Joalheria Leitão, de Lisboa.



S. M. El-Rei D. Manoel II
e sua augusta esposa a Rainha Augusta Victoria

X

Celebração do casamento de S. M. El-Rei D. Manoel, com S. A. a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern

X

Celebração do casamento de S. M. El-Rei D. Manoel, com S. A. a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern

O casamento civil. — Reunião na sala vermelha. — O cortejo nupcial. — Como ia vestida a Noiva. — Uma recordação do casamento da Princeza D. Antonia, Infanta de Portugal. — A sêda do pallio que recebeu os Regios Noivos já vira outra alliança Bragança-Hohenzollern. — A disposição dos lugares na Igreja, durante a cerimonia religiosa. — Commovida oração em português do Cardeal Netto. — As perguntas sacramentaes. — O «Sim». — As damas portuguêsas tomam o seu lugar junto da sua nova Ama e Senhora. — A Missa. — A casula que revestia o Patriarcha. — A bençam papal. — O desfile. — A recepção. — A visita dos Regios Noivos

á querida e egregia Avó. — O almoço na «Galeria Portugal». — Um brinde do Principe Guilherme que teve a elevação do verbo inspirado do Kaiser. — Dois Noivos retirados num cantinho do mundo. — Cinco mil telegrammas. — O echo das palavras do Principe Guilherme. — A divisa da Casa Hohenzollern.

Ás seis horas e meia da manhã, os sinos da Igreja Parochial, uma das mais vetustas e venerandas construcções da velha cidade catholica, annunciavam, como os de todas as outras torres christãs, que esse dia 4 de setembro de 1913 era dia nado para abençoar felicidades.

Nascida e creada entre a magestade e a paz augusta das florestas, Sigmaringen, flagelada pela guerra, pela fome e pela peste, pelo saque e pelos incendios, desde a idade-média até ao seculo XIX, só conheceu a felicidade quando o Principe Reinante Carlos Antonio de Hohenzollern — que a revolução de 1848 refugiara em Dusseldorff — restabeleceu em 1871 a sua residencia no velho burgo a que os romanos deram o ser e o Conde de Sigmar o seu nome de baptismo.

Os seus carrilhões tocaram durante seculos a

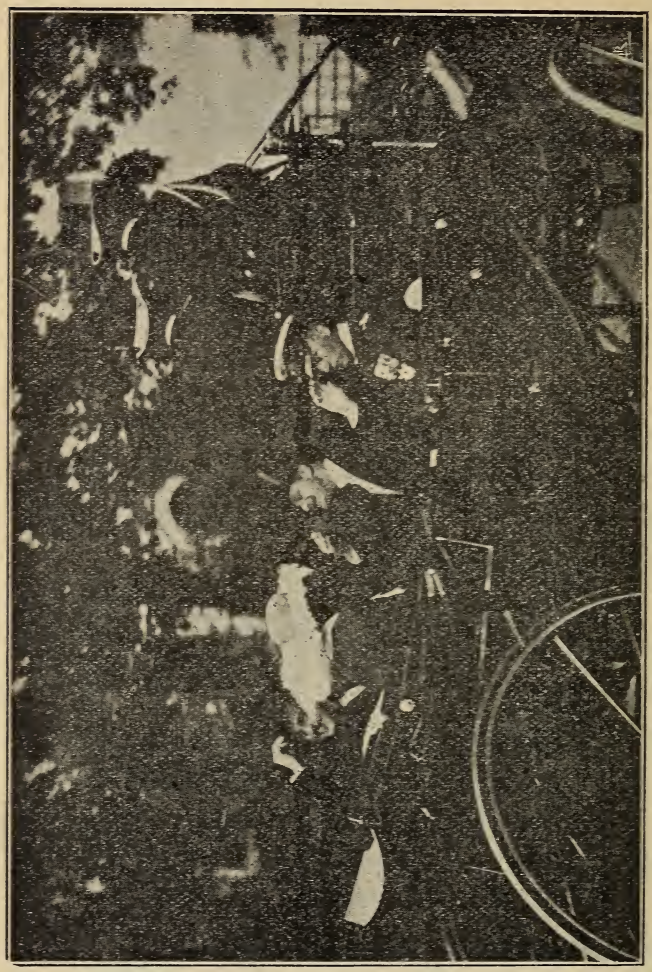
rebate; nesse dia 4 de setembro de 1913 o bronze, que tantas vezes clamára contra a turbulencia dos homens, cantava jubilosamente a alvorada de uma felicidade.

Sigmaringen, que tem já a poesia da velhice, parecia banhada d'esse grato e commovido sorriso, com que os velhos vêem a novidade transpôr o portico da ventura.

De manhã, os Noivos tiveram missa e commungaram, e ás onze horas, reuniram SS. MM. e os seus representantes na sala vermelha, onde o Conde de Eulemberg celebrou o casamento civil, cerimonia muito particular.

Mas fóra do Castello e nas proximidades da veneranda Igreja, uma imponente multidão de aldeãos, operarios, artifices, o bom povo de Sigmaringen, esperava o cortejo nupcial que os sinos da Parochial e de todas as mais Igrejas não tardaram a annunciar. E d'entre o povo — que emquanto esperava o cortejo se estivera recordando que a Princeza continuára as tradições de bondade e de caridade da Santa que fôra a Mãe, — sahiu esta commovida exclamação: — «Lá vem o nosso Anjo!»

Pelo braço de El-Rei D. Manoel, de casaca e calção, com a liga da Jarreteira e a Grão-Cruz



SS. MM. El-Rei D. Manoel e a Rainha Augusta Victoria, acompanhados do Principe Hohenzollern e do Marquez de Lavradio vão á estação de Sigmaringen esperar a Rainha D. Amelia

das Tres Ordens, num halo de brancuras immaculadas de rendas e setins, appareceu a Princeza Augusta Victoria que dir-se-hia, na verdade, uma

dôce apparição suspensa das azas brancas do seu manto de noiva.

Ao passo que o primeiro par do cortejo nupcial perpassava pela alcatifa que ligava a escadaria do Castello á porta do Templo, sob o alpendre de verdura que abobadava o curto trajecto, o povo ia distinguindo melhor a ideal imagem que os céus e os povos da terra acclamariam deslumbrados: uma roupagem de sêda marfinada, com reflexos mates, deslisando dos hombros em ondulações de tulle branco, e cintada pelas rendas da corôa Hohenzollern, rematadas na frente do busto por um gracioso florão das mesmas rendas; a tunica, terminada por uma cauda muito curta, era decorada por motivos das mesmas rendas preciosas; sobre o nimbo d'oiro dos cabellos, o véu nupcial em rendas da corôa, mosqueado de delicadas flôres, o véu que serviu ao casamento da Senhora Infanta D. Antonia, — avó da Princeza Augusta Victoria, — ha cincoenta e dois annos! Segurava a preciosa redoma de renda uma corôa de myrthos e o diadema com flôres de liz em diamantes, offerecido pelo Principe Guilherme de Hohenzollern; pregado aos hombros pelas duas maravilhosas joias do presente de Lisboa, uma em brilhantes e saphyras, tendo escripto «Pelo Rei», outra

em brilhantes e esmeraldas tendo a inscripção «Lisboa», nascia, como duas azas argenteas, o manto de brocado de prata a que pegavam tres damas da Côrte.

Seguiam-se: os dignitarios de S. M. El-Rei — Conde de Sabugosa, Conde de Tarouca, Duque de Palmella, Marquez de Lavradio, Visconde d'Asseca, Alfredo de Castro, e depois:

S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern e S. M. a Rainha D. Amelia.

S. A. I. o Principe Augusto Guilherme da Prussia e S. A. R. a Grã-Duqueza de Baden.

S. A. R. o Principe de Galles e S. A. R. a Duqueza de Aosta.

S. A. R. o Duque de Genova e S. A. R. a Infanta de Hespanha.

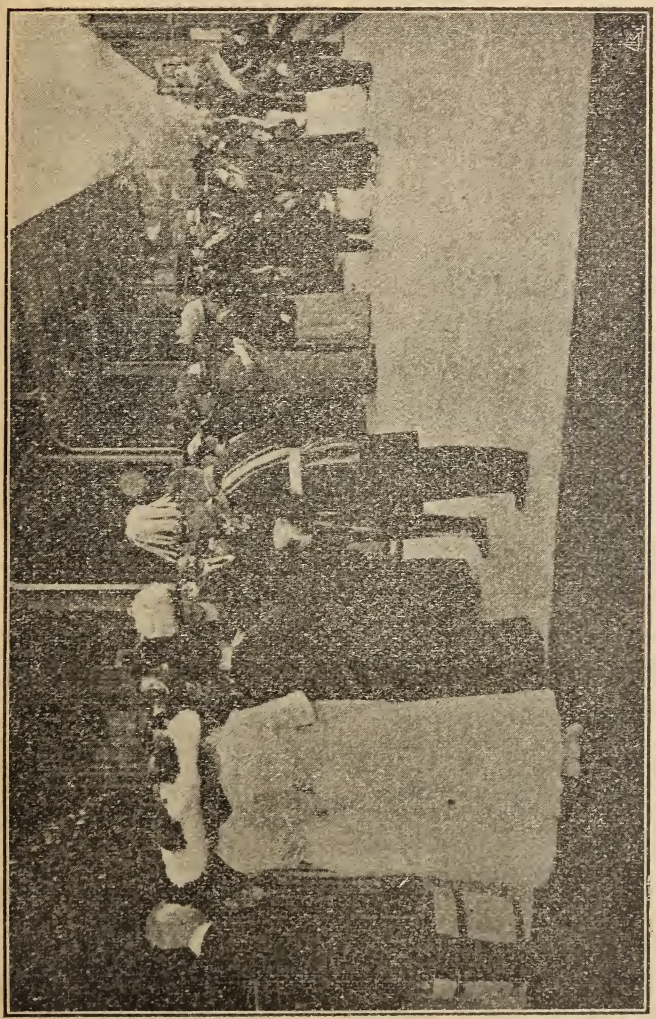
S. A. R. o Infante D. Carlos de Hespanha e S. A. R. a Princeza Carlos de Hohenzollern.

S. A. R. o Principe João Jorge de Saxe e S. A. S. a Princeza Frederico de Hohenzollern.

S. A. R. o Grã-Duque de Baden e S. A. R. a Duqueza de Vendôme.

S. A. R. o Duque de Saxe-Coburgo-Gotha e S. A. a Princeza Estephania de Hohenzollern.

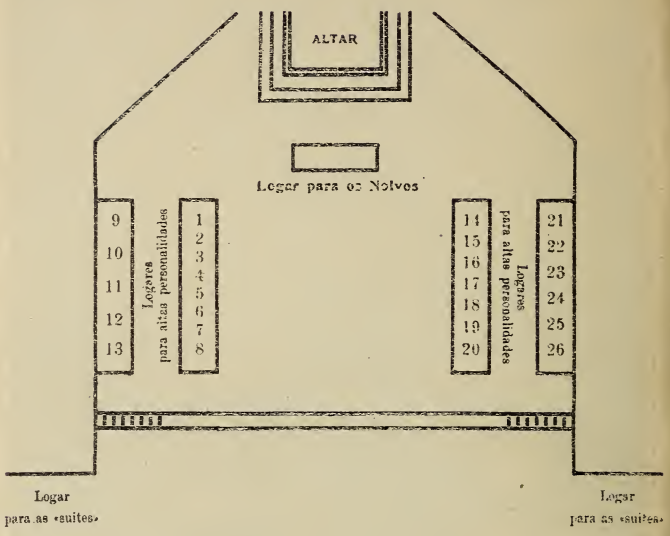
S. A. R. o Duque de Montpensier e S. A. a Princeza Maria Antonieta de Hohenzollern.



Chegada de S. M. a Rainha D. Amelia á estação de Sigmaringen

S. A. R. o Duque do Porto e S. A. o Principe Carlos de Hohenzollern.

CROQUIS DA EGREJA



1. S. M. a Rainha D. Amelia.
2. S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern.
3. S. A. R. a Duqueza de Aosta.
4. S. A. R. o Principe de Galles.
5. S. A. R. a Princeza Carlos de Hohenzollern.
6. S. A. R. o Infante de Hespanha.
7. S. A. R. a Duqueza de Vendôme.
8. S. A. R. o Grão-Duque de Baden.
9. S. A. R. o Duque de Coburgo Gotha.
10. S. A. a Princeza Estephania de Hohenzollern.
11. S. A. R. o Duque do Porto.
12. S. A. o Principe Carlos de Hohenzollern.
13. S. A. o Principe Herdeiro de Hohenzollern.
14. S. A. R. a Grã-Duqueza Luiza de Baden.
15. S. A. I. o Principe Augusto Guilherme da Prussia.
16. S. A. R. a Grã-Duqueza Hilda de Baden.
17. S. A. R. o Duque de Genova.
18. S. A. R. a Infanta de Hespanha.
19. S. A. a Princeza Frederico de Hohenzollern.
20. S. A. R. o Principe João Jorge de Saxe.
21. S. A. R. o Duque de Montpensier.
22. S. A. a Princeza Maria Antonietta de Hohenzollern.
23. S. A. R. o Duque de Aosta.
24. S. A. R. o Duque de Vendôme.
25. S. A. o Principe Francisco José de Hohenzollern.
26. S. A. o Principe Alberto de Hohenzollern.

S. A. R. o Duque de Aosta e S. A. R. o Duque de Vendôme.

S. A. o Principe Francisco José de Hohenzollern, S. A. o Principe Frederico de Hohenzollern e S. A. o Principe Alberto de Hohenzollern.

Atraz de cada par, tomavam lugar no cortejo, as respectivas comitivas, destacando-se as personalidades portuguêsas, os palatinos com as suas fardas de officiaes-móres, os homens publicos de casaca, ostentando as grã-cruzes de Aviz, da Conceição e de S. Thiago.

O cortejo, precedido pelo Principe Intendente da Côrte, Conde de Wangenheim, descêra a escadaria principal e atravessára o pateo do Castello. Á porta da Igreja foram os Regios Noivos esperados pelo Cardeal Netto, revestido das suas purpuras, assistido de todo o clero, e grande numero de frades Benedictinos com cirios accêsos.

O Cardeal deu a agua-benta aos Noivos que entraram o templo debaixo do pallio, que era feito do vestido de casamento da Senhora Infanta D. Antonia.

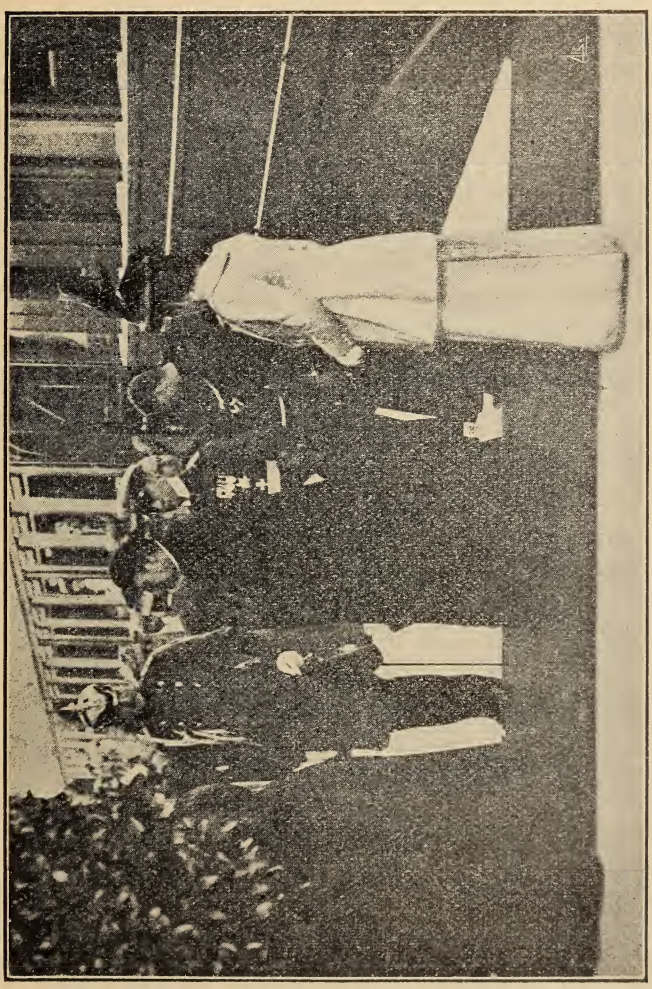
O cortejo desfilou pelo meio da Igreja, até ao altar-mór, com o Cardeal Netto e o Superior do Ermiterio de Maria á frente, emquanto o orgão entoava a Marcha Nupcial do *Lohengrin*:

*

Couple charmant
Dans cette église
L'amour vous attend!

SS. MM. os Noivos ajoelharam em almofadas de velludo carmezim, frente ao altar-mór; e á esquerda ficaram S. M. a Rainha D. Amelia, S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern, o Duque de Aosta, o Principe de Galles; á direita a Grã-Duqueza Luiza de Saxe, o Principe Augusto Guilherme da Prussia, a Grã-Duqueza de Baden, o Duque de Genova, observando a disposição préviamente indicada.

Logo que todos tomaram os seus lugares, S. Eminencia o Cardeal D. José Netto fez, em português; uma pequena allocução em que «pedia a benção dos céus para os Regios Noivos e para Portugal, esperando que esta união fosse mais um passo para o restabelecimento da Monarchia. E terminou dizendo que aquelle dia era de alegria para muitos, que iria enxugar muitas lagrimas d'aquelles que tinham dado os seus filhos e maridos para a Causa da Restauração, d'aquelles que por El-Rei soffriam as agruras do exilio, pois que para todos esses era um raio de esperança no futuro».



Chegada de S. Em.ª o Cardeal D. José Netto á estação de Sigmaringen.
Atraz, com a farda de official da marinha, um dos irmãos da Rainha Augusta Victoria

Depois o Cardeal desceu do throno, para casar os Noivos, sendo os padrinhos de El-Rei

D. Manoel: S. M. o Imperador da Allemanha, representado por seu filho o Principe Augusto Guilherme; S. M. o Rei de Inglaterra, representado por seu filho o Principe de Galles; S. M. o Rei de Hespanha, representado por seu cunhado o Infante D. Carlos; e S. A. R. o Senhor D. Affonso, Duque do Porto.

Com a mesma hieratica grandeza e a mesma voz com que, — quando da acclamação do successor de D. Carlos I, alto, hirto, nos degráus do throno, as lagrimas a correr-lhe em fio, clamava para os representantes da Nação: *Em nome do clero, da nobreza e do povo, viva El-Rei D. Manoel II!* — Sua Eminencia fez em português e assim as perguntas sacramentaes:

— «Sua Alteza a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern quer receber por seu legitimo esposo Sua Magestade El-Rei de Portugal o Senhor D. Manoel II?»

A magestatica vontade, paciente e tenaz, que modelou a grandeza da Prussia e creou a Roumania, enxugou o olhar azul que parecia ter-se turbado de emoção momentos antes, e em voz firme e muito alta, a Princeza Augusta Victoria respondeu em português:

— «Sim!»

— «Sua Magestade, — tornou a voz do Cardeal D. José Netto —, El-Rei de Portugal o Senhor D. Manoel II quer receber por sua legitima esposa Sua Alteza a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern»?

O Senhor D. Manoel, com a natural emoção do grandioso acto, um pouco pallido, mas em voz muito firme e muito alta, pronunciou:

— «Sim»!

E trocadas as allianças — de ouro português, e sem liga alguma, offerecidas pela Ex.ma Senhora D. Maria de Lencastre Wanzeller de Portugal — o Cardeal abençoou o enlace.

Então, sahiram as damas allemãs e foram occupar os seus logares, junto de Sua Magestade a Rainha Victoria, as quatro damas portuguêsas; a Duqueza de Palmella (titulo que desde esse dia passou a usar a senhora Marqueza do Fayal), D. Izabel Saldanha da Gama, Marqueza do Lavradio e a Viscondessa d'Asseca.

A seguir, o Principe Abbade Maria Einsiedelm-Thomas Bossart O. S. B. (ordem de S. Bento) dirigiu aos Regios Nubentos uma allocução em allemão, sobre o thema de S. Paulo: «*Sacramentum hoc magnum est, ego autem dico in Christo et ecclesia*». Começou por lembrar o enlace de D. Pe-

A CERIMONIA RELIGIOSA

dro V, nobre Rei, dotado das mais bellas qualidades de coração e de espirito, com a piedosa Princeza Estephania de Hohenzollern, e o do Principe Leopoldo de Hohenzollern com a Infanta D. Antonia, a mãe profundamente venerada do actual Principe reinante, Guilherme de Hohenzollern, tão popularmente querido em todo o principado.

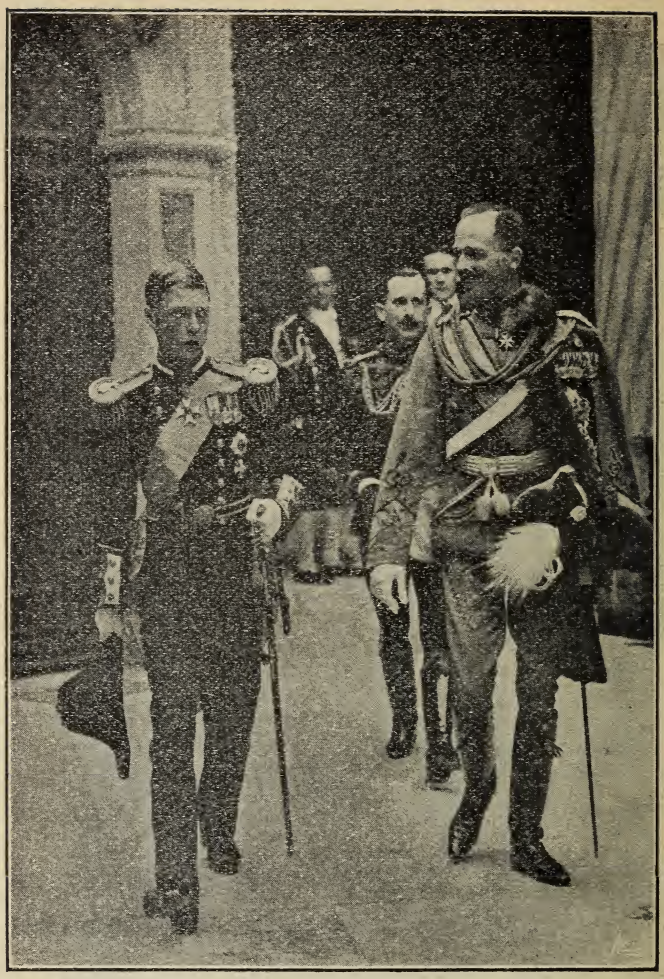
Invocou para os eggregios Noivos a bençam do santo martyr Meinrad, o fundador do mosteiro e da Santa-Capella, no nôno seculo (bençam que lhe fôra pedida em carta por S. A. R. o Principe de Hohenzollern) e rogou tambem a protecção de todos os Santos que oraram na cella de S. Meinrad. E o nobre prelado concluiu com estas palavras:

«É um mysterio cheio de graça, cada vez mais grandioso, cada vez mais bello, a sagrada união que Vossas Magestades veem de celebrar. Que elle seja para as Vossas Almas a salvação eterna, a Vossa felicidade, a felicidade de toda a Familia Real, e a felicidade do Vosso querido Paiz, o bello Portugal, pelos seculos sem fim da eternidade»!

Depois, o antigo Patriarcha de Lisboa — paramentado d'uma preciosa casúla, feita de um vestido que pertenceu á Imperatriz Josephina e depois á Rainha Estephania, e em cuja seda se

Cortejo á ida para a Igreja: S. M. a Rainha D. Amelia e S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern com o seu ajudante e a comitiva da Rainha Mãe

vêem bordadas as armas de Portugal e dos Hohenzollern —, celebrou missa rezada.



S. A. R. o Principe de Galles, fardado de official de marinha e o Duque de Saxe-Coburgo-Gotha, seguidos por Lord Cadogan, ajudante do herdeiro da Corôa de Inglaterra

No fim do Santo Sacrificio, houve o *Te-Deum* e o Cardeal Netto abençoou os Regios Noivos, em nome do Papa, que o incumbiu de officiar com todas as honras de legado pontificio, fazendo Sua Santidade saber que assim o determinava pela alta consideração por Sua Magestade Fidelissima e por especial deferencia para com S. M. o Imperador da Allemanha, o Chefe dos Hohenzollern.

Depois os orgãos entoaram outra vez os seus accordes celestiaes, e, tendo S. Eminencia o Cardeal Netto com o clero acompanhado os Nubentes até á porta, o cortejo refez o caminho para o Castello, tejadilhado pela sombra alacre das vinhas virgens.

Passando pelo Pateo de Honra, e grande escadaria, o cortejo povoou de pompa a já esplendorosa sala vermelha, onde os Recen-casados receberam os cumprimentos, desfilando todos os convidados por deante de Suas Magestades.

Terminada a recepção, serviu-se o almoço de gala.

A esse almoço, o Principe Guilherme de Hohenzollern, com uma ternura de Pae e uma elevação que só é de uso encontrar-se no verbo inspirado do Kaiser, pronunciou estas palavras grandiosas, vibrantes de sentimento, lindas, d'essa

DISPOSIÇÃO DA MEZA REAL [1]

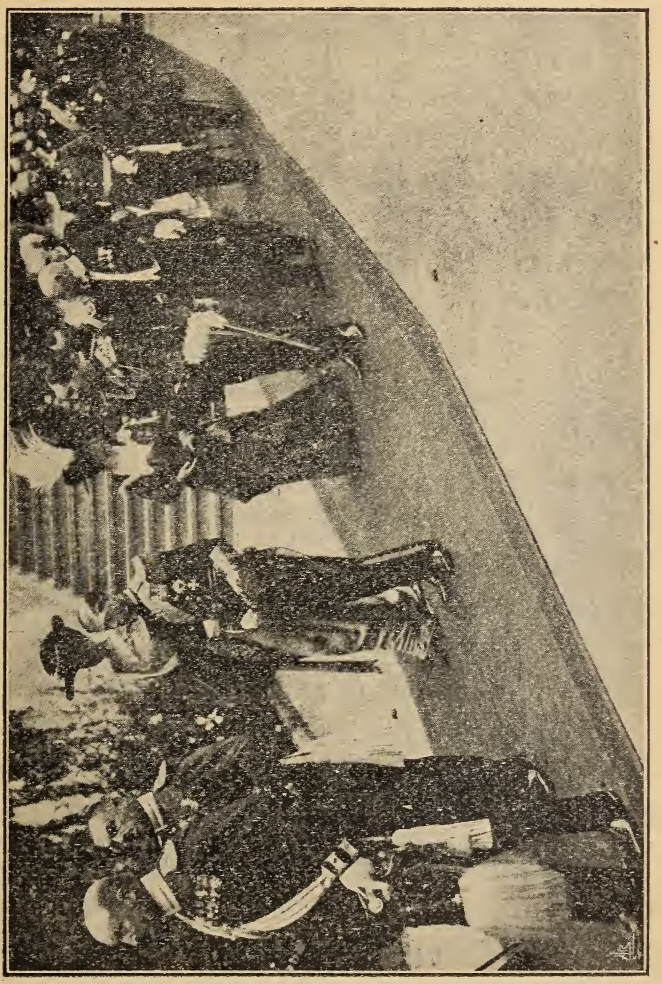
Mordomo-mór Conde de Spee

Almoço de gala na "Galeria Portugal", em 4 de Setembro de 1913

Conde das Galvêas.	Dr Schwafz.
Visconde d'Asseca.	Conde de Bruhl.
Marquez de Soveral.	S. Exc.ª Mr Luiz de Magalhães.
Mademoiselle Gortz.	Baroneza Goeler von Ravensburg.
Conde de Tarouca.	General Durr
Condessa Adelmann de Adelmannsfelden.	Baroneza von Bruck.
Duque de Luynes.	Marquez de Torrigiani.
Duque de Palmella.	Mademoiselle von Werner.
Condessa de Andlaw-Homburg.	Conde de Andlaw-Homburg.
Conde de Sabugosa.	Marqueza de Lavradio.
Madame Izabel Saldanha da Gama.	Principe Alberto de Hohenzollern.
Sua Eminencia o Cardeal Netto.	Condessa de Figueiró.
Condessa Matuska.	Principe Francisco José de Hohenzollern.
Duque de Vendôme.	Princeza Maria Antonietta de Hohenzollern.
Princeza Carlos de Hohenzollern.	Duque d Aosta.
Duque de Genova.	Princeza Frederico de Hohenzollern.
S. M. a Rainha D. Amelia.	O Infante D. Carlos de Hespanha.
S. M. El-Rei D. Manoel.	Grã-Duqueza de Baden
S. M. a Rainha Augusta Victoria.	Principe Augusto Guilherme da Prussia
S. A. R. o Principe Guilherme de Hohenzollern.	Duqueza d Aosta.
Grã-Duqueza Luiza de Baden.	Grão-Duque de Baden
Principe de Galles.	Infanta D Carlos de Hespanha.
Princeza Estephania de Hohenzollern.	Duque de Coburgo Gotha.
Principe João Jorge de Saxe.	Duqueza de Vendôme.
Duqueza de Palmella.	Duque do Porto
Duque de Montpensier.	Condessa de Sabugosa.
Marqueza de Torrigiani-Fry.	Principe Carlos de Hohenzollern.
Principe Herdeiro de Hohenzollern.	Marqueza de Aquila Real.
Condessa das Galvêas.	S. Exc.ª Mr. Ayres de Ornellas.
Conde de Eulemburgo.	Baroneza de Rackuitz.
Viscondessa d'Asseca.	Conde de Figueiró.
Abbade d'Einsiedeln.	Condessa de Bruhl.
Baroneza Geyr de Schweppenburg.	Mr. Alfredo de Castro.
Marquez de Lavradio.	S. Exc.ª Mr. Azevedo Coutinho.
Marquez de Meza de Asta.	Conde Adelmann de Adelmannsfelden.
Barão de Wangenheim.	Conde de Blumenthal

Barão Wangenheim

[1] Tanto no banquete de 3 de setembro como n'este almoço de gala havia outra mesa para as comitivas, e outros convidados. (*N. do Auctor*).



Outro trecho do cortejo á ida para a egreja: S. A. R. o Principe de Galles com S. A. R. a Duqueza de Aosta

lindeza que teem as palavras dos Paes quando estreitam a si um filho na hora commovida do Adeus;

«*Minha filha, bem amada! Tu acabas de celebrar para toda a vida a união que convinha ao teu coração, e vaes d'aqui a momentos deixar a casa paterna para seguires o teu marido. Comtigo, minha filha, vão o raio de Sol e a Castellã que era a alegria da casa, e se te faço hoje os meus mais ardentes e mais intimos votos de felicidade, não é sem o reconhecimento por tudo o que tu foste para mim, por todo o bem que a tua confiança fantil, e o teu fiel amor me deu. A partir de hoje tu pertencerás para sempre ao teu marido. Sè para elle um auxilio, um appoio, a companheira das suas alegrias e das suas dôres, alegremente prompta a todos os sacrificios. Sè a sua felicidade, o seu raio de Sol nos dias graves e penosos.*

«*E tu, meu querido Manoel, tu vaes conduzir ao teu lar a tua joven mulher, que te seguirá alegremente a toda a parte onde tu a quizeres levar. Esta união que em vossos corações só desperta uma radiosa esperança, impõe-te tambem sérios e graves deveres. Sè tambem para ella, o homem para quem se póde erguer os olhos com um feliz orgulho. Pela terceira vez, nestes cincoenta annos, as illustres e antigas casas de Portugal e Hohenzollern unem os seus destinos. O céu coroou de bençãos essas uniões e é de coração sincero que todos*

vos desejamos as mesmas bençãos e protecção do céu.

«*Aos nossos votos juntam-se as orações d'aquelles que o throno de Deus illumina, o da tua querida Mãe, minha filha querida, e o do teu bem-amado Pae, meu querido Manoel, que lá do alto vos contemplam e abençôam. Uma palavra ainda: adoptae para a Vossa Casa a divisa da minha Familia — Nihil Sine Dio* [1].

«*Um ultimo voto que todos nós reunimos num só grito:*

«*Vivam os jovens Esposos Sua Magestade El-Rei D. Manoel e Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria!*»

Não havia olhos que não estivessem razos de agua, semblante que não tivesse gravada a solemne emoção.

Dir-se-hia que aquelles ante-passados que povôam a majestosa sala dos retratos haviam descido das suas télas, e todos os Hohenzollern tinham vindo inspirar o Principe Guilherme, dictar a sua oração de cantor da alma da dynastia e de poeta das grandiosas virtudes do lar.

Dir-se-hia que as urnas, em que a Capella

---

1 *Nada sem Deus.*

O Cardeal esperando á porta da Igreja os Regios Noivos

Particular do Castello de Sigmaringem, guarda os corações de todos os Principes de Hohenzollern — menos o do marido da Princeza D. Antonia — se haviam descerrado, e que os corações de todos os

Hohenzollern se haviam ido envolver no coração do Principe Guilherme.

Dir-se-hia que a dôce Estephania acabava de beijar aquelle ar que o Principe Guilherme respirava, que a alma de El-Rei D. Carlos atravessára o espaço, que um hausto de maravilhoso wagneriano orchestrára a alma do Principe Guilherme, e espiritualisára todos os sêres.

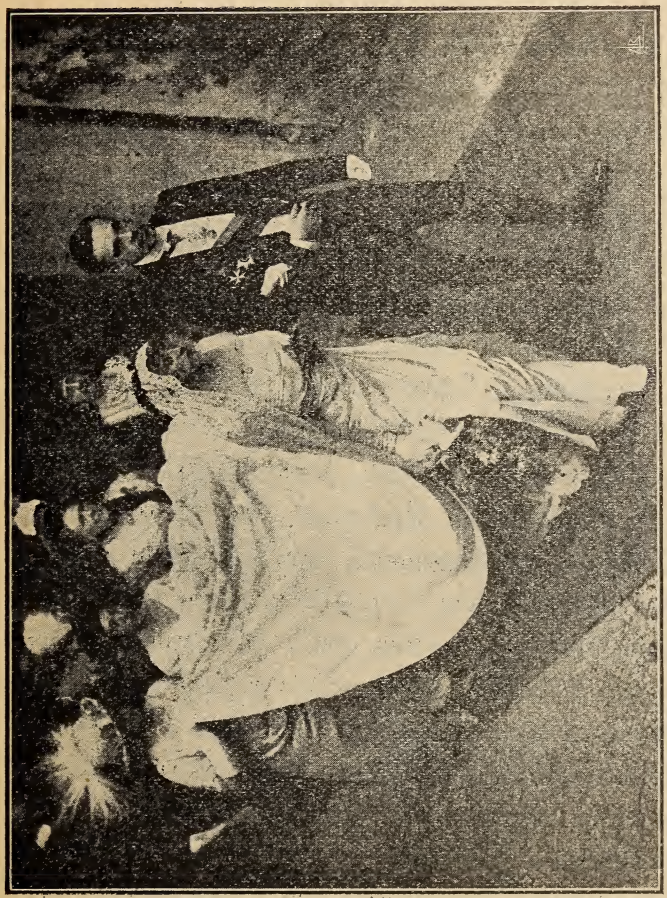
Ainda todas as almas estavam libando a dôce emoção d'aquellas palavras, repassadas da poesia que demora na alma germanica, vibrando d'esse *lieder* de amor paternal, em quem a affeição familial attingiu a grandeza religiosa do povo que, actualmente dos mais crentes, é por isso mesmo dos mais fortes; ainda todos os sentimentos agradeciam os minutos de enlevado e puro prazer que foi vêr os olhos de um Pae chorando as lagrimas felizes, debruçado da janella da esperança, a despedir-se da sua queridissima filha, da sua castellã, da dôce companhia da sua viuvez, do seu «raio de sol», quando a figura elegante do Senhor D. Manoel, prestigiada pela amargura, engalanada pelo seu poetico romance d'amor, se ergueu commovida, a agradecer o vaticinio venturoso ao grande coração do Principe Guilherme, seu grande e paternal Amigo, affirmando que ainda hoje é

abençoada em Portugal a memoria da Rainha Estephania, como em Sigmaringen é querida a Princeza D. Antonia, e confiando que Deus abençoará esta terceira alliança das Casas de Bragança e Hohenzollern.

Findo o almoço de gala, seguia-se a partida dos Regios Noivos, que já não assistiram ao banquete de gala marcado para as oito horas da noite, e ao qual só estiveram presentes S. M. a Rainha D. Amelia e os outros convidados.

Os Noivos partiam de tarde, acompanhados pelo Marquez de Lavradio, não para Portugal, onde a saudade e a alma d'um povo os chamava, como lh'o diziam os cinco mil telegrammas recebidos nesse dia em Sigmaringen e como lh'o confirmavam as missas rezadas em acção de graças, nalgumas cidades estrangeiras onde demoram exilados portuguêses e no paiz, de norte a sul, nos templos das cidades como nas capellinhas serranas, cujos sinos o governo republicano prohibira de tocar nesse dia, sob qualquer pretexto.

Com Portugal communicára nessa manhã o coração de El-Rei, enviando em telegramma a quantia de um conto de réis á Senhora D. Constança Telles da Gama, para ser distribuido pelos presos politicos pobres.



Voltando da cerimonia religiosa: Pegando ao manto da regia Noiva, vê-se da direita para a esquerda, as senhoras Duqueza de Palmella, D. Izabel Saldanha da Gama, Marqueza de Lavradio e Viscondessa d'Asseca

Suas Magestades iam partir em automovel para Ulm, a tomar o comboyo para Munich, onde passariam alguns dias num canto do mundo, retirados e felizes como quaesquer obscuros mortaes.

Só mais tarde irão para Inglaterra, onde El-Rei tomou de simples aluguer a historica Fulvell Park, em Twickenham, adeante de Richmond, propriedade que data de Jacques II, e onde residiram Tennyson, Dickens, Lord Bacon, Alexandre Pope e o Rei Luiz Filippe, cuja filha a Princeza Real Maria Amelia depois Rainha de Portugal, e mãe do actual inquilino, ali nasceu.

Deixando Abercorn-House tornado pequeno para o seu novo estado, El-Rei deixou em Richmond uma grata saudade, attestada pelo presente que o Concelho de Richmond lhe offereceu por occasião do seu casamento: um riquissimo candelabro em prata, em fórma de columna, estylo corinthio, tendo as armas reaes portuguêsas e as d'aquelle concelho, preciosidade artistica que será entregue a Sua Magestade por uma commissão de que faz parte o presidente da camara de Richmond e a sua mulher, logo que o Senhor D. Manoel chegar a Inglaterra.

A justiça d'este apreço que Richmond tão carinhosamente manifestou por El-Rei, teve uma prova publica: um artigo, do jornal radical *The Manchester Guardian,* que termina assim:

«Póde acrescentar-se que aquelles que o conhecem aqui (ao Senhor D. Manoel) fallam alta-

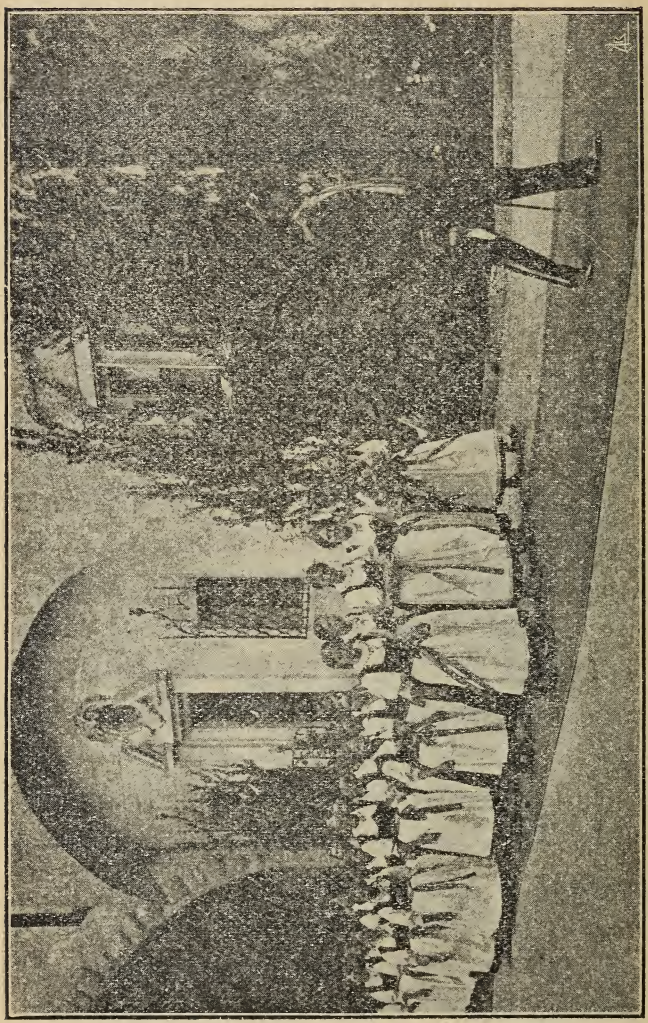
mente das suas maneiras encantadoras e grande tacto, e dá-se muita importancia ao facto de que, durante todo o tempo em que aqui tem estado, nem uma só vez se collocou em falsa posição; e entendem que, considerando todas as circumstancias, isto implica ser o seu tacto quasi egual ao genio».

Não deve ser das manifestações que menos lisongeiem El-Rei, a de se vêr tão bem julgado pelo povo inglez e pela população de Richmond.

Ao despedir-se do Principe de Galles, em Sigmaringen, Sua Magestade com certeza não deixou em espirito de se referir a essa consoladora prova de quan presado é no Reino-Unido, como na despedida do Principe Augusto Guilherme da Prussia, representante do Imperador, a *charme* de El-Rei D. Manoel com certeza que, sem o exprimir, não deixou de transmittir a boa impressão que Sua Magestade e os Portuguêses guardam da sua estada na Allemanha.

Antes de deixar Sigmaringen, entre o almoço e a partida, d'uma enternecida despedida se não deslembrou El-Rei: a da Princeza D. Antonia.

Como a delicada saude e o cansaço dos annos não houvessem permittido a S. A. R. a Princeza



Um grupo de camponezas, com os seus trajes regionaes vae saudar os Regios Noivos e entregar-lhes um ramalhete de flôres

D. Antonia assistir á longa cerimonia da celebração do casamento, os Regios Noivos assim que se

desobrigaram dos seus deveres officiaes correram a beijar a Avó.

A Princeza *Douarière* de Hohenzollern, que para nós Portuguêses é e ha de ser sempre a *nossa* Infanta D. Antonia, lá os esperava trémula e commovida no Palacio que habita desde que casou, e donde nunca quiz sahir, nem mesmo como Princeza Reinante, depois da morte do seu sogro, indo apenas ao Castello nas horas officiaes, e voltando logo para o seu ninho onde tudo falla de Portugal: os bustos em marmore de D. Pedro V, de D. Fernando, de D. Luiz I, que povoam uma das suas salas, o cofre azul, escrinio das photographias e das cartas da Familia portuguêsa, e mais que tudo o proprio coração da Princeza D. Antonia, sempre lembrado dos seus «presados portuguêses» como no dia (18 de maio de 1887) em que ao transpôr a fronteira portuguêsa se lhes referia no telegramma ao irmão e Rei D. Luiz, agradecendo a amizade que lhes sentira nessa visita a Lisboa.

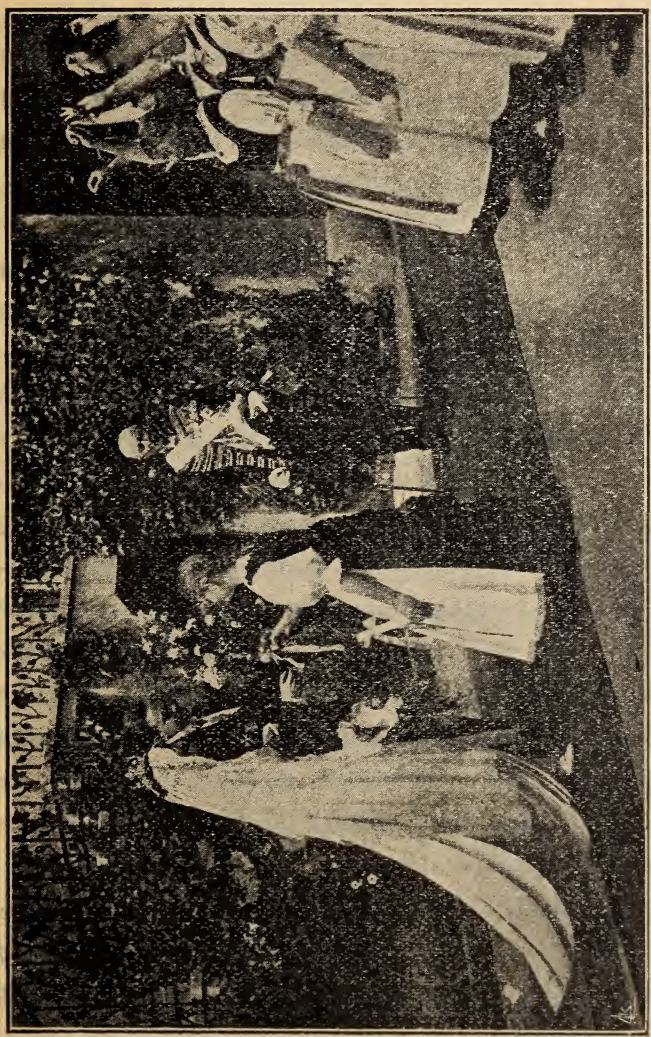
Essa saudade e esse amor fixe da Princeza D. Antonia á sua Patria está patenteado nas tradições portuguêsas que guarda o Castello de Sigmaringen, onde tudo falla e canta Portugal.

Mas, agora, nesta tarde de 4 de setembro de

1913, como se não sentiria a Princeza D. Antonia transplantada a Portugal, se tinha ali um bis-neto da sua Mãe levando pelo braço a sua joven mulher, que era a sua neta, que era outra bis-neta da sua Mãe!

Visita de recen-casados! se não houvera de fallar-lhe ao coração, á lembrança e á saudade. Por um dia lindo, assim, casára-a o Patriarcha de Lisboa, D. Manoel Bento Rodrigues; o noivo fôra de longe para a desposar, como de longe viera, agora, o noivo da sua neta; como a neta, ella fôra a pé do Paço das Necessidades para a capella, pelo braço de seu Pae. Dizem que fôra linda, a mais linda senhora do seu tempo em Lisboa. A Princeza D. Antonia fitou Sua Magestade a Rainha Augusta Victoria e, vendo-lhe o véo com que ella mesma casára, julgou rever-se a um espelho; mas — olhos de Avó! —, disse logo entre si: — «Não, não, a minha neta ainda é mais linda!»

E recordou, então, o nascimento da neta, no Palacio de Potsdam, onde o Pae era official do 1.º regimento da Guarda, toda aquella infancia querida: a camaradagem com os dois irmãos, de que Ella foi a protectora e a companheira, os estios passados com o enternecido avô o Principe Leo-



A entrega do ramalhête, depois da cerimonia

poldo no lindo castello de Kraükenwies, o ideal refugio da Princeza Augusta Victoria e dos Prin-

cipes seus irmãos, encantados com os passeios nos *ponneys* pelos magestosos bosques que continuam o magnifico parque de Kraükenwies, onde a sua neta começou a amar a natureza e a arte. Depois, as temporadas no Castello de Weinburg, rendilhado pelo Lago de Constança; o dia em que a Princeza Augusta Victoria, completára os seus quatorze annos, a separação imposta pelas necessidades de educação, aquelles tres annos e meio nas Salésias de Yangberg, na Baviera, onde a sua formosa alma fez das suas noventa companheiras outras tantas amigas, e onde voltou sempre que passou em Munich; mais tarde, já acabado o pensionato, a residencia em Berlim, onde o Principe Guilherme de Hohenzollern era ao tempo commandante de Brigada, e onde a futura Rainha Augusta Victoria consolidou e aprofundou a sua educação com os primeiros mestres, esmerando-se na litteratura, e recebendo de Monsenhor Midendorf lições sobre a historia da Igreja.

O passado regressava amavel e presto á simples evocação: parecia estar a vêr aquella Noiva vestida de branco, para a primeira communhão em Potsdam.

E mais tarde, mais perto agora, o Principe Guilherme de Hohenzollern deixára o serviço

activo e viera residir de todo para Sigmaringen. Oh! a grande alegria da Avó e da Neta. Já nada as separava, iam viver juntas, a rever-se e a beijar-se n'aquelle bello paiz Souabo! Foram, então, as partidas de *tennis,* os passeios a cavallo, os *picnics* para que a linda Neta cosinhava, a musica...

Só as separava, ás temporadas, mais do que a vida da côrte nos invernos de Berlim, a paixão da musica para ir a Munich ouvir concertos, embeber-se da grandeza toda-poderosa do seu Wagner. Mas era ida pela volta. E se chegava a vez da Avó partir, a Neta corria aonde Ella estivesse, fosse nos Alpes bavaros ou no bello scenario do Tyrol.

E mesmo depois de a Princeza Augusta Victoria haver substituido a Castellã — que a deixára orphã de mãe —, nunca um dia passou, sem a Avó ter a visita querida.

Como tudo correra velozmente! como se é depressa grande, feliz e bella, e se entristece e se envelhece!

Parecia que fôra hontem que a neta nascera em Potsdam.

E já alí estava a visital-a, pelo braço do esposo! A visital-a! Como todos os dias, nem no dia do casamento lhe faltára a visita da netinha.

Uma grande ternura lhe subiu do coração aos olhos — lagrimas que ao passarem pelos seus olhos azues se tornavam felicidades e alegrias. Ia a pegar-lhe ao collo, que é o throno onde os avós mais se desvanecem de vêr os netos.

Mas reparou que já não era o vestido branco da primeira communhão, mas o vestido do noivado.

E num beijo de despedida, a enternecida, a querida Princeza D. Antonia, a Avó da Rainha, pareceu querer aquecer para toda a ausencia os labios e o coração ao calôr amigo d'aquelle Raio de Sol.

Era tempo. Ás cinco horas o Raio de Sol deixava Sigmaringen, acalentando mesmo de longe as Almas Portuguêsas enregeladas pelas amarguras.

E a Avó, resignada e consolada, talvez a essa hora estivesse dizendo entre si:

— «Meus Presados Portuguêses! — Dei-vos o Raio de Sol que alumiava e aquecia os meus dias e os do meu Principe Guilherme. Faz-me falta. Mas confortar-me-ha a lembrança de que vae reanimar a vossa alma portuguêsa a alegria d'esta casa, o nosso querido Raio de Sol!

Copyright, 1913 by Joaquim Leitão.
— Reproducção e traducção interdictas.

FIM

INDICE

Pag.

Prefacio v

Capitulo I — As tres allianças 13

Capitulo II — Uma Portuguêsa da Côrte da Rainha Estephania 27

Capitulo III — O casamento de D. Pedro v com a Rainha Estephania 53

Capitulo IV — A Rainha Estephania na Historia e na Lenda 83

Capitulo V — O casamento de S. A. a Infanta D. Antonia com S. A. R. o Principe Leopoldo de Hohenzollern 105

Capitulo VI — D. Pedro v termina o seu reinado 123

Capitulo VII — O ajuste de casamento de El-Rei D. Manoel com S. A. S. a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern Sigmaringen. 149

Capitulo VIII — Ultima recepção de S. A. a Princeza Augusta Victoria aos habitantes de Sigmaringen 175

Capitulo IX — Chegada de Sua Eminencia o Cardeal Netto e dos Enviados das Casas Reinantes a Sigmaringen. 207

Capitulo X — Celebração do casamento de S. M. El-Rei D. Manoel, com S. A. a Princeza Augusta Victoria de Hohenzollern . . . 233

ERRATAS

Paginas	Linhas	Onde se lê	Deve ler-se
49	5	*Retentativa*	Retentiva.
49	8	*Muito* ajuda	Muita ajuda.
145	5	*1867*	1837.

D'esta obra publicou-se em Paris uma traducção franceza, com a devida auctorisação do auctor.

Joaquim Leitão

Collecção de volumes abrangendo o movimentado periodo da vida politica portugueza tragicamente iniciado em 1908, subordinada ao titulo generico

UMA EPOCA

I — **D. Carlos, o Desventuroso** (1908). 1 vol. broch. 2.ª edição 600

II — **Diario dos Vencidos** (1911). 1 vol. illustrado com o retrato de Frederico Pinheiro Chagas, broch. 800

III — **A Comedia Politica** (1911). Entrevista com os homens dos ultimos dias da Monarchia e com os dos primeiros dias da Republica. 1 vol. 700

IV — **Os Cem Dias Funestos.** Processo e condemnação do ultimo Presidente do Conselho de 1910, Antonio Teixeira de Souza, e do seu livro *Para a Historia da Revolução* (1912). 1 vol. broch. . . . . 1$000

Incursões Monarchicas

(Historia completa das duas incursões monarchicas desde a formação do grupo de emigrados da Galliza até aos internamentos em Cuenca, narração dos combates de Vinhaes, Cazares, Valença, Chaves e Soutelinho, e a emocionante narrativa das guerrilhas de Cabeceiras de Bastos. 6 volumes amplamente illustrados com photographias dos locaes, plantas das marchas e dos combates, e retratos das principaes figuras).

Primeira incursão

V — **Os Emigrados da Galliza** (Como se formou a Galliza).

VI — **A Columna de Couceiro** (A 1.ª Incursão).

Segunda incursão

VII — **Couceiro, o Capitão Phantasma.**

VIII — **Em Marcha para a 2.ª Incursão.**

IX — **O ataque a Chaves.**

X — **As Guerrilhas do Padre Domingos.**

XI — **As Allianças das Casas de Bragança e Hohenzollern** (Casamento d'El-Rei D. Manoel II).

XII — **Os que desappareceram** (Mouzinho d'Albuquerque, El-Rei D. Carlos, D. Luiz Fillippe, Rainha D. Maria Pia, Frederico Pinheiro Chagas e Fialho d'Almeida).

Em preparação:

O Cego das Romarias. Romance. (Estudo do Messianismo Nacional).

DEC

LIBRARY OF CONGRESS
0 021 636 714 5